

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Faculdade de Teologia

Marcos Vieira das Neves

**O encontro com Cristo nas ações litúrgicas:
no contexto da modernidade líquida**

Mestrado em Teologia

São Paulo
2018

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Faculdade de Teologia

Marcos Vieira das Neves

**O encontro com Cristo nas ações litúrgicas:
no contexto da modernidade líquida**

Mestrado em Teologia

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Teologia Sistemática, área de concentração em Liturgia, sob a orientação do Prof. Dr. Pe Valeriano Santos Costa.

São Paulo
2018

Banca Examinadora

*Dedico este trabalho ao meu Papai,
José A. Vieira das Neves,
e a minha mamãe,
Neuza Ap. T. das Neves,
os quais me proporcionaram
o encontro da vida.*

Bolsista

Mestrado com duração de cinco semestres, cursado com bolsa parcial, recebida da ADVENIAT, nos dois primeiros semestres e bolsa (taxa), recebida da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior) nos três últimos semestres.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, a Deus que me concedeu a graça de poder encontrar-me com esta pesquisa.

Aos meus pais que não mediram esforços para me ajudar financeiramente e dar ânimo para realizar o este mestrado.

Ao Padre Thiago Ap. Faccine Paro que me fez acreditar que eu era capaz e ao Padre Marcio Leitão que me proporcionou condições de me encontrar com esta pesquisa.

Ao povo da Paróquia Santa Teresinha do menino Jesus e a todos os amigos que compreenderam esta fase de estudos e de uma forma ou de outra colaboraram com este grande encontro.

Resumo

NEVES, Marcos V. **O encontro com Cristo nas ações litúrgicas no contexto da modernidade líquida (Bauman).**

Toda vida atual é encontro e ele se dá entre duas partes, o 'Eu' e o 'outro', sendo este outro um 'Tu' ou um 'Isso'. O encontro acontece em um contexto, que na atualidade é a modernidade líquida, que mudou radicalmente a forma de se relacionar. Neste sentido o encontro com Cristo nas ações litúrgicas transforma o ser humano e o leva a ter uma vida nova Nele, que, por conseguinte, também transforma o próprio mundo. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é dissertar sobre os conceitos de encontro, modernidade líquida e seus desafios para o encontro, presença e encontro com Cristo na liturgia e cultura do encontro como caminho de superação para o mundo atual. Para isso foi feita uma investigação bibliográfica nas obras de autores com Buber, Bauman, Giraud, Rahner, assim como em documentos do magistério e comentadores afins. Como resultado, elaborou-se uma visão sobre o conceito de encontro de um ponto de vista filosófico e teológico, assim como uma abordagem de aspectos da modernidade líquida e seus desafios, além de uma investigação do encontro e presença de Cristo nas suas cinco formas na liturgia, como exposto pela *Sacrosanctum Concilium*. Também se alcançou a visão de que os encontros nas ações litúrgicas provocam a 'cultura do encontro' que supera os desafios do mundo líquido moderno. Conclui-se que a mudança de mentalidade individual, que é necessariamente somada a dos outros seres humanos, é essencial para que a cultura do encontro aconteça e que alguns passos podem ser aprofundados para isso, como a questão dos cristãos leigos e leigas, a inculturação e os jovens.

Palavras-chave

Encontro, liquidez, presença, liturgia

Abstract

NEVES, Marcos V. **It meeting with the Christ in liturgical actions in the context of net modernity (Bauman).**

All current life is an encounter and it happens between two parts, 'I' and 'another', being this another 'You' or one 'That'. The meeting takes place in a context, that today is the liquid modernity, that radically changed the way to relate. In this sense the encounter with Christ in the liturgical actions transforms the human being and take the have a new life in Him, which, therefore, it also transforms the world. In this sense, the aim of this paper is to lecture on the concepts to the meeting, net modernity and its challenges for the meeting, presence and encounter with Christ in the liturgy and culture of the meeting as a way of overcoming the current world. For it was made a bibliographical research in the works of authors with, Buber, Bauman, Giraud, Rahner, as well as in magisterium and commentators alike. As a result, has drawn up a vision on the concept of a philosophical and theological point of view, as well as an approach of aspects of liquid modernity and its challenges, in addition to an investigation of the meeting and presence of Christ in its five forms in the liturgy, as exposed by the Sacrosanctum Concilium. It also reached that the meetings in the liturgical actions provoke the 'meeting culture' that overcomes the challenges of the modern liquid world. Thus it is concluded that the change of individual mentality, which is necessarily added with that of other human beings, It is essential to the culture of the meeting and that some steps can be fleshed out to that, such as issue of laypeople christians, the inculturation and young people.

Key word

Meeting, liquidity, presence, liturgy

ABREVIATURAS

AL	<i>Amoris Laetitia</i>
CIC	<i>Catecismo da Igreja Católica</i>
DA	Documento de Aparecida
DH	<i>Denzinger/Hunermann</i>
DV	<i>Dei Verbum</i>
EE	<i>Ecclesia de Eucharistia</i>
EG	<i>Evangelli Gaudium</i>
EN	<i>Evangelli Nuntiandi</i>
ES	<i>Ecclesiam suam</i>
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
LG	<i>Lumen Gentium</i>
LS	<i>Laudato Si</i>
MF	<i>Mysterium Fidei</i>
MR	Missal Romano
PO	<i>Presbyterorum Ordinis</i>
PD	<i>Placuit Deo</i>
SC	<i>Sacrosanctum Concilium</i>
SCa	<i>Sacramentum Caritatis</i>
VD	<i>Verbum Domini</i>
VS	<i>Veritatis Eplendor</i>

Sumário

Introdução	11
1. Capítulo: Encontro e modernidade líquida	13
1.1. O encontro	13
1.1.1. O Eu e Tu (Buber)	13
1.1.2. Encontro e relação	24
1.2. Contexto do encontro (Bauman)	30
1.2.1. Modernidade líquida.....	30
1.2.2. Desafios para o encontro	42
Capítulo II: encontro e presença a partir da <i>Sacrosanctum Concilium</i> 7	51
2.1. O encontro com Cristo presente na pessoa do ministro.....	51
2.2. O encontro com Cristo presente nas espécies eucarísticas	58
2.3. O encontro com Cristo presente nos sacramentos	66
2.4. O encontro com Cristo presente na palavra.....	71
2.5. O encontro com Cristo presente na comunidade reunida em Seu nome	80
3. O encontro com Cristo nas ações litúrgicas no contexto atual	88
3.1. Cultura do encontro como caminho sólido na liquidez – Buber, Bauman e Papa Francisco.....	88
3.2. Encontro e presença nas ações litúrgicas: perspectivas do Vaticano II.....	106
Considerações finais	121
Referências bibliográficas	125

Introdução

Esta pesquisa busca investigar o encontro com Cristo nas ações litúrgicas. O objetivo é, em um primeiro momento, dar uma visão do conceito de encontro – o que é um encontro em si – tanto do ponto de vista filosófico como teológico. O foco, ao dissertar sobre este conceito, é obter uma visão panorâmica sobre o objeto pesquisado. Em seguida, usando da mesma hermenêutica, investiga-se o contexto do mundo atual em que o encontro é realizado, o contexto do encontro. Depois, parte-se para uma pesquisa sobre as formas de presença de Cristo nas ações litúrgicas, observando como o encontro pode acontecer nelas, e finaliza-se com a apresentação da cultura do encontro como caminho de superação para os aspectos negativos do mundo líquido moderno – focando o Concílio Vaticano II como caminho de superação para a os desafios do mundo atual.

No primeiro capítulo, para se dissertar sobre o encontro, bebe-se das palavras-princípio investigadas por Buber, Eu-Tu e Eu-Isso. O autor de Viena ajuda a compreender o encontro como um diálogo, uma relação, um *entre*, que tem por característica o contato que acarreta responsabilidade e vínculo. Para ele o encontro acontece a partir de uma resposta a um chamado e é a partir do momento em que acontece o movimento recíproco de resposta que surge a responsabilidade. E a resposta a uma interpelação supõe a situação prévia de reconhecimento do outro em sua alteridade. Assim, não se vê mais o outro como um objeto destinado ao descarte.

Do ponto de vista mais teológico sobre o encontro, veem-se as obras de Giraudo e Rahner. Giraudo não só apresenta a questão do encontro em si mesmo, mas fala da questão da relação. Para ele a criação é um ato relacional e dá a vida ao homem. Ele acontece num Jardim, que significa “proteger, esconder, defender”, isto é, o vínculo relacional. Já em Rahner, vê-se que, se não fosse a fé de fato já vivida pelos homens em suas vidas, em suas comunidades, não se faria o encontro com o Cristo. Para ele todo encontro situa o homem em referência ao seu próximo e todo encontro aponta sempre para o evento salvífico histórico de Cristo, de sua morte e ressurreição.

Para compreender o contexto do encontro optou-se por dissertar sobre o pensamento de Zygmunt Bauman, passando por diversas de suas obras e também por comentadores. O autor polonês, falecido em 2017, em dezenas de obras faz uma análise de como se deu o que ele chama de passagem da modernidade “sólida” para a “líquida” que caracteriza a cultura

atual. Ele ajuda a repensar os conceitos e esquemas cognitivos usados para esclarecer a experiência individual e comunitária e, por conseguinte, compreender o contexto atual do homem moderno – o contexto em que se dá o encontro. Em seguida, a partir da análise sociológica dele, destacam-se alguns desafios relevantes que o mundo líquido atual apresenta e que necessitam ser superados.

No segundo capítulo, disserta-se sobre a presença de Cristo e o encontro com Ele nas suas diferentes formas de presença na Liturgia. Segundo a *Sacrosanctum Concilium* 7, Cristo está presente à sua igreja nas ações litúrgicas de cinco formas diferentes: na pessoa do ministro, pois quem O oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que então se ofereceu na cruz; nas espécies eucarísticas; nos sacramentos, pois quando alguém batiza é o próprio Cristo que batiza; na Sua palavra, pois é Ele quem fala quando se lê a Escritura na Igreja; na comunidade reunida em Seu nome, pois como prometeu *“pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou no meio dele”* (Mt 18,20).

No terceiro capítulo, investiga-se o encontro com Cristo nas ações litúrgicas no contexto atual. Na verdade, é feita uma releitura do que foi refletido no primeiro e segundo capítulos, relacionando-o com as indicações teológicas feitas pelo Papa Francisco. Isto é, busca-se apresentar, na primeira parte deste último capítulo, a cultura do encontro como caminho sólido a ser percorrido no meio de toda a liquidez do mundo moderno e, na segunda parte, investiga-se o Concílio Vaticano II, para apresentar a presença e o encontro com Cristo nas ações litúrgicas como caminho de superação dos desafios apresentados pelo mundo líquido moderno.

E por fim, encerra-se com uma conclusão que, embora feche a dissertação, abre-se para indicar novos temas, dignos de se tornarem objetos de pesquisa, como a questão dos cristãos leigos e leigas e o seu papel de transformação do mundo, a inculturação no mundo moderno e os jovens, que clamam por modelos consistentes que os formem.

1. Capítulo: Encontro e modernidade líquida

1.1. O encontro

1.1.1. O Eu e Tu (Buber)

Ao falar de encontro não se pode deixar de lado o pensamento de Martin Buber, pois ele é de grande relevância e influência na área de filosofia, teologia e ciências humanas. Seu pensamento é importante para esta investigação, porque ele o desenvolve em torno do encontro dialógico – a relação.¹ Para Buber, a relação é a palavra em ato, muito mais do que o *logos* dos gregos. Poder-se-ia dizer que o que este pensador, talvez mais teólogo que filósofo, quer mostrar com suas investigações está mais para o *dabar* da Bíblia.²

A relação pode ser expressa de diversas formas, porém sempre convergindo ao sentido palavra-ato.³ Os diferentes termos que podem ser usados para expressá-la são: diálogo, relação essencial, entre, e o que mais chama a atenção nesta pesquisa, que é encontro.⁴ A ideia de encontro é essencialmente uma ontologia da relação. Para Buber, no princípio está a relação, a qual não é conduzida pelo homem, mas o conduz – ele faz-se homem e situa-se no mundo com os demais seres humanos pela relação.⁵

Marcando modos de ser no mundo, as palavras princípio são formas de o homem responder à realidade que inevitavelmente requer um posicionamento. O Eu que se abre para um Tu não é como o eu que se relaciona com um Isso, ou seja, o que fundamenta a forma de ser é a forma de relacionamento. Assim, as palavras-princípio conceituam as diferentes relações, as diferentes formas da pessoa estar no mundo. Eu-Tu e Eu-Isso são inseparáveis e alternando-se sempre a cada relacionamento marcam o movimento humano.⁶

O Eu-Tu e o Eu-Isso são palavras-princípio.⁷ O diálogo é o lugar do encontro – *entre* é o lugar do encontro, do diálogo, da relação, onde o espírito habita.⁸ Desta forma, o conceito

¹ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro, 2001. p. 51.

² ZUBEN, Newton Aquiles von. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. Bauru, SP: EDUSC, 2003. p.11.

³ SOUZA, Vitor Chaves. A Religião do encontro: a ética de Martin Buber. *Revista Theos*. Campinas: v. 6, n. 02, p. 5, 2011.

⁴ ZUBEN, Newton Aquiles von. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. p.11.

⁵ MARCONDES FILHO, Ciro. *O princípio da razão durante: diálogo, poder e interfaces sociais da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2011. p. 37-38.

⁶ Cf. BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 51.

⁷ Cf. CARRARA, Ozanan Vicente. A relação em Martin Buber. *Mimesis*. Bauru: v. 23, n. 1, p. 83, 2002.

⁸ MARCONDES FILHO, Ciro. *O princípio da razão durante: diálogo, poder e interfaces sociais da comunicação*. p. 38.

de encontro designa aquilo que de essencial acontece entre seres humanos e entre o Homem e Deus. Sendo a relação o fato primitivo, cujo escopo último é apresentar a vida em diálogo.⁹

O importante, mesmo que basicamente, em um primeiro momento, é compreender as palavras-princípio Eu-Tu e Eu-Isso, para, em cima deste alicerce, ir construindo as colunas e vigas que sustentam e abarcam todas as nuances de sentido que tais palavras carregam. Estes conceitos-chave das duas palavras-princípio são fundamentais nesta investigação, mesmo que, em um determinado ponto, se observe que o estudo se atenha mais na questão do Eu-Tu, sem uma visão da palavra Eu-Isso.

A palavra princípio Eu-Tu conceitua o encontro por uma atitude ontológica, onde há o contato recíproco e marcado pela confirmação mútua entre dois parceiros, sendo que nas relações humanas nunca se tem o Eu isolado e todo o início parte de um Tu. O Tu é a fonte primordial, enquanto que o Isso é sempre posterior a ele. A palavra princípio Eu-Isso, por sua vez, diferente da Eu-Tu, é marcada por processos de experiência e de utilização, de pessoas e objetos, e refere-se a uma atitude cognitiva e/ou objetivante.¹⁰

No pensamento de Buber, o Tu não é só positividade e nem é necessariamente uma pessoa. O Tu é, em princípio, qualquer ser que esteja presente no face a face.¹¹ Desta forma, o Tu pode ser um bicho, um homem, uma planta, uma obra de arte, um objeto qualquer, ou mesmo Deus.¹² Por exemplo, se o Eu se depara com uma árvore e entra em relação com ela, aparentemente o Eu que está só consigo mesmo, ao encontrar a árvore, tão logo encontrará a si próprio, fazendo, assim, com que a árvore deixe de ser um Isso e passe a ser um Tu.¹³

O Isso, por sua vez, não é só negatividade e não é necessariamente uma coisa ou animal ou vegetal. O Isso é atitude do homem diante do mundo, relação que ele dirige conhecendo, transformando, intervindo. As relações Eu-Isso, é que levam às aquisições científicas, tecnológicas, estéticas. Porém não são tão positivas na medida em que o Isso pode ser uma pessoa, pois as relações Eu-Isso significam também ver o outro como objeto de uso,

⁹ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 28-29.

¹⁰ MARCONDES FILHO, Ciro. *O princípio da razão durante: diálogo, poder e interfaces sociais da comunicação*. p. 41.

¹¹ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 59.

¹² MARCONDES FILHO, Ciro. *O princípio da razão durante: diálogo, poder e interfaces sociais da comunicação*. p. 41.

¹³ BUBER, Martin. *Encontro: Fragmentos autobiográficos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 38.

de conhecimento, de experiência.¹⁴ O Isso é atitude do homem diante do mundo, relação em que ele opera conhecendo, transformando, intervindo.¹⁵

Comentando Buber, Zuben elucida esta questão do Eu-Isso da seguinte forma:

Em si o Eu-Isso não é um mal; ele se torna fonte de mal, na medida em que o homem deixa subjugar-se por esta atitude, absorvido em seus propósitos, movido pelo interesse de pautar todos os valores de sua existência unicamente pelos valores inerentes a esta atitude, deixando, enfim, fenecer o poder de decisão e responsabilidade, de disponibilidade para o encontro com o outro, com o mundo e com Deus.¹⁶

A questão antropológica que move o autor de Viena, *Eu e Tu*, o sentido da existência, mais que uma metafísica ou uma teologia sistemática, é uma reflexão sobre a existência humana, onde se pode ver que tudo está integrado, inclusive a questão de Deus – o Tu eterno que nunca poderá ser um Isso.¹⁷ Deus é, no pensamento de Buber, o Tu ao qual o homem pode falar e nunca algo sobre o qual ele discorrerá sistemática e dogmaticamente.¹⁸

Na questão de Deus, Buber contribui com essa pesquisa de maneira vertiginosa, pois a intuição fundamental de seu pensamento é entender o novo tipo de relação que o homem pode ter com Deus. Nesta questão, o fundamental é o pensamento de que para o homem não importa (ou pelo menos não deveria importar) o que Deus é em essência, mas, sim, o que Deus é em relação a ele, homem.¹⁹

Buber desenvolve a problemática sobre Deus superando a dicotomia sagrado-profano, através da realidade da existência humana. Para ele, Deus é Aquele com o qual o homem pode estabelecer uma relação interpessoal. Deus é o Tu eterno, no qual, se prolongadas, todas as linhas das relações se entrecruzam; onde cada Tu individualizado é uma perspectiva para ele; onde cada relação Eu-Tu individualizada invoca o Tu eterno.²⁰

¹⁴ MARCONDES FILHO, Ciro. *O princípio da razão durante: diálogo, poder e interfaces sociais da comunicação*. p. 41-42.

¹⁵ Cf. CARRARA, Ozanan Vicente. A relação em Martin Buber. *Mimesis*. Bauru: v. 23, n. 1, p. 83-85, 2002; MARCONDES FILHO, Ciro. No diálogo com o outro, a crisálida pode tornar-se borboleta, a comunicação tem chance de acontecer: sobre Martin Buber. *Em Questão*. Porto Alegre, v.14, n.1, p. 100, jan./jun. 2008.

¹⁶ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 35.

¹⁷ SOUZA, Vitor Chaves. A Religião do encontro: a ética de Martin Buber. *Revista Theos*. Campinas: v. 6, n. 02, p. 8, 2011.

¹⁸ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 29.

¹⁹ ZUBEN, Newton Aquiles von. Tu Eterno e religiosidade no pensamento de Martin Buber. *Horizonte*. Belo Horizonte: v. 3, n. 38, p. 948, 2015; BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 29.

²⁰ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 99.

O homem é um ente de relação e a relação é essencial ou fundamento de sua existência, afirma Buber. Entretanto, o mérito que lhe cabe, diferenciando-o dos demais pensadores fenomenológicos, é o fato de ele ter posto, de modo definitivo, claro, e radical, as duas atitudes distintas do homem, definindo as palavras-princípio Eu-Tu e Eu-Isso. As atitudes múltiplas que o homem pode apresentar no mundo, que também é múltiplo, são atualizadas por uma dessas duas palavras-princípio.²¹ E, uma vez proferida/vivida uma dessas palavras-princípio, ela fundamenta o modo de existir do homem.²²

A relação ou encontro dialógico, se assim desejasse chamar, é a palavra em ato com a força instauradora do ser. Este encontro, esta relação, este *entre*, no contato vivido, acarreta vínculo, responsabilidade. O encontro verdadeiro exige a situação de dirigir a palavra e responder ao apelo, o que leva à responsabilidade. Isto é, ao se dirigir ao outro, tal situação exige do outro uma resposta a essa interpelação, e, se esta resposta for abertura ao encontro, então ela será um reconhecimento do outro em sua alteridade – a resposta a uma interpelação supõe a situação prévia de reconhecimento do outro em sua alteridade.²³

Sobre a responsabilidade no contato vivido podemos afirmar com as próprias palavras de Buber:

A responsabilidade pressupõe alguém que se dirige a mim de uma forma primária, isto é, de um âmbito independente de mim mesmo, e a quem eu devo prestar contas. Ela se dirige a mim a respeito de algo que me confiou e de cuja tutela estou incumbido. Ele se dirige a mim no âmago da sua confiança e eu respondo na minha lealdade ou recuso-me a responder na minha deslealdade ou então, tendo caído eu na deslealdade, me liberto à força pela lealdade da resposta. Eis a realidade da responsabilidade: prestar contas daquilo que nos foi confiado, diante daquele que no-lo confiou, que lealdade e deslealdade venham à luz do dia, mas não ambas com o mesmo direito, já que precisamente agora permite-se à lealdade renascida dominar a deslealdade. Lá onde nenhuma reivindicação primária pode me tocar, pois tudo é ‘Minha propriedade’. A responsabilidade tornou-se um fantasma. Todavia, dissolve-se com isto, ao mesmo tempo, o caráter de reciprocidade da vida. Quem cessa de dar a resposta, cessa de ouvir a palavra.²⁴

Importante observar que Buber descreve de várias formas o fenômeno da relação e emprega termos como: diálogo, relação essencial, encontro. Entretanto, pode-se observar que o sentido deles não é o mesmo. No caso dos termos encontro e relação, constata-se que encontro é algo que acontece atualmente, é algo atual, enquanto que relação engloba o

²¹ PFEFFER, Renato Somberg. Martin Buber e Emmanuel Lévinas: semelhanças e distanciamentos. *Caminhos*. Goiânia, v. 13, n. 1, p. 187, 2015; BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 30.

²² BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 30.

²³ ZUBEN, Newton Aquiles von. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. p. 11-12.

²⁴ BUBER, Martin. *Do Diálogo e Do Dialógico*. São Paulo: Perspectiva S.A., 1982. p. 84-85.

encontro, porém abrindo a possibilidade de latência – a relação possibilita a atualização do encontro, faz com que o encontro seja sempre novo.²⁵

E, aqui, a partir do supracitado, caberia dizer que o conceito de atual está ligado ao de presença. Presença é o mesmo que ‘em presença de’, estar presente, por inteiro, o instante atual em oposição à ideia de passado e futuro, transcendendo a noção de tempo e espaço. Assim, vida atual é vida de encontro, atuante, de presença efetiva, já que encontro autêntico só é possível na presença.²⁶

Na questão do termo relação, ainda se poderia dizer que, mesmo durante o relacionamento Eu-Isso, o homem guardaria a chance de uma nova relação, tendo, assim, a possibilidade de atualização do encontro.²⁷ A relação com o outro faz com que ele deixe de ser um fenômeno de meu Eu para ser o meu Tu. Só neste nível é possível experienciar a realidade do falar-com-alguém, na inviolável autenticidade da reciprocidade.²⁸

O fenômeno do inter-humano tem sua forma explicativa no dialógico. “*Inter-humano implica a presença ao evento de encontro mútuo*”.²⁹ Não tem como falar em atualização do fenômeno da relação sem falar em reciprocidade. Presença significa ser presentificado e presentificar. Desta forma, o ‘entre’ é categorizado como dimensão ontológica, onde são alcançadas a aceitação e a confirmação ontológica das duas extremidades envolvidas no evento da relação.

Até este ponto, pode-se dizer, então, que o “entre” acontece quando uma parte se dirige a outra e esta outra responde ao apelo da parte que a chama de respondedor. Assim, fica instaurada uma responsabilidade que só permanece existindo enquanto houver resposta. Entretanto, por a resposta supor o prévio reconhecimento do outro em sua alteridade, o grau e a abertura desse estar no entre, num complexo mundo de horizontes e possibilidades, determinam o tipo de relação.³⁰

Neste complexo mundo de horizontes e possibilidades, pode acontecer o estabelecimento de determinado distanciamento, alargando o espaço entre as partes, resultando daí o fato de tornar o outro um objeto de experiência – um Isso. O movimento

²⁵ Cf. ZUBEN, Newton Aquiles von. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. p. 141-158; BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 32.

²⁶ CARRARA, Ozanan Vicente. A relação em Martin Buber. *Mimesis*. Bauru: v. 23, n. 1, p. 86, 2002.

²⁷ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 32.

²⁸ CARRARA, Ozanan Vicente. A relação em Martin Buber. *Mimesis*. Bauru: v. 23, n. 1, p. 87, 2002.

²⁹ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 32.

³⁰ ZUBEN, Newton Aquiles von. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. p.11-20.

contrário também pode acontecer; a distância pode ser diminuída, ou, até mesmo, ser eliminada, fazendo com que o outro se torne um Tu.³¹

O movimento de diminuição de distância, a resposta à palavra, é entrar em relação. E é este movimento que faz com que o homem se torne homem no encontro. Buber, atento em não perder o contato com a realidade multifacetada e em contínua transformação, baliza todas as suas reflexões em suas numerosas obras para a questão do ser humano. Ele apela a cada indivíduo para que ouça a Voz e responda com prontidão. Entra aqui a categoria da disponibilidade.³²

Buber diz que não se procura o encontro dialógico. Ele acontece gratuitamente para quem está disponível. Como uma baliza ontológica, o ‘estar-disponível’ é a abertura para o outro.³³ É como se o Tu não pudesse ser buscado; ele é encontrado ‘de graça’, sem que exista uma ação de interesse nesta direção por parte do Eu. Isto é verdadeiramente uma atitude de abertura, disponibilidade, a experiência da relação. Esta atitude acontece inesperadamente, gratuitamente, uma vez que o Tu não pode ser ordenado no espaço e no tempo. Porém, a possibilidade da continuidade de tal experiência singular é garantida pelo que Buber chama de ‘latência do Tu’.³⁴

Sobre esta questão Zubem explica o pensamento de Buber:

Durante os momentos ordenados da atitude Eu-Isso, mundo no qual transcorre a maior parte da vida do homem, o Eu está sendo sustentado pela lembrança do Tu e pode novamente voltar a vivenciar um momento de relação Eu-Tu. No entanto, permanece obscura a conexão entre os momentos fugazes de Eu-Tu: cada ‘presente’ parece destinado a se tornar ‘passado’.

O mundo do Eu-Tu exige, então, uma sustentação, uma espécie de âncora. Os momentos de relação Eu-Tu devem estar ligados por uma ‘presença’, por um confrontante ‘presente’, que não pode se tornar passado. Somente assim os momentos de ‘presença’, de encontro dialógico, poderiam fundar sua existência e permanência. Esse fundamento resguardaria os eventos de ‘presença-Tu’ de serem absorvidos ou engolfados pelo mundo do Isso.³⁵

³¹ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 27-49.

³² GOMES, Pedro Braga. *A Filosofia do Relacionamento. Revela*. Praia Grande, SP: v. 3, n. 6, p. 4, 2010.

³³ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 32.

³⁴ SOUZA, Vitor Chaves. *A Religião do encontro: a ética de Martin Buber. Revista Theos*. Campinas: v. 6, n. 02, p. 8-9, 2011; ZUBEN, Newton Aquiles von. *A questão do inter-humano: uma releitura de Eu e Tu de Martin Buber. Síntese*. Belo Horizonte, v. 35, n. 111, p. 103-104, 2008.

³⁵ ZUBEN, Newton Aquiles von. *A questão do inter-humano: uma releitura de Eu e Tu de Martin Buber. Síntese*. Belo Horizonte, v. 35, n. 111, p. 104, 2008.

A relação, a atualização do encontro, estabelece uma forma de ser-no-mundo. Porém, as duas formas de atualização, Eu-Tu e Eu-Isso, acabam por deixar uma diferença no modo ontológico do outro. Para Buber, o Tu é originário, por isso, então, o fundamento cabe à palavra princípio Eu-Tu. O Tu se apresenta ao Eu como a sua condição de existência, visto que não há Eu em si. O Eu se torna Eu em virtude do Tu, logo, o si-mesmo não é substância, mas, sim, relação.³⁶

Para que haja a relação, o encontro atualizado, é necessário o elemento da totalidade, que não é apenas a soma dos elementos da estrutura relacional, mas, sim, totalidade do próprio participante do evento. Totalidade é um ato totalizador, uma concentração em todo o seu ser. Somente o homem, que é totalidade, que age, está apto para o encontro.³⁷ A totalidade é a independência da própria relação em face dos componentes desta estrutura. No entanto, sendo relativa esta independência, cada elemento da estrutura considerado isoladamente é pura abstração.³⁸

Zubem, comentando Buber, explica este ponto da seguinte forma:

O evento ‘acontece’ em virtude do encontro ‘entre’ o Eu e o Tu na reciprocidade da ação totalizadora. A totalidade presente no Eu-Tu não é simplesmente a soma das sensações internas do seu psicológico. A totalidade precede ontologicamente a separação. A palavra Eu-Tu precede a palavra Eu-Isso. Eu-Isso é proferido pelo Eu como sujeito de experiência e utilização de alguma coisa. A inteligência, o conhecimento conceitual que analisa um dado ou um objeto é posterior à intuição do ser. Eu-Isso é posterior ao Eu-Tu. O Eu de Eu-Isso usa a palavra para conhecer o mundo, para impor-se diante dele, ordená-lo, estruturá-lo, vencê-lo, transformá-lo. Este mundo nada mais é que objeto de uso e de experiência.³⁹

Depois de imergir nas palavras-princípio do pensamento de Buber, deve-se agora caminhar para águas mais profundas e encontrar os elementos que conceituam mais claramente o objetivo da investigação aqui proposta. Por isso, faz-se necessário caminhar para o âmago do ‘entre’... a experiência de receber e responder – a revelação vivida pela reciprocidade.⁴⁰

³⁶ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 32.

³⁷ SOUZA, Vitor Chaves. A Religião do encontro: a ética de Martin Buber. *Revista Theos*. Campinas: v. 6, n. 02, p. 7, 2011.

³⁸ ZUBEN, Newton Aquiles von. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. p. 199-204.

³⁹ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 33.

⁴⁰ PFEFFER, Renato Somberg. Martin Buber: eclipse de Deus e o Holocausto. *Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3, 2007.

A proposta é existência do homem fundada no diálogo, o ‘entre’. E para que o ‘entre’ aconteça é necessário o fenômeno da resposta. Neste ponto ‘entre’ e práxis se confundem, como que se Eu-Tu fosse inter-ação. A resposta pode ser o amor, porém, não possuído pelo Eu como um sentimento, mas como algo que ‘acontece’ entre dois – “*o amor é algo que ‘acontece’ entre dois seres humanos, além, do Eu e alguém do Tu na esfera ‘entre’ os dois*”⁴¹.

Isso posto, a investigação de nosso autor conduz ao esclarecimento de como nasce a verdadeira comunidade, ponto que constrói em elevado grau a concepção de como se dá o verdadeiro encontro. O verdadeiro ‘entre’ não se dá por um olhar na direção do outro. A verdadeira comunidade, embora não nasça sem que as pessoas tenham sentimentos umas para com as outras, não é isso que a consolida e sustenta. O verdadeiro ‘entre’, a verdadeira comunidade, nasce a partir de dois pontos: um é o de estarem unidas umas às outras em relação viva e mútua; o outro é o de estarem todos em relação viva e mútua com um centro vivo.⁴²

Para Buber, o Eu só é na relação, por si só não passa de abstração. Por isso é que ele vai afirmar que o homem se realiza na comunidade, na relação intersubjetiva dele com o outro. Efetivada pela força da palavra dialógica Eu-Tu, o Eu se torna realmente Eu quando, ao proferir o Tu, entra no domínio do nós – o Eu se torna Eu real quando entra na esfera do nós. O Eu não é aniquilado em sua existência pelo espírito da comunidade. A comunidade depende da realização dos Eus na sua singularidade. Tanto o Eu como a Comunidade realizam-se no encontro, são interdependentes e ‘equifundantes’ da existência humana.⁴³

Assim, antes de conduzir esta pesquisa para a questão do encontro com Deus no pensamento de Buber, de forma concisa e densa, poder-se-ia sistematizar as diferentes formas nas quais pode acontecer o encontro sempre atualizado Eu-Tu. Trata-se da relação: vida com a natureza – relação que se realiza como que alguém da realidade, onde as criaturas se movem diante do Eu sem poderem vir até ele; vida com os homens – relação manifesta e explícita, onde o Eu pode endereçar e receber o Tu; vida com os seres espirituais – relação, que, ainda que velada, se revela, silenciosa, gerando a linguagem.⁴⁴

⁴¹ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 38.

⁴² MEIRA, Danjone Regina. Diálogo e Religião em Martin Buber e Paul Tillich. *Revista Eletrônica Correlativo*. São Paulo, v. 12, n. 24, p. 146, 2013; BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 39.

⁴³ ZUBEN, Newton Aquiles von. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. p. 17.

⁴⁴ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 116; ZUBEN, Newton Aquiles von. A questão do inter-humano: uma releitura de Eu e Tu de Martin Buber. *Síntese*. Belo Horizonte, v. 35, n. 111, p. 104, 2008.

Em cada uma das esferas de relação, graças à totalidade que torna o Eu presente, o Eu vislumbra o Tu-Eterno. O Eu, invocando no que é próprio em cada esfera, sente em cada Tu um sopro provindo do Tu Eterno. Buber possibilita, com esta visão, uma nova forma de ver a relação do homem com os seres da natureza, animais, vegetais, etc. Uma nova visão que não ‘objetifica’ ou instrumentaliza o outro, mas cria um patamar de compreensão que torna possível, novamente, o encontro com Deus pelo homem imerso no mundo líquido moderno.⁴⁵

O grande mérito da escolha das investigações de Buber para esta pesquisa e não a de outro autor da mesma escola, ou mesmo, que já tenha vindo depois desenvolvendo tal pensamento, é que ele procurou uma solução para o problema no qual o homem moderno está submerso, que é a ruptura entre o homem e Deus. Buber buscou um meio para recuperar a relação entre o homem, Deus e o mundo, tornando o encontro atualizado entre o homem e Deus novamente possível.⁴⁶ O pensamento de Buber sempre foi o de esclarecer o encontro do homem com Deus, a fim de torná-lo novamente possível para o homem contemporâneo.⁴⁷

O principal ponto nas investigações buberianas sobre Deus é que não interessa saber nada sobre Ele para que possamos entrar em contato com Ele e falar com Ele. Não é Deus em si que interessa ao Eu, mas é a relação entre Eu e Deus que tem significado. Homem, Deus e mundo possuem uma unidade, não mística, mas de comunhão. “*Deus é o totalmente outro, mas ele é o totalmente mesmo, o totalmente presente.*”⁴⁸ Por isso, “*as linhas de todas as relações, se prolongadas, entrecruzam-se no Tu eterno.*”⁴⁹ E mais, cada Tu individualizado é uma perspectiva para Deus. Assim, através de cada Tu individualizado, no encontro atualizado Eu-Tu, se invoca o Tu eterno.⁵⁰

Para que aconteça o encontro com Deus, diz Buber, a única coisa que importa é a perfeita aceitação da presença.⁵¹ Não é necessário despojar-se do mundo sensível, como que superando a experiência factual, pois esta não nos poderia fornecer outra coisa senão um Isso. Tampouco é necessário voltar-se para um mundo de ideias que não nos pode tornar-se presente. A *aceitação* implica para o homem uma *conversão*. Conversão, para Buber, é a

⁴⁵ ZUBEN, Newton Aquiles von. A questão do inter-humano: uma releitura de Eu e Tu de Martin Buber. *Síntese*. Belo Horizonte, v. 35, n. 111, p. 104-105, 2008.

⁴⁶ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 42.

⁴⁷ PFEFFER, Renato Somberg. Martin Buber: eclipse de Deus e o Holocausto. *Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 8-10, 2007.

⁴⁸ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 40.

⁴⁹ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 99.

⁵⁰ CARRARA, Ozanan Vicente. A relação em Martin Buber. *Mimesis*. Bauru: v. 23, n. 1, p. 84, 2002.

⁵¹ ZUBEN, Newton Aquiles von. Tu Eterno e religiosidade no pensamento de Martin Buber. *Horizonte*. Belo Horizonte, v. 13, n. 38, p. 947-954, 2015.

renúncia “do falso instinto da autoafirmação que impele o homem a fugir do mundo incerto, inconsistente, passageiro, confuso e perigoso da relação, em direção ao ‘ter’ das coisas”.⁵²

Todo encontro é exclusivo e, enquanto ele dura, sua amplitude é universal e incontestável. O Tu é o único existente diante do Eu, não como se nada mais existisse, mas tudo o mais existe à luz dele. No encontro atualizado com Deus, o Eu não se preocupa com mais nada isolado, nem com a terra ou com o céu, nem com coisas ou entes, pois tudo está incluso na relação. Encontrar Deus não é se afastar do mundo, prescindir de tudo, mas, sim, ver tudo Nele, é proporcionar ao mundo, as coisas e aos ‘entres’, fundamentação.⁵³

Faze o encontro, contempla Deus, está na presença Dele, aquele que contempla o mundo. Quando o homem afasta o olhar do mundo, ou olha fixamente para ele, não encontra Deus. Apenas quando o Eu, “com todo o seu ser, vai de encontro ao seu Tu e lhe oferece todo ser do mundo, encontra-o, Ele que não se pode procurar”⁵⁴. Buber vai, ainda, afirmar que, se o Homem santificar a vida, certamente encontrará o Deus vivo; se procurar a vida das coisas e a natureza da relatividade, ele atingirá o encontro com Deus; porém, se negar a vida das coisas e a relatividade delas, se aproximará do nada.⁵⁵

Para o autor de Viena, é claro que, para compreender o encontro com Deus, o Eu deve entender que Deus é o “totalmente outro” e, ao mesmo tempo, mais próximo dele que ele próprio. Buber diz: “sem dúvidas Deus é o ‘totalmente outro’. Ele é porém o totalmente mesmo, e totalmente presente. Sem dúvida, ele é o ‘mysterium tremendum’ cuja aparição nos subjuga, mas Ele é também o mistério da evidência que me é mais próximo do que o meu próprio Eu”⁵⁶.

No encontro com Deus é essencial o sentimento de dependência – o sentimento de criatura. No encontro puro e atualizado com Deus, o Homem sente uma dependência como nunca foi capaz de sentir, mas, ao mesmo tempo, se sente inteiramente livre como nunca e em nenhum lugar tenha sentido.⁵⁷ É verdadeiramente um sentimento de encontro entre criatura e criador. E não para por aí... Por a criação se realizar em nós, nós nos associamos a ele, e, assim, encontramos nela o Criador. Por isso que a oferta e a prece são instrumentos do

⁵² BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 101.

⁵³ ZUBEN, Newton Aquiles von. Tu Eterno e religiosidade no pensamento de Martin Buber. *Horizonte*. Belo Horizonte, v. 13, n. 38, p. 947-954, 2015.

⁵⁴ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 102.

⁵⁵ PFEFFER, Renato Somberg. Martin Buber: eclipse de Deus e o Holocausto. *Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 8-10, 2007.

⁵⁶ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 102.

⁵⁷ MEIRA, Danjone Regina. Diálogo e Religião em Martin Buber e Paul Tillich. *Revista Eletrônica Correlativo*. São Paulo, v. 12, n. 24, p. 163, 2013.

encontro com Deus. Prece e oferta, instrumentos da criação, realizam o encontro sagrado entre o Homem e Deus e tornam-se, assim, ação mútua. O Homem profere o Tu, e este o ouve.⁵⁸

Ainda nesta questão da prece, Buber afirma categoricamente que o Evangelho segundo João é o Evangelho da relação pura, quando fala do Filho que se inclina e ora ao Pai – tanto que para fraseia o prólogo do quarto evangelho para dizer do primado da relação.⁵⁹ Buber demonstra nesta parte de sua investigação sobre o encontro, um dos pontos mais importantes sobre a forma de vê-lo – sobre a forma de ver como se dá o encontro entre o Filho, o homem, e o Pai, Deus. É o encontro em que, apesar de o Pai operar e habitar nele, o Filho se coloca diante Dele e faz a prece. Esse encontro é explicado pelo autor de Viena com sua concepção de consubstancialidade, da seguinte forma:

Deus e o Homem consubstanciais, constituem o par indestrutivelmente atual, os dois suportes da relação primordial, que vinda de Deus ao homem se chama missão e mandamento, indo do homem a Deus se chama contemplação e escuta e entre os dois se chama conhecimento e amor.⁶⁰

Vê-se, assim, que o encontro se dá quando “*o filho, embora o Pai habite nele, se inclina diante daquele que é ‘maior’ que ele e ora*”.⁶¹ O Homem, o Eu, que estava na presença de Deus, o Tu, se imerge Nele. O Eu e o Tu somem e o que passa a existir é glorificação, divinização e comunhão. Não é um fundir-se do Eu e o Tu, mas dinamismo do próprio encontro. Posto um diante do outro, o encontro faz com que aconteça um transbordamento, em que o Homem toca Deus. É a exclusividade e inclusividade absolutas na comunhão, onde tudo o mais está englobado.⁶²

O encontro com Deus provoca no homem uma vocação e missão. O encontro não se encerra em si-mesmo. Todo encontro com Deus provoca no homem o dinamismo da ação. O Eu, a partir da existência da mutualidade entre ele e Deus, dá seu testemunho, partilha seu encontro, vive sua missão, sua vocação. E aquele que vive sua vocação, tem Deus diante de si; e quanto mais fiel for à missão, mais intensa e constante será essa proximidade. Deus transmite sua absolutidade ao encontro que estabelece com o homem e este, sem se afastar de

⁵⁸ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 102.

⁵⁹ GOMES, Pedro Braga. *A Filosofia do Relacionamento. Revela*. Praia Grande, SP: v. 3, n. 6, p. 2, 2010.

⁶⁰ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 106.

⁶¹ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 106.

⁶² ZUBEN, Newton Aquiles von. Tu Eterno e religiosidade no pensamento de Martin Buber. *Horizonte*. Belo Horizonte, v. 13, n. 38, p. 947-954, 2015; BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 115.

nenhuma outra relação Eu-Tu, conduz todas essas, por sua missão, a transfigurar-se na face de Deus.⁶³

Sendo assim, depois de ter investigado as características do encontro do ponto de vista filosófico com as contribuições de Buber, é possível aprofundar-se ainda mais e pesquisar o encontro em uma perspectiva teológica. Isto posto, no item seguinte se fará uso dos estudos de Giraudo e Rahner para buscar características, de um ponto de vista mais teológico sobre o encontro e a relação.

1.1.2. Encontro e relação

Poder-se-ia começar essa investigação de um ponto de vista mais teológico, sobre a questão do encontro, partindo do que nos é apresentado por Giraudo em sua obra *Num só corpo*. Ele, antes de fazer uma reflexão na sua obra sobre “A teologia da eucaristia na escola da “Lex Orandi”, discorrer sobre “A teologia da eucaristia na reflexão do II milênio” e sintetizar as “Perspectivas para o III milênio”, primeiro apresenta um “Quadro teo-antropológico da redenção vicária e a eucaristia”⁶⁴. E é exatamente neste “Quadro”, que Giraudo contribui com a nossa investigação.

Giraudo não só apresenta a questão do encontro em si mesmo, mas, como já foi visto na abordagem das contribuições de Buber sobre o encontro⁶⁵, no item anterior, ele fala da questão da relação. Assim como visto na obra do filósofo de Viena, pela investigação da obra de Giraudo, constata-se que a relação é, na verdade, uma oportunidade de atualização do encontro⁶⁶ – relação faz com que o encontro seja sempre presente⁶⁷.

Entretanto, o que faz a obra de Giraudo ser importante para esta investigação, não é apenas a questão do encontro-relação, mas a dinâmica de sua obra que fala do encontro com Cristo na Eucaristia, passando primeiro pela questão da relação entre Deus e o homem, desde o Antigo Testamento. E é bem essa investigação sobre “A relação utópica primordial e a ruptura histórica da relação” apresentada por Giraudo que interessa aqui.⁶⁸ São as ideias

⁶³ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 106-138.

⁶⁴ GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. Trad. Francisco Taborda. São Paulo: Loyola, 2003. p. 25-183.

⁶⁵ ZUBEN, Newton Aquiles von. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. p. 141-158; BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 32.

⁶⁶ GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. p. 27-55.

⁶⁷ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 32.

⁶⁸ GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. p. 27-55.

apresentadas por ele no capítulo segundo de sua obra que clareia a questão da relação com Deus Pai e Cristo.

Giraudó afirma que, para se entender o encontro com Cristo, compreender o impacto dinâmico que ele tem sobre o ser humano, como indivíduo e como comunidade, deve-se, em vez de seguir na teologia sacramental a miragem das ideias claras e distintas, preocupar-se em canalizar todos os recursos cognitivos no evento Cristo, para, assim, segundo ele, “remontar ao feito do Primeiro Adão, à culpa das origens que o Novo Adão veio expiar”.⁶⁹

Antes da Criação, Deus é um “Deus privado de relação”. A criação é, portanto, um ato relacional. Na criação do homem, Deus o plasma, modela do barro, porém aí não existe relação, o homem ainda não é parceiro de Deus. Adão só será constituído tal depois que tiver recebido em suas narinas o “hálito de vida”, entendido com algo que promana unicamente de Deus. Só então Adão começará a viver da vida mesma de Deus numa referência relacional indizível.⁷⁰

É interessante notar que Giraudó expõe a questão desta relação de Deus com Adão evidenciando que é Deus que age por primeiro. É Deus que dá a vida ao homem ao soprar suas narinas. O primeiro ato do encontro é executado por Deus. “O Senhor Deus insufla o hálito da vida no “Humano e este se torna um ‘ser vivo’”⁷¹. Neste ponto da criação, para descrever a relação, acontece a plantação do jardim. Deus passa de oleiro para agricultor. O jardim é o ambiente favorável para se dar a relação. Na verdade, o ato criador de Deus que dá a vida ao homem é acompanhado por um jardim, que quer significar “proteger, esconder, defender”. Mergulhando a fundo no texto de Giraudó, consegue-se identificar a ontologia da relação, presente nos textos bíblicos, que ele quer evidenciar.

O relato de Gn 2 expõe a relação entre Deus e Adão na imagem de um jardim, entendido com espaço delimitado por um círculo de proteção. De maneira semelhante, para descrever a relação que, de modo aparentemente inesperado, se instaura no deserto entre Deus e Israel, Dt 32, 10 diz que o Senhor ‘o circundou’ como uma águia circunda seus filhotes, estabelecendo em torno ao Israel recém-nascido um círculo protetor.⁷²

⁶⁹ MATEOS, Juan, S.J. *O Evangelho de São João: Análise linguística e comentário exegético*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 859; GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. p. 27.

⁷⁰ GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. p. 29.

⁷¹ VIVIANO, Pauline A. Gênesis. in. BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. *Comentário Bíblico*. São Paulo: Loyola, 2010. p. 59; GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. p. 29-30.

⁷² GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. p. 38.

Para o teólogo jesuíta, essa “coisa” que envolve é a piedade paterna. É a coerência do genitor com relação à criatura que pôs no mundo. Esta “coisa” é, na verdade, o vínculo relacional, semelhante ao conceito de responsabilidade em Buber,⁷³ O qual em Deus é subsistente, mas que, em medida participada, subsiste também no homem. Neste ponto dá-se um giro no olhar, e não se vê mais apenas o homem no foco das relações, como um ser relacional, mas observa-se que Deus e o Homem, cada um por seu lado, são um conjunto de relações, subsistentes em grau e em medida diversas.⁷⁴

É interessante notar que Giraudo continua sua investigação e mostra que todo o Antigo Testamento é marcado por essa revelação de Deus como um Deus de relação, que através dos séculos se preocupa com seu povo.⁷⁵ Por exemplo, ele discorre sobre o encontro entre Deus e Moisés, em Êxodo 3, falando que Deus se revela na sua própria relacionalidade vertical. A expressão de Deus, em Ex 3,6, mostra toda essa relacionalidade: “Eu sou o Deus de teu pai, Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó”. E é essa relação entre Deus e o seu povo que o cria e o salva. Por exemplo, Israel era um não povo, era uma aparência de povo, foi a partir de seu encontro com Deus, no qual Deus agiu por primeiro, que Israel se tornou povo de Deus. Foi Deus que o fez “seu povo”.⁷⁶

Sendo assim, nesta questão do encontro, apresentada por Giraudo, deve-se compreender que o homem encontra Deus, o qual já tinha se aproximado dele, e a relação que aí acontece é circundada pela graça (o jardim, a águia). A graça resume a relação que se instaura entre Deus e o homem, que ainda terá a necessidade da graça para corresponder à graça.⁷⁷ Nas próprias palavras do teólogo jesuíta “a relação é puro fruto da munificência divina”.⁷⁸

Giraudo ajuda categoricamente na compreensão sobre o encontro de um ponto de vista teológico, principalmente no que tangem a questão do encontro com Deus e a Graça. Porém, para aprofundar ainda mais esta questão do encontro na perspectiva teológica, é importante observar Rahner, que trabalha pontos como fé e salvação.

⁷³ ZUBEN, Newton Aquiles von. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. p. 11-12.

⁷⁴ GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. p. 38.

⁷⁵ VIVIANO, Pauline A. Gênesis. in. BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. *Comentário Bíblico*. São Paulo: Loyola, 2010. p. 95.

⁷⁶ GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. p. 40.

⁷⁷ FABER, Eva-Maria. Graça. in. LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Loyola: Paulinas, 2014. p. 777.

⁷⁸ GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. p. 42.

Passando então, das contribuições de Giraudo para as de Rahner, é possível observar que o autor alemão, em sua obra *Curso Fundamental da Fé*, traz pontos relevantes sobre a questão do encontro e da relação entre Deus e o homem, mais especificamente, entre o homem e Jesus Cristo. primeiro desses pontos é a questão da fé existente de fato. Rahner ajuda a entender que, de fato, o cristão querer encontrar Cristo é consequência de uma relação já estabelecida. Isso pode soar estranho, mas ele mostra que todo Cristão que busca Jesus Cristo, na verdade, tem como ponto de partida a relação de fato existente entre ele e Cristo.⁷⁹

Por mais que uma reflexão sobre a relação e sobre o encontro seja feita, por mais que seja necessária uma cristologia que trate da relação com o portador absoluto da salvação, Jesus Cristo,⁸⁰ o cristão deve refletir primeiro sobre a sua fé. A fé dada de fato sobre a natureza dos fundamentos de sua fé em Cristo – centrada no mistério de Cristo sempre em ato.⁸¹ Rahner afirma que a fé precede toda e qualquer reflexão, e não precisa ser de opinião que uma reflexão teológica possa edificar sua fé como que desde o nada, ou que deva alcançar adequadamente em seus fundamentos a fé, que afinal se baseia na graça e na livre decisão, a fim de tornar supérfluas a graça e a decisão livre.⁸²

O autor alemão afirma isso porque, para ele, em nenhuma parte da existência do homem, a reflexão teórica consegue abranger exaustivamente o ato originário da vida.⁸³ Na verdade, Para Rahner, nem mesmo essa reflexão que é feita aqui, nesta pesquisa, não existiria se não fosse a fé em Cristo. Se não fosse a fé de fato, já vivida pelos homens em suas vidas, em suas comunidades, não se faria o encontro com o Cristo.⁸⁴ Sendo válido lembrar, aqui, que Jesus de Nazaré é o Jesus histórico, e o Cristo é o Jesus da fé. Visto, ainda, que falar de Jesus de Nazaré, todos podem falar, mas falar com propriedade do encontro com Cristo, apenas aquele que tem a fé consegue. Nas palavras de Rahner:

Essa relação para com Jesus Cristo, sobre a qual refletimos como algo de fato dado, compreende-se da forma como de fato é entendida e vivida nas Igrejas cristãs, e aqui certa indeterminação dos contornos da natureza dessa relação é irrelevante para a reflexão sobre esta, pressupondo-se somente que esta se distinga da relação

⁷⁹ RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1989. p. 244.

⁸⁰ RAHNER, Karl. *Teologia e antropologia*. São Paulo: Paulinas, 1969. p.162-163.

⁸¹ VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Paulus, 2009.

⁸² RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. p. 244.

⁸³ RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. p. 245.

⁸⁴ BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

puramente histórica ou puramente “humana” para com Jesus Cristo, tal como pode ter todo indivíduo a quem já chegou alguma notícia sobre Jesus de Nazaré.⁸⁵

Outro ponto que Rahner investiga é o da relação para com Jesus enquanto absoluto portador da salvação.⁸⁶ Nesse ponto deve-se prestar muita atenção, pois ele apresenta uma precisa descrição teológica do encontro e da relação como tal. E talvez seja este, embora bem conciso, um dos pontos mais importantes acerca da reflexão sobre o encontro e o encontro com Cristo. Para Rahner:

Essa relação para com Jesus Cristo dá-se mediante o “crer” que, no encontro com ele (na sua totalidade e através de sua palavra, vida e morte vitoriosa), o mistério abrangente e onipotente da realidade em geral e de toda a vida individual (mistério que se chama Deus) “fica aqui” para a nossa salvação (perdoando e divinizando), e a nós se dirige e se nos oferta de tal forma que este dirigir-se e ofertar-se de Deus a nós nele torna-se definitivo e insubstituível.⁸⁷

Essa afirmação é valiosa visto que ela também pode ser qualificada como uma relação para com o portador absoluto (e escatológico) da salvação.⁸⁸ Rahner fala que essa relação para com Jesus Cristo, em cujo seio a pessoa acolhe em Jesus Cristo o portador absoluto da salvação, constituindo-o o mediador absoluto de sua imediatez para com o próprio Deus em si, se adequadamente estabelecida e considerada, contém em si mesma sua própria legitimação perante a existência e a consciência da verdade do homem.⁸⁹

Ao fazer uma investigação teológica da relação pessoal do cristão com Jesus Cristo, Rahner argumenta que, no seu encontrar com Deus, no seu, por assim dizer, precipitar-se no abismo absoluto, infinito e incompreensível de todo ser, o homem não se dilui no universal, mas, ao contrário, se faz absolutamente singular e único, pois somente assim obtém relação única com Deus, relação na qual este Deus é o seu Deus e não só uma salvação geral e igualmente válida para todos.⁹⁰

⁸⁵ RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. p. 245.

⁸⁶ CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei verbum*. AAS 58. 1965. (DV), 2; RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. p. 245-247.

⁸⁷ RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. p. 245-246.

⁸⁸ CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. AAS 57. 1965. (LG), 14.

⁸⁹ RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. p. 247; LG 60.

⁹⁰ CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*. AAS 58. 1966. (GS), 22; RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. p. 360- 366.

Desta forma, o encontro mostra que a salvação não constitui um estado de coisas objetivo, não é como se fosse uma coisa, mas é realidade ontológica pessoal, e que, portanto, salvação e consumação se verificam na realidade objetivamente mais real da mais radical subjetividade, ou seja, na entrega consciente e amorosa que o sujeito faz de si ao mistério de Deus que se desvela de maneira imediata e direta e que, precisamente assim, permanece mistério radical. Essa é a salvação oferecida pelo encontro e pela relação amorosa dele derivada.⁹¹

Entretanto, as características do encontro supracitado, na visão de Rahner, ocorrem precisamente através da permanente relação pessoal para com o Deus-homem, no qual, e somente nele, atingimos agora no tempo e na eternidade a proximidade imediata para com Deus, sem que essa relação com o homem Jesus Cristo elimine ou ponha em xeque o significado salvífico da intercomunicação com outra pessoa humana, e mesmo com o homem em geral.⁹²

Ao falar da salvação, o autor alemão ainda fala da questão do encontro com o próximo. Para ele o amor ao próximo não é apenas uma questão salvífica, mas também é a realização pura e simples do ser humano. Aproximando-se muito do que investiga Buber,⁹³ ele afirma que a intercomunicação pessoal, na experiência inter-humana espacial e temporalmente bem concreta, com um Tu bem determinado, que vem ao Eu corporeamente no encontro, é de importância imprescindível e fundamental – que não se pode substituir por nenhuma outra coisa – para o surgimento, o desenvolvimento e o amadurecimento da existência do homem. Entretanto, esse amor de encontro, esse amor a uma pessoa humana, é a mediação do amor a Deus e possui unidade última e indissolúvel com ele.⁹⁴

Para terminar essa parte da investigação, a partir do que é apresentado por Rahner, poder-se-ia falar da questão do encontro nas ações litúrgicas. Partindo das contribuições teológicas do autor alemão, pode-se afirmar que o encontro com Cristo nas ações litúrgicas, ainda que ele não use este termo, traz como acompanhamento a necessária relação com a comunidade. Este encontro situa o homem sempre em referência ao seu próximo. Esse encontro é diálogo e sociedade entre Deus e o homem, no sentido em que semelhante relação

⁹¹ CONCÍLIO VATICANO II. *Evangelii Nuntiandi*. AAS 68, 1975. (EN), 10; RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. p. 364.

⁹² RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. p. 364.

⁹³ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 28-29.

⁹⁴ RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. p. 364-365.

se pensa onde os dois parceiros são tão radicalmente diversos entre si como precisamente o são o Deus absoluto e a sua criatura.⁹⁵

Ainda sobre o encontro com Cristo nas ações litúrgicas, poder-se-ia expor que neste encontro existe mútua pertença e não-identidade, entre o indivíduo enquanto indivíduo e enquanto membro da comunidade. Todo encontro nas ações litúrgicas é também o acontecer da relação do indivíduo para com a comunidade, do indivíduo que possui lugar bem determinado na comunidade e função bem determinada nela.⁹⁶ Esse encontro aponta sempre para o evento salvífico histórico de Cristo, de sua morte e ressurreição.⁹⁷

Por fim, o encontro com Cristo nas ações litúrgicas, como se pode observar, fazendo uso das concepções teológicas de Rahner, carrega em si o que realmente expressa: a auto comunicação do Deus Santo; aponta e antecipa a realização plena e consumada da vida eterna, auto expressão de Deus; é um evento que, de forma realmente correspondente à natureza do homem, à natureza de Deus e de seu voltar-se para o mundo, une íntima e misteriosamente passado, presente e futuro, manifestando aqui e agora cada uma das dimensões essenciais do homem em sua própria peculiaridade. Fazendo, assim, do encontro, uma eterna relação.⁹⁸

Neste primeiro momento, investigando o encontro, podem-se aprofundar seus conceitos e identificar suas características mais marcantes, tanto de um ponto de vista filosófico como teológico. Passa-se agora para um segundo momento, visto que todo encontro se dá em um tempo e espaço determinado, faz-se necessário investigar o contexto onde o encontro acontece. Por isso, no item seguinte, investiga-se o contexto da sociedade atual, a partir das obras de Bauman, para formular um pensamento sólido sobre o contexto onde se dá o encontro nos dias de hoje.

1.2. Contexto do encontro (Bauman)

1.2.1. Modernidade líquida

Para uma fértil análise do contexto histórico atual, em que o encontro com Cristo nas ações litúrgicas acontece, será dissertado sobre o pensamento de Zygmunt Bauman, passando por diversas de suas obras e também por comentadores. Esse corte hermenêutico foi feito,

⁹⁵ VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. 2009; RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. p. 494.

⁹⁶ RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. p. 494-495.

⁹⁷ DH 4614-4616.

⁹⁸ RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. p. 495.

constatando-se que o sociólogo polonês é um dos maiores nomes da atualidade que esclarece com seu pensamento, como se deu o que ele chama de passagem da modernidade “sólida” para a “líquida”. Seu pensamento, espalhado em dezenas de obras, auxilia a repensar os conceitos e esquemas cognitivos usados para esclarecer a experiência individual e comunitária, e, por conseguinte, compreender o contexto atual do homem moderno – o contexto em que se dá o encontro.

Obra de Bauman de grande valia para esta investigação é a intitulada *Modernidade Líquida*, que passa por pontos como: ‘emancipação’, que discute temas como o indivíduo em combate com o cidadão e a crítica da política-vida; ‘individualidade’, abordando tópicos como o capitalismo leve e pesado além do ato de comprar como um ritual de exorcismo; ‘tempo e espaço’, que trata de estranhos que se encontram, assim como os não lugares e vida instantânea; ‘trabalho’, no qual aborda questões como casamento, à coabitação e os laços humanos no mundo fluido e, por fim, ‘comunidade’, que fala da unidade, segurança e, até mesmo, preencher o vazio.⁹⁹

Embora a obra citada acima seja intitulada *Modernidade Líquida*, a que mais simplifica o pensamento de Bauman sobre o conceito de modernidade líquida é *A cultura no mundo líquido moderno*. Logo no início da obra, já no primeiro capítulo, o sociólogo assim resume seu pensamento:

Uso aqui a expressão ‘modernidade líquida’ para denominar o formato atual da condição moderna, descrita por outros autores como ‘pós-modernidade’, ‘modernidade tardia’, ‘segunda modernidade’ ou ‘hipermodernidade’. O que torna ‘líquida’ a modernidade, e assim justifica a escolha do nome, é sua ‘modernização’ compulsiva e obsessiva, capaz de impulsionar e intensificar a si mesma, em consequência do que, como ocorre com os líquidos, nenhuma das formas consecutivas de vida social é capaz de manter seu aspecto por muito tempo. ‘Dissolver tudo que é sólido’ tem sido a característica inata e definidora da forma de vida moderna desde o princípio; mas hoje, ao contrário de ontem, as formas dissolvidas não devem ser substituídas (e não o são) por outras formas sólidas – consideradas ‘aperfeiçoadas’, no sentido de serem até mais sólidas e ‘permanentes’ que as anteriores, e portanto até mais resistentes à liquefação. No lugar de formas derretidas, e portanto inconstantes, surgem outras, não menos – se não mais – suscetíveis ao derretimento, e portanto também inconstantes.¹⁰⁰

Com tal síntese, pode-se mergulhar neste vasto campo de reflexão e análise feito por Bauman, observando, assim, que ‘fluidez’ é palavra chave em seu pensamento. Pelas

⁹⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 25-248.

¹⁰⁰ BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 16.

características que carregam: não manter forma, mover-se facilmente, e a ideia de leveza, os fluidos apresentam o comportamento que mais se assemelham ao tempo atual. Fluidez e liquidez são, para Bauman, “*metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade*”¹⁰¹.

A modernidade carrega em si o traço do derretimento dos sólidos. O tempo presente emergiu do derretimento drástico dos grilhões e algemas que, correto ou não, eram suspeitos de limitar a liberdade individual de escolher e de agir. Hoje, observa-se, em virtude da fluidez, uma crescente flexibilização, as técnicas permitem velocidade, fuga e passividade. O avanço das técnicas permite que o sistema e os agentes livres se mantenham radicalmente desengajados e que se desencontrem em vez de encontrar-se. O que acontece hoje é uma redistribuição e realocação dos poderes de derretimento.¹⁰²

O que acontece na atualidade é a passagem de uma era de ‘grupos de referência’ predeterminados, para outra de ‘comparação universal’, em que o destino dos trabalhos de autoconstrução individual está endêmico e incuravelmente subdeterminado, não vem de um momento prévio, e caminha para passar por numerosas e densas mudanças antes que esses trabalhos alcancem seu único fim genuíno: o fim da vida do indivíduo, segundo Bauman. Acontece que os poderes que liquefazem passaram do ‘sistema’ para a sociedade, da política para as políticas da vida, isto é, passaram do nível macro para o nível micro do convívio social.¹⁰³

Tudo isso muda o modo como o encontro acontece, pois o Eu e o Tu,¹⁰⁴ envolvidos no encontro, estão vivendo a profunda mudança que o advento da modernidade fluida produziu na condição humana. A modernidade líquida muda o contexto do encontro, muda a estrutura da vida, muda a condição de um modo radical e requer que sejam repensados os velhos conceitos que estruturavam a vida. A questão é saber se a reestruturação do contexto, ainda que em nova forma, é possível, ou, se não, como fazer para mudar este quadro. Bauman afirma que a chegada da modernidade líquida, no contexto atual, pode ser observada

¹⁰¹ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 9.

¹⁰² COSTA, Valeriano D. S. Liturgia em “tempos líquidos”. in. *Cultura teológica*. São Paulo: ano XXIV, n. 87, p. 82, 2016; BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 12-13.

¹⁰³ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 15.

¹⁰⁴ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 57.

utilizando-se de muitos marcadores, entretanto, é o atributo da relação cambiada entre espaço e tempo que marcadamente caracteriza o início do contexto atual.¹⁰⁵

Emancipar, libertar-se da sociedade, características do contexto do encontro na modernidade líquida, significam, literalmente, nada mais, nada menos, que libertar-se de algum tipo de grilhão que impede os movimentos. O que impera neste pensamento é o sentir-se livre para se mover e/ou agir. Porém, ‘sentir-se livre’ significa não passar por dificuldade, não conhecer obstáculo, resistência ou qualquer outro impedimento aos movimentos pretendidos ou concebíveis; significa sentir-se livre das limitações, livre para agir conforme os desejos – atingir o equilíbrio entre os desejos, a imaginação e a capacidade de agir.¹⁰⁶

O equilíbrio pode ser alcançado e mantido de duas maneiras diferentes: a primeira é reduzindo os desejos e ao mesmo tempo a imaginação; a segunda é ampliando a capacidade de ação. Porém, pode ser que o desejo de melhorar tenha sido frustrado pela pressão do princípio da realidade e o que se sente como liberdade de fato não o seja. E, assim, perdendo a chance de experimentar a liberdade, se perca também a chance de se tornar livre. A ameaça que aqui reside é a de que as pessoas podem não querer ser livres e rejeitem a possibilidade da liberdade pelas dificuldades que o exercício dela pode trazer.¹⁰⁷

Poder-se-ia dizer que uma ‘crítica ao estilo de consumidor’ substitui uma crítica passada que era ao ‘estilo produtor’. As causas desta mudança estão alicerçadas na profunda transformação do espaço público e, de modo mais geral, no modo como a sociedade moderna opera e se enraíza.¹⁰⁸ O contexto do início do século XXI não é menos moderno do que o do início do século XX, entretanto, a compulsiva e obsessiva, contínua, irrefreável e sempre incompleta “modernização”, distingue a modernidade líquida de todas as outras formas do convívio humano.

Em nome da produtividade ou da competitividade se desmantela, corta, defasa, reduz, reúne, ou seja, destrói a criatividade, tudo, em nome da maior capacidade de fazer o mesmo no futuro. Modernidade virou sinônimo de ‘não parar’ e, mais ainda, de ‘não ficar parado’. Ser moderno significa estar à frente de si mesmo, num estado de constante transgressão – ter

¹⁰⁵ FRAGOSO, Tiago O. Modernidade líquida e liberdade consumidora: o pensamento crítico de Zygmunt Bauman. in. *Perspectivas Sociais*. Pelotas, ano 1, n. 1, p. 109-124, mar/2011; BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 15-16.

¹⁰⁶ BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. p. 22-31; BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 25-26.

¹⁰⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 27.

¹⁰⁸ BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?*. Rio de Janeiro: Zahar. 2011. p. 7-36; BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 36.

uma identidade que só pode existir como projeto não realizado. Acreditar que não há um fim do caminho em que o equilíbrio será alcançado. O contexto atual apresenta não a busca da ‘sociedade justa’, mas, sim, um discurso voltado para os direitos humanos, isto é, discurso de os indivíduos permanecerem diferentes e de escolherem à vontade seus próprios modelos de felicidade e de modo de vida adequado.¹⁰⁹

Apresentar os membros como indivíduos é característica notada na sociedade moderna. E não nos devemos enganar, porque, tanto na modernidade líquida, de agora, como na modernidade sólida, de antes, a individualização é uma fatalidade e não uma escolha. Isso porque a liberdade de escolher a opção de escapar à individualização não existe. O problema é que a individualização parece ser a corrosão e a lenta desintegração da cidadania. Os cuidados e preocupações dos indivíduos enquanto indivíduos invadem e tomam todo o espaço público, e de tal modo, que o indivíduo acaba sendo o pior inimigo do cidadão.¹¹⁰

Segundo as investigações de Bauman, a individualização chegou para ficar. Logo, todo esforço para compreender o contexto atual, onde o encontro acontece, todo esforço para compreender o modo como a vida é conduzida hoje, deve partir do reconhecimento de que não há como escapar da individualização. Por isso, o pensamento crítico deve iluminar os caminhos da emancipação e revelar os obstáculos ligados às crescentes dificuldades de traduzir os problemas privados em questões públicas. A autonomia individual não se pode realizar, exceto na sociedade autônoma que deve ser buscada e encontrada. A procura por uma vida em comum deve começar pelo exame das alternativas de “política-vida”, que, por sua vez, carrega as visões de sociedade “boa” e “justa”.¹¹¹

Individualidade, no mundo moderno, cabe ao indivíduo que é capaz de fazer, ampliar tal competência ao extremo e escolher os fins a que essa capacidade poderia servir – a individualidade é uma experiência divertida num contexto cheio de oportunidades. Entretanto, a tarefa mais penosa que se pode dar a um consumidor é a de estabelecer prioridades. Não é a falta de escolhas, mas o excesso delas que causa a infelicidade dos consumidores – o medo de

¹⁰⁹ VALPATO, Elaine C. F; MENEGATTI, Jonas D. *Construindo o direito na pós-modernidade: enfoque cienciométrico do contexto brasileiro recente*. in. *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*, n. 29, 2015. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/2015/03/direito.html>. Acesso em: 08 dez. 2017; BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p.40-42.

¹¹⁰ BAUMAN, Zygmunt. Teoría sociológica de la posmodernidad. in. *Espiral*, México, v. II, n. 5, p. 81-102, 1996; BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 43-51.

¹¹¹ BITTAR, Eduardo C. B. O direito na pós-modernidade. in. *Revista Sequência*, v. 29, n. 57, p.131-152, 2008; BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 68-69.

não se ter beneficiado dos melhores meios à disposição, da melhor maneira possível.¹¹² Não se pode errar, porém não se pode saber se se está certo; logo, o perigo do erro diante das infinitas possibilidades é a incerteza perpétua e um desejo que provavelmente nunca será saciado.¹¹³

Nesta questão da individualidade, Bauman ajuda a compreender o contexto atual, elucidando dois tipos de capitalismo: o da modernidade sólida, que ele denomina de capitalismo pesado; e o da modernidade líquida, que ele chama de capitalismo leve.¹¹⁴ No primeiro, o mundo era dos que ditavam as regras, homens e mulheres eram dirigidos por outros, buscando fins determinados por outros, do modo determinado por outros – era o mundo das autoridades, líderes que sabiam mais, professores que ensinavam a proceder melhor. No segundo, amigável ao consumidor, as autoridades que ditam as leis não foram abolidas, e tampouco dispensadas, entretanto, permitiu-se a coexistência delas em número tão grande que nenhuma poderia se manter por muito tempo e menos ainda atingir posição de exclusividade.¹¹⁵

O interesse do indivíduo é que escolhe as autoridades que lhe são agradáveis, não são mais as autoridades que ordenam. Entra em cena aqui a redefinição da esfera pública. O ‘interesse público’, definido e promovido pela mídia e amplamente aceito, é o dever de apresentar os dramas privados em público e o direito do público de assistir ao que é apresentado. As consequências disso podem ter mais alcance do que se observa. Uma delas é o desaparecimento da “política como a conhecemos” – política encarregada de traduzir problemas privados em questões públicas (ou o contrário). Sendo que o que se observa, mais e mais, como “questões públicas” são os problemas privados das figuras públicas – escândalos.¹¹⁶

No contexto atual, homens e mulheres não buscam líderes, mas exemplos. Porém, procurar exemplos, conselhos e orientação é um vício. E o pior, todos os vícios são autodestrutivos, na medida em que destroem a possibilidade de se chegar à satisfação. No contexto em que o encontro se dá hoje, as possibilidades são infinitas, e o volume de objetivos

¹¹² BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 96-125.

¹¹³ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 82.

¹¹⁴ CARVALHO, Marine J. S; KOEHLER, Cristiane. O público e o privado nas redes sociais: algumas reflexões segundo Zygmunt Bauman. in. *Espaço Pedagógico*. Passo Fundo, v. 20, n. 2 p. 275-285, jul./dez. 2013.

¹¹⁵ COSTA, Valeriano D. S. Liturgia em “tempos líquidos”. in. *Cultura Teológica*. São Paulo: ano XXIV, n. 87, 2016. p. 70-95; BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 83.

¹¹⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 15-76; BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 91.

sedutores à disposição nunca poderá ser esgotado. Logo, “*é a continuação da corrida, a satisfatória consciência de permanecer na corrida, que se torna o verdadeiro vício*”¹¹⁷. A atividade de comprar torna-se o arquétipo dessa corrida particular em que cada membro da sociedade de consumo, nos dias de hoje, está inserido.

Ir às compras é a competência mais necessária no mundo líquido moderno. Os consumidores, guiados pelo desejo, devem ser ‘produzidos’. O desejo aumenta a prontidão dos consumidores para ir às compras. O imperativo não é ver a necessidade dos consumidores, mas criar neles o desejo para que tenham a necessidade. O consumismo no contexto atual não está fundado sobre a regulação do desejo, mas sobre a libertação de ‘fantasias desejosas’. E segundo Bauman, caminha-se para o descarte do desejo, pois ele não consegue mais ditar o ritmo; o “querer” é o seu substituto poderoso e tão necessário.¹¹⁸

Há razões mais que aceitáveis para ‘ir às compras’. Contudo, a compulsão ‘transformada em vício de comprar’ é um esforço demasiado contra a incerteza profunda que abate as forças e contra um sentimento de insegurança incômodo e estupidificante. Comprar se torna um ritual de exorcismo, que, como todos os outros, são eficazes não tanto por espantarem os fantasmas, mas pelo simples fato de serem experienciados. E, como no contexto atual tudo que tem que ser feito “tem que ser feito por você mesmo”, as compras preenchem muito bem os requisitos de exorcismo.¹¹⁹

A identidade de cada homem torna, no seu buscar, o fluxo mais lento, solidifica o fluido e dá forma ao disforme. Entretanto, ‘ir às compras’ no supermercado de identidades, visando à volatilidade e instabilidade inerentes de todas ou quase todas as identidades, é a capacidade de liberdade verdadeira, ou supostamente verdadeira, de selecionar a própria identidade e de mantê-la enquanto desejado, que vem a ser a autêntica direção para realização das fantasias de identidade. O ‘ir às compras’, portanto, não é uma forma de emancipação, nem mesmo um meio para se alcançar a liberdade, é, se não, resultado da mobilidade e

¹¹⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 94.

¹¹⁸ BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?*. p. 115-148; BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 98-99.

¹¹⁹ SILVA, Otávio G. T; SANTOS, Guilherme F. Conceito de “modernidade líquida”: revisão teórica e implicações para a prática de vida. in. *Cadernos Zygmunt Bauman*. Maranhão, v. 3, n. 5, p. 40-61, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/1490/2555>>. Acesso em: 08 dez. 2017; BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 104-105.

flexibilidade da identificação, que, por sua vez, são valores dúbios que tendem a gerar reações incoerentes e quase neuróticas.¹²⁰

Tempo e espaço podem ser abordados começando pela definição de comunidade. Sendo hoje um argumento de venda, a comunidade passa a ser definida por suas fronteiras vigiadas e não mais por seu conteúdo. Ela é compartimentação das áreas públicas em partes passível de defesa, mas com acesso seletivo, além de ser uma separação no lugar da vida em comum. Essas dimensões também são as principais dimensões da evolução atual, em andamento, da vida urbana. Segundo Bauman:

‘Comunidade’ é, hoje, a última reliquia das utopias da boa sociedade de outrora; é o que sobra dos sonhos de uma vida melhor, compartilhada com vizinhos melhores, todos seguindo melhores regras de convívio. Pois a utopia da harmonia reduziu-se, realisticamente, ao tamanho da vizinhança mais próxima.¹²¹

No contexto atual, os espaços públicos, e não o civil, passam a ser transformadores de habitantes em consumidores. Embora os consumidores compartilhem os espaços físicos de consumo, tais lugares encorajam a ação e não a interação. A ação é o consumo, que, por sua vez, é uma ação total e exclusivamente individual. Os lugares de consumo, por mais cheios que possam estar, não têm nada de coletivo. Os encontros nestes lugares, mesmo que lotados, interferem no propósito, que é o consumo; logo, precisam ser breves e superficiais. Bauman chama esses lugares de “templos do consumo” e diz que as pessoas não vão lá para conversar, socializar ou encontrar, mas, sim, para comprar.¹²²

Os templos de consumo dão o que nenhum outro “lugar real” externo pode dar, que é um equilíbrio praticamente total entre liberdade e segurança. Nestes lugares de compra os consumidores têm a sensação de encontrarem o sentimento reconfortante de pertencer a, fazer parte de uma comunidade. Poder-se-ia dizer que comunidade adquire, assim, o sentido de ser uma versão compacta de estar junto, um estar junto que não ocorre na vida real.¹²³ Segundo o

¹²⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. p. 15-76; BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 106-116.

¹²¹ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 118.

¹²² BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. p. 15-76; BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 124-125.

¹²³ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 82-99.

sociólogo polonês, os templos de consumo, para todos os propósitos, são um lugar puro, “*tão puro quanto os lugares do culto religioso e a comunidade imaginária (ou postulada)*.”¹²⁴

Existe ainda, nesta concepção de espaço do contexto atual, o que se poderia chamar de “*não lugares*”.¹²⁵ Estes poderiam ser facilmente categorizados como lugares ostensivamente públicos, mas enfaticamente não civis; lugares que desencorajam a ideia de ‘estabelecer-se’. Nas palavras de Bauman: “*um não lugar ‘é um espaço destituído das expressões simbólicas de identidade, relação e história: exemplos incluem aeroportos, autoestradas, anônimos quartos de hotel, transporte público ...*”¹²⁶. Estes ‘não lugares’ ocupam no contexto atual espaço como jamais ocuparam em outros contextos da história.

Hoje, mais que nunca na história do ser humano, o tempo anula o espaço e liquefaz a materialidade dos objetos. A instantaneidade faz com que cada momento pareça ter capacidade infinita, mudando, assim, radicalmente a modalidade do convívio humano. Contido neste cenário está o fato de que a “*escolha racional*”, na era da instantaneidade, busca a gratificação evitando as consequências – duração deixa de ser um recurso e passa a ser um risco. No mundo líquido moderno, a instantaneidade conduz a cultura e a ética a um estado onde a maioria dos hábitos apreendidos para lidar com os afazeres da vida perdeu sua utilidade e sentido.¹²⁷

O progresso representa a qualidade da autoconfiança do presente e carrega em si duas crenças; a de que o tempo está ao lado do homem e, a de que é o homem que faz acontecer. Porém, se a autoconfiança é o único fundamento em que a fé no progresso se apoia, tão logo não se estranha que, no contexto atual, a fé esteja oscilante e fraca. Observa-se que o progresso é um desafio e uma necessidade perpétua e talvez sem fim, o real sentido de ‘continuar vivo e bem’. Neste cenário, trabalho, se era a palavra que conceituava algo que trazia confiança, solidez e autoconfiança, isso pode ser um pouco diferente hoje.¹²⁸

O trabalho teve elevado valor nos tempos modernos (na sua fase sólida) por causa da sua capacidade de dar forma ao informe e duração ao transitório. Ele era entendido como algo

¹²⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 129.

¹²⁵ DIPAOLA, Esteban. La producción imaginal de lo social: imágenes y estetización en las sociedades contemporáneas. in. *Cadernos Zygmunt Bauman*. Maranhão, v. 1, n. 1, p. 68-84, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/1587/1252>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

¹²⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 131.

¹²⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p. 7-23; BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 158-163.

¹²⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Vigilância líquida: diálogos com David Lyon*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 77-94; BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 166-170.

que a atividade humana tinha como seu destino e natureza – era um esforço coletivo de que cada membro da espécie humana tinha que participar. Porém, no contexto atual, ele mudou de forma. Muitas vezes sendo um ato único, o trabalho adquiriu um significado estético, esperando-se dele que seja satisfatório por si mesmo e em si mesmo e não mais pelos efeitos bons ou possíveis que traz ao próximo ou ao poder do país, e tampouco o benefício às futuras gerações – não oferece um ponto seguro no qual se fixam identidades e projetos de vida.¹²⁹

No capitalismo pesado, na fase da modernidade sólida, reinava a mentalidade de ‘longo prazo’. Esta mentalidade, que nasceu da experiência de que os destinos das pessoas que compram trabalho e das que vendem estão inseparavelmente entrelaçados por muito tempo, construía um modo de convivência suportável, que correspondia tanto aos interesses comuns quanto à negociação das regras de convívio de vizinhança entre proprietários de casas num mesmo loteamento. Contudo, essa situação mudou, a mentalidade de hoje é a de curto prazo. Flexibilidade é sensação do momento, e isso, imputado ao trabalho, acarreta o seu fim como o conhecemos. Saturando a vida do trabalho com incertezas, surge o advento do trabalho por contratos de curto prazo com cláusulas ‘até nova ordem’.¹³⁰

Procrastinação é palavra chave neste contexto, pois, ao carregar o sentido de manipular as possibilidades da presença de uma coisa, atrasando o seu estar presente, ela nutre duas vertentes. A primeira conduz à “ética do trabalho”, que, proclamando a virtude do trabalho pelo trabalho, adia o gozo como um valor em si mesmo. A segunda leva à estética do consumo, que considera a abstinência e a renúncia como sacrifícios talvez necessários a serem reduzidos ao mínimo. O contexto atual da sociedade de consumidores levou a procrastinação ao ponto de ruptura. Ela está vulnerável e não tem mais a proteção da proibição ética, servindo a cultura do consumidor, induz a adiar à satisfação do desejo e abole o todo.¹³¹

Na modernidade líquida em que o homem está imerso, o futuro é incerto e arriscado, e, os objetivos, distantes. Neste contexto, o interesse do grupo é abandonado em virtude do privado e a felicidade futura imolada pelo presente. Da mesma forma, laços e parcerias passam a ser vistos como coisas destinadas a serem ‘consumidas’, e não produzidas – sujeitas ao juízo de avaliação como qualquer outro objeto de consumo. A percepção do mundo, como grupo de coisas de consumo, transforma os laços humanos duradouros em algo muito difícil.

¹²⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 175-176.

¹³⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 7-60; BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 184-185.

¹³¹ BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. p. 105-150; BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 198-200.

Como laços e parcerias são itens de consumo, o trabalho não é visto como proporcionador de solidez, e, sim, como propiciador de realização de desejos.¹³²

A cooperação, no contexto atual, é supérflua. É individualmente que se consome, logo, a cooperação que transforma os esforços diversos e dispersos em esforços produtivos é desnecessária. O consumo é uma atividade solitária, mesmo quando é realizado na companhia de alguém.¹³³ Por isso o pensamento da modernidade líquida em relação ao trabalho é que ninguém, em sã consciência, almejaria viver toda a sua vida, ou mesmo grande parte dela, em uma única empresa. Mobilidade e mudança de emprego são sinônimos e competitividade na mentalidade atual, porém, tal pensamento não faz senão outra coisa que carregar o verdadeiro significado da procrastinação.¹³⁴

Importante observar, ainda, nesta questão do trabalho, o enfraquecimento da confiança. A história dos trabalhadores está imersa na passagem do capitalismo pesado, sólido, para o leve, fluido. Isso mostra uma ligação entre o colapso da confiança, o enfraquecimento da vontade de engajamento político e a ação coletiva. Como as pessoas mantêm-se satisfeitas com o presente e as projeções para o futuro raramente ocorrem, como a satisfação não pode vir de uma vida longa de trabalho em uma mesma empresa, assim também é improvável que elas formulem e reformulem suas queixas e se voltem para o poder político em busca de reparação.¹³⁵

Comunidade, no contexto atual da modernidade líquida, pode ter um significado bem diferente de outrora. As comunidades apresentam-se hoje com aparências e formas bem diferentes do que em outros contextos da história da humanidade. As comunidades, na medida em que precisam ser defendidas para sobreviver e recorrer aos seus próprios membros para que assegurem essa sobrevivência com suas escolhas individuais e assumam responsabilidade individual por essa sobrevivência, parecem não ter espaço num mundo do ‘tudo superficial, momentâneo e passageiro’.¹³⁶

Poder-se-ia dizer que o significado de comunidade se associa, no contexto atual, a uma sensação boa. Pertencer à comunidade, estar em comunidade, transmite a ideia de proteção –

¹³² BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p. 143-183; BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 205.

¹³³ Cf. COSTA, Valeriano D. S. Liturgia em “tempos líquidos”. in. *Cultura Teológica*. São Paulo: ano XXIV, n. 87, p. 70-95, 2016.

¹³⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 207.

¹³⁵ BAUMAN, Zygmunt. Teoría sociológica de la posmodernidad. in. *Espiral*, México, v. II, n. 5, p. 81-102, 1996; BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 208.

¹³⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 211-212.

comunidade é um novo nome para o ideal perdido, mas um ideal ainda buscado, e que se espera encontrar. Entretanto, em troca da segurança prometida da vida em comunidade, parece perder-se a liberdade.¹³⁷ Fica evidente que a tensão entre segurança e liberdade, entre comunidade e individualidade, dificilmente deixará de existir. Porém Bauman afirma que, embora não seja possível esquivar-se de tal dilema, é crível avaliar oportunidades e perigos para aprender com os erros do passado e compreender a natureza e o futuro das sociedades contemporâneas.¹³⁸

No mundo líquido moderno, a ideia de “*comunidade é a de uma ilha de tranquilidade caseira e agradável num mar de turbulências e hostilidades*”¹³⁹. Bauman discorre sobre o que ele chama de “*cloakroomcommunity*” (literalmente, comunidades de guarda-casacos”, em alusão aos locais onde, em teatros, deixam-se capas e casacos, que são retirados à saída), por captar bem os traços das comunidades do tempo atual.¹⁴⁰ O sociólogo polonês afirma que as *cloakroomcommunities* precisam de um espetáculo que apele a interesses semelhantes em indivíduos diferentes e que os reúnam durante um determinado tempo em que outros interesses são temporariamente deixados de lado e silenciados.¹⁴¹

As comunidades supracitadas são como “comunidades de carnaval”, pois propiciam um alívio temporário às agonias de solitárias lutas cotidianas, à exaustiva condição de indivíduos persuadidos ou forçados a puxar a si mesmos pelos próprios cabelos. Os espetáculos passam a subsistir a ‘casa comum’ da era da modernidade sólida.¹⁴² Tais comunidades imitam e prometem replicar ou fazer surgir do nada as comunidades genuínas, entretanto, elas impedem a condensação de comunidades compreensivas e duradouras.¹⁴³ Contribuem para a perduração da solidão que busca desesperadamente redenção nas raras realizações coletivas – espalham, em vez de condensar, a energia dos impulsos de sociedade.¹⁴⁴

¹³⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. p. 7-12.

¹³⁸ BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. p. 66-67; BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 210-250.

¹³⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 227.

¹⁴⁰ SILVA, Otávio G. T; SANTOS, Guilherme F. Conceito de “modernidade líquida”: revisão teórica e implicações para a prática de vida. in. *Cadernos Zygmunt Bauman*. Maranhão, v. 3, n. 5, p. 40-61, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/1490/2555>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

¹⁴¹ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 248.

¹⁴² BAUMAN, Zygmunt. Teoría sociológica de la posmodernidad. in. *Espiral*, México, v. II, n. 5, p. 81-102, 1996.

¹⁴³ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. p. 69-134.

¹⁴⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 250.

1.2.2. Desafios para o encontro

Depois de passar por uma visão das categorias que um encontro possui, de um ponto de vista filosófico¹⁴⁵, e, posteriormente, teológico¹⁴⁶, imergiu-se no pensamento do sociólogo contemporâneo Zygmunt Bauman, buscando conceituar o contexto atual do homem nesta modernidade líquida. Posto isso, dá-se um passo a mais nesta investigação e desenvolvem-se agora algumas ideias referentes aos desafios para o encontro neste contexto fluído da modernidade atual. Sem a pretensão de conceituar tais desafios totalmente ou exprimi-los na sua totalidade numérica, mas, sim, de apenas evidenciar alguns deles – que sempre se entrelaçam – são feitas investigações de pontos levantados pela própria investigação anterior da modernidade líquida que exprimem tais desafios.

Comunidade pode ser sinônimo de sensação boa, lugar aconchegante onde se pode contar com os outros. Na verdade, ela evoca tudo aquilo do que se sente falta e de que se precisa para viver – segurança e confiança – mas que não se tem. Porém, essa comunidade é imaginária. Para se viver em comunidade, em troca dos benefícios que ela traz, pagar-se-ia um preço que só não é cobrado enquanto ela permanece apenas um ideal, que é a liberdade. Deste modo, não pertencer a uma comunidade significaria ficar sem proteção; pertencer, significaria ficar sem liberdade.¹⁴⁷ Logo, tal contexto apresenta um desafio para o encontro, pois este se dá na comunidade, não só, mas em alta intensidade.

É necessário investigar as soluções já propostas e tentadas para solucionar o dilema supracitado. Desta forma poder-se-ia ao menos evitar a repetição de erros já cometidos, e tomar rumos que previamente poderiam ser considerados desnecessários. O fato de não se poder ter segurança e liberdade ao mesmo tempo não quer dizer que não se deve buscar ter ambas.¹⁴⁸ As comunidades são, no contexto atual, estéticas, o que Bauman chama de “comunidades-cabide”¹⁴⁹ ou “guarda-casacos”, cuja característica principal é ser superficial. Nestas “comunidades” líquidas modernas os laços são descartáveis e não duram quase nada.

As características das comunidades atuais apresentam um grande desafio ao encontro. Essas “comunidades” não constroem uma teia de vínculos e responsabilidades éticas entre os seus membros, e, assim, destroem qualquer possibilidade de compromissos a longo prazo. Os

¹⁴⁵ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 51.

¹⁴⁶ GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. p. 25-183; Cf. RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. p. 494-495.

¹⁴⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. p. 7-11.

¹⁴⁸ BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. p. 67; BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. p. 7-11.

¹⁴⁹ BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?*. p. 149-197.

vínculos estabelecidos são explosivamente curtos e não vinculam verdadeiramente – não têm sequência. Esse é um grande desafio, pois o indivíduo nesse mundo líquido moderno está totalmente imerso em tal realidade e é formado por suas ideias. Logo, perde a característica de procurar um tipo de comunidade que possa, coletivamente, realizar algo de que sente falta e que sozinho não consegue realizar.¹⁵⁰

Na verdade, os dilemas notados quando se misturam os conceitos de “comunidade ética” e comunidade “líquido-moderna” devem ser investigados como produto dos conflitos sociais e não dilemas que se poderiam resolver, filosoficamente, com o refinamento do raciocínio. A comunidade ética é tecida de compromissos de longo prazo, obrigações inabaláveis, de direitos inalienáveis, e, graças à sua durabilidade institucionalmente garantida, pode tratar tais características como variáveis dadas no planejamento e nos projetos de futuro. Os compromissos que tornam ética a comunidade são os caracterizados pelo ‘compartilhamento fraterno’, que reafirma o direito de todos contra os erros da vida individual.¹⁵¹

O grande desafio aqui é como estimular os ‘indivíduos de jure’ tornarem-se ‘indivíduos de facto’, onde ‘indivíduos de jure’ são aqueles aconselhados a resolver seus problemas por seus próprios meios, pela simples razão de que ninguém mais fará isto por eles, e ‘indivíduos de fato’ são aqueles que são senhores do próprio destino por meio de atos e não meramente em declarações públicas. O que os ‘indivíduos de jure’ veem, mas que não são de ‘facto’, na comunidade, é, provavelmente, uma garantia de certeza, segurança e proteção, as *“três qualidades que mais lhes fazem falta nos afazeres da vida e que não podem obter quando isolados e dependendo dos recursos escassos de que dispõem em privado”*¹⁵². A grande questão é que isto é buscado nas comunidades carnavalescas, ‘comunidades-cabides’ e não numa transformação do indivíduo que alcança um novo patamar e passa a viver a realidade da comunidade ética.

Poder-se-ia passar, agora, para outro desafio, que, como todos os outros, tem ligações com os demais, que é o desafio ético da “globalização” para o encontro, ou melhor dizendo, a globalização como um desafio ético para o encontro. Independente de qual for o sentido que é dado para a globalização, nela está contido o significado de que todos os seres humanos são dependentes uns dos outros. As distâncias físicas pouco importam no contexto atual. Um fato

¹⁵⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. p. 68.

¹⁵¹ BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. p. 7-32.

¹⁵² BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. p. 68.

ocorrido localmente pode acarretar consequências globais. As ações humanas podem alcançar enormes distâncias, tanto no espaço quanto no tempo. O que é feito, ou deixado de se fazer, pode acarretar consequências e influenciar as condições de vida, ou de morte, de pessoas em lugares muito distantes, ou de gerações vindouras. Essa é a condição do contexto atual, no qual, de forma consciente ou não, o homem está inserido e faz a experiência do encontro produzindo a história comum.¹⁵³

Nada pode conter a globalização, quanto menos há algo a se fazer para revertê-la. O desenvolvimento da globalização produziu uma rede de interdependência que atinge cada canto e brecha do planeta, porém pouco vai além disso. A dimensão planetária não foi acompanhada pelo controle democrático em escala proporcional.¹⁵⁴ E, desta forma, a globalização representa um progressivo desempoderamento do Estado-nação moderno e a total ausência de algum substituto de fato. Uma competição desenfreada em termos de violência alimenta-se da mesma desordem mundial em que prospera uma competição desenfreada por lucro.¹⁵⁵

No contexto da globalização, não existe solução local para problemas que, na verdade, possuem raízes globais. As causas da sobrevivência e da justiça requerem posições que convergem para uma única causa, e tal causa unificada não pode ser buscada localmente e por iniciativas locais unicamente. Numa sociedade globalizada, os dilemas humanos só podem ser debatidos e solucionados com uma atitude que expresse uma humanidade solidária. Bauman afirma que essa resposta efetiva e global ao desafio apresentado pela globalização depende da emergência e do assentamento de uma ‘arena política’, que é distinta de um foro internacional ou inter-Estados.¹⁵⁶

A globalização carrega características que fogem ao domínio e configuração das entidades reguladoras atuais – especialmente o Estado-nação. Bem por isso, são necessárias novas forças para restabelecer e revigorar um foro global adequado à era da globalização. Essas forças, na visão de Bauman, só se firmariam se fossem evitados os atores globais existentes, treinados na arte da diplomacia inter-Estados, pois estes demonstram carência de habilidade e dos recursos exigidos para tal. Observa-se, assim, que a passagem das agências e ferramentas internacionais de ação para as instituições internacionais deve e será uma

¹⁵³ BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?*. p. 77-78.

¹⁵⁴ BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. p. 34-50; BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?*. p. 80.

¹⁵⁵ BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?*. p. 114.

¹⁵⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 230-239.

mudança qualitativa, e não somente uma transformação quantitativa. As instituições a serviço da comunidade humana planetária não podem ser as mesmas instituições de hoje, que surgiram da soberania territorial do Estado-nação, só que com dimensão maior.¹⁵⁷

A fragilidade e o caráter de descartável das identidades individuais e dos laços inter-humanos é que marcam o contexto global onde o encontro se dá. É apenas o presente que importa; não se dá atenção ao passado ou às consequências vindouras das ações – uma mentalidade ‘presentista’ que favorece a velocidade e efetividade, ao mesmo tempo que dissipa a paciência e a perseverança. A economia consumista global auxilia no movimento de conduta humana que, para servir a novos desejos, necessidades, compulsões e vícios, conta com o ‘excesso’ e o ‘descarte’. Isto posto, a lógica da responsabilidade global traz como objetivo enfrentar diretamente estes problemas globalmente gerados.¹⁵⁸

Findando este ponto sobre o desafio ético da globalização para o encontro, pode-se afirmar que esperança, coragem e obstinação são os itens imprescindíveis para o desenvolvimento de políticas capazes de perseguir e alcançar os mecanismos globais de consumo.¹⁵⁹ Embora não se tenha como saber de que modo e com que forma isso será consumado, no cenário líquido moderno, a educação e a aprendizagem contínuas e vitalícias demonstram enfrentar a realidade dinâmica do mundo do consumidor. É o pensamento crítico e não os ataques de mísseis e/ou terroristas que decidirão o curso da história que conduzirá a uma experiência comunitária ética planetária.

Outro grande desafio do contexto atual no qual acontece o encontro é a identidade. A modernidade líquida favorece a identidade em um processo de transformação que acarreta fenômenos como a crise do multiculturalismo, o fundamentalismo, nas suas diversas ramificações, e as comunidades virtuais da internet. Desta forma fica evidente que a identidade não deve mais ser observada pelos instrumentos de outrora – é imprescindível desenvolver uma reflexão mais adaptada à dinâmica de entendimento até então utilizado.¹⁶⁰

À medida que se depara com as incertezas e inseguranças da modernidade líquida, as identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e, também, sexuais são submetidas a um processo de transformação contínuo, que vai do duradouro ao transitório, com todas as

¹⁵⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. p. 143-183; BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?*. p. 257.

¹⁵⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Babel: entre a incerteza e a esperança*. Rio de Janeiro: Zahar. 2016. p. 11-44; BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?*. p. 165.

¹⁵⁹ BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?*. p. 36.

¹⁶⁰ BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. p. 22-33.

angustiantes consequências para a psique que tal situação carrega. Investigar a identidade é imprescindível para o entendimento da natureza em transformação da vida social onde o encontro acontece. A identidade se torna um desafio para o encontro na medida em que é o retrato da vida contemporânea. Vida marcada pelo movimento que não é uma escolha, mas, sim, um requisito indispensável no hoje da história humana.¹⁶¹

A questão da identidade é um desafio ao encontro, porque está ligada ao colapso do Estado de bem-estar social, além de ter íntima relação com o crescimento da sensação de insegurança. A corrosão do caráter que a insegurança e a flexibilidade no local de trabalho têm provocado, também está estreitamente ligado à questão da formação da identidade. Tão logo tudo isso manifesta a ansiedade que caracteriza o comportamento, a tomada de decisões e os projetos que cada homem e mulher carregam consigo quando vão ao encontro no contexto fluído atual.¹⁶²

O amor líquido, como nomeado por Bauman, e a fragilidade dos laços humanos podem ser outro grande desafio ao encontro. A insegurança, que vem da vida no contexto líquido moderno, inspira e estimula desejos opostos de diminuir a distância e, ao mesmo tempo, de alargar os laços. Um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível, é mortal para a capacidade de amar, seja o amor direcionado ao próximo, a um parceiro ou a si mesmo. As relações tornam-se cada vez mais flexíveis e geram níveis cada vez maiores de insegurança. Pelo fato de se dar prioridade aos relacionamentos em ‘rede’, que são feitos e desfeitos com igual facilidade, geralmente sem que se envolva nenhum contato que não o virtual, ocorre de não se saber mais como ter e manter vínculos em longo prazo.¹⁶³

Neste bojo, as relações virtuais, ou conexões, se assim preferir, estabelecem o padrão que orienta todos os outros relacionamentos. Tal fato não permite constatar que acarreta felicidade aos homens e mulheres que se rendem a essa pressão. O que ocorre, acarretando um grande desafio ao encontro, é que, quando se é traído pela qualidade, tende-se a buscar a compensação na quantidade. As pessoas passam a substituir as parcerias pelas redes quando as relações deixam de ser honestas e parece improvável que se sustentem – desta forma estabelecer-se torna-se ainda mais difícil. Não se desenvolve mais a habilidade que faz, ou que pelo menos poderia fazer, a coisa funcionar. Estar em movimento, antes uma conquista,

¹⁶¹ BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. p. 7-23.

¹⁶² BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. p. 11.

¹⁶³ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. p. 40-48; BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. p. 91-95; BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. p. 61-76.

torna-se uma necessidade e vira uma tarefa cansativa. A felicidade do desengajamento e rompimento apenas distribui os riscos de modo diferente de outrora.¹⁶⁴

Além das relações amorosas e os vínculos familiares serem afetados, outra característica que compete a este desafio, e que fica prejudicada por causa da forma que se conduz a vida na modernidade líquida, é a capacidade de se relacionar com um estranho. Exemplo disso são as políticas imigratórias de diversos países e a forma como a sociedade tende a abonar seus medos, sempre maiores, a refugiados e estrangeiros. Somada a tudo isso, ainda há a cultura do descarte. Todos estão sozinhos, não só na morte, mas em seus esforços para continuar vivos. A soma de generosidades privadas não resulta numa cultura coletiva, e, assim, ser abandonado e excluído, rejeitado e relegado à lixeira, não engendra solidariedade e, sim, um vale-tudo pelas migalhas que caem das mesas festivas da sociedade de consumo.¹⁶⁵

A cultura é outro desafio ao encontro. Hoje ela está voltada para se ajustar à liberdade individual de escolha e à responsabilidade, também individual, por tal escolha. Sua função é garantir que a escolha seja e continue a ser uma necessidade e um dever inevitável da vida, enquanto que a responsabilidade pela escolha e todas as suas consequências fiquem sobre os ombros do indivíduo, onde foram colocadas pelo contexto líquido moderno. A cultura, como foi formulada originalmente no passado, deveria ser um agente de mudança; tinha a missão cuja finalidade era de educar o povo, propiciar-lhe melhores condições de pensar e de criar. Porém, no contexto atual, isso mudou.¹⁶⁶

Sendo um artifício de sedução, a cultura deixa o seu papel missionário e, sem pretensão nenhuma de esclarecer, passa a ter a função de atrair as pessoas. Mas o mais agravante e desafiador é que sua função última não é a de satisfazer necessidades existentes, mas, sim, criar novas, assegurando que as antigas se mantenham sempre insatisfeitas. A cultura na sociedade atual não tem outra preferência se não deixar as pessoas, individualmente ou em parceria, criarem suas próprias preferências. Ela virou objeto da moda.¹⁶⁷

Ao mesmo tempo em que a cultura se padroniza, ela não passa a ser universal. Um mundo ‘multicultural’ permite que culturas coexistam, mas a política do ‘multiculturalismo’ não torna a vida mais fácil para essas culturas obterem benefícios e prazer com a coexistência. Em outras palavras, o que ocorre é que existem ‘culturas’ e ‘multiculturalismo’ que, no fundo,

¹⁶⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. p. 13.

¹⁶⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Babel: entre a incerteza e a esperança*. p. 50.

¹⁶⁶ BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. p. 7-33.

¹⁶⁷ BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?*. p. 160-197.

significam indiferença em relação ao outro. A fluidez moderna permite que as mutações culturais encontrem seu nível próprio e lá busquem outros níveis, e, deste modo, nenhum nível é considerado definitivo ou irrevogável, mas, sim, transitório – nenhum deles é fixado até que a lei da oferta e da demanda tenha seguido seu curso.¹⁶⁸

O contexto atual é marcado por uma cultura do consumo que domina e regula mais que o Estado. A “cultura de tirar” do mundo dos negócios suplanta a “cultura de partilha” da família e da vizinhança. O Estado perdeu seu monopólio da força e não dispõe da capacidade de decidir o que precisa ser feito – ele não tem como deixar de ser um mau condutor da vontade geral. No mundo de interdependência plenária e circulação planetária de finanças, capitais de investimento, commodities e informação, o que precisa ser feito fica, de maneira obstinada, além do alcance e da capacidade de Estados territorialmente confinados.¹⁶⁹

Assim, a cultura, hoje, se assemelha a uma seção de uma loja de departamentos neste mundo de consumo onde vivem pessoas transformadas em consumidores. E, tal como nas outras seções dessa *megastore*, as prateleiras estão lotadas de atrações trocadas todos os dias, cujas últimas promoções irão desaparecer tão instantaneamente quanto as novidades em processo de envelhecimento que elas anunciam. O grande desafio para o encontro neste contexto não é senão outro que a cultura tem clientes a seduzir e não pessoas para propiciar o encontro.¹⁷⁰

O medo é outro desafio do mundo líquido moderno para o encontro. Bauman investiga os fundamentos do medo no mundo atual e afirma que as certezas da modernidade sólida são coisas do passado, e, desta forma, a utopia do controle sobre os mundos social e natural também se foi. Os homens e mulheres de hoje vivem uma ansiedade constante devido à economia globalizada, à carência do domínio sobre a natureza, ao poder da tecnologia e por causa do bem-estar social. As pessoas têm medo: de perder o emprego, de serem aniquiladas por um grande evento natural, da violência urbana, do terrorismo, de perder o amor do parceiro, da exclusão, e, do mais líquido, de todos os medos, de ficar para trás.¹⁷¹

Tendo como característica o sentimento de ser ‘susceptível’ ao perigo, o medo carrega consigo o sentimento de impotência. A morte é o fato que mais carrega este último, pois, entre todos os ‘desconhecidos’, é a única e verdadeiramente incognoscível. A luta contra a morte

¹⁶⁸ BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. p. 83.

¹⁶⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Babel: entre a incerteza e a esperança*. p. 21-23.31.

¹⁷⁰ BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. p. 21.

¹⁷¹ BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. p. 11-32; BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. p. 96-167.

começa no nascimento e continua presente pela vida afora. Para se viver o encontro no desafiador medo da morte, é necessário reconhecer sua iminência e, para isso, pode ajudar, não que totalmente eficaz: construir ligações entre a vida mortal e a eternidade, colocando a morte como um novo começo; mudar o foco de atenção da própria morte, como um evento trágico, para um que deve ser enfrentado; e encarar a morte, não como um fim absoluto, mas como algo bem mais banal.¹⁷²

O medo diante das relações no mundo globalizado altamente competitivo é um grande desafio, visto que os vínculos humanos se tornaram um território de fronteira em que é preciso travar intermináveis conflitos. A confiança nestas relações está perdida. As relações humanas não são mais lugares de certeza, tranquilidade e conforto, são agora fonte de ansiedade perpétua e sinônimo de vida em constante estado de alerta. Vínculos sólidos e fidedignos são substituídos por ‘redes’ – prefere-se investir em redes do que em parcerias e se espera compensar a falta de qualidade com a quantidade.¹⁷³ Ao primeiro sinal do mal, homens e mulheres, imersos neste contexto fluído, tendem a considerar a fuga do problema opção melhor que enfrentá-lo. Logo, parcerias não se fortalecem, encontros verdadeiros não acontecem, e, como não há tempo para descobrir, é melhor pular para frente do que tentar deter o mal que emerge da suspeita.¹⁷⁴

Nas palavras de Bauman:

O medo é o mais sinistro dos muitos demônios que se aninham nas sociedades abertas de nossa época. Mas é a insegurança do presente e a incerteza do futuro que criam e alimentam o mais aterrador e menos suportável de nossos medos. A insegurança e a incerteza, por sua vez, nascem de um sentimento de impotência: não parecemos mais estar no controle, seja sozinhos, em grupo ou coletivamente, dos assuntos de nossas comunidades, da mesma forma que não estamos no controle dos assuntos do planeta – e nos tornamos cada vez mais conscientes de que não é provável que nos livremos da primeira desvantagem enquanto permitirmos que a segunda persista.¹⁷⁵

O que piora a situação do medo, segundo Bauman, é que não há ferramentas que poderiam permitir que a política se elevasse ao nível em que o poder já se estabeleceu, possibilitando, assim, recapturar e recuperar o controle sobre as forças que moldam a

¹⁷² BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. p. 35-73.

¹⁷³ BAUMAN, Zygmunt. *Babel: entre a incerteza e a esperança*. p. 111-129.

¹⁷⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. p. 143-183.

¹⁷⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. p. 167.

condição compartilhada.¹⁷⁶ Desta forma, a alma das escolhas de homens e mulheres, assim como os limites de suas liberdades de escolha, seriam redefinidos – é justamente o tipo de domínio que foi tirado das mãos de todos. Somente se estas ferramentas forem encontradas – construídas, pois hoje não existem – é que será possível combater eficazmente o medo da globalização negativa. Em última instância, a única coisa que poderia iniciar a extirpação do medo é compreendê-lo.¹⁷⁷

A partir do supracitado, fica claro que o grande desafio ao encontro no contexto atual não é uma única coisa, mas, sim, tudo o que envolve uma forma de vida líquida gerada por uma sociedade líquida moderna que muda mais rápido do que nunca.¹⁷⁸ A vida individualizada e a cultura do consumo, diante de todos os medos e incertezas que trazem, carregam consigo o descomprometimento, o desengajamento, a descontinuidade e a não fixação de vínculos.¹⁷⁹ Tudo isso agravado por mudanças, cada vez mais rápidas, das formas das organizações sociais; separação entre o poder e o estado; fragilização dos laços humanos; crise do pensamento a longo prazo, e responsabilidade de resolver dilemas instáveis colocada nas costas do indivíduo. Estes são grandes desafios, porém não intransponíveis, que influenciam, e muito, a maneira como o encontro acontece no contexto atual.

¹⁷⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. p. 33-76.

¹⁷⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. p. 229.

¹⁷⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar. 2001. p. 7-24.

¹⁷⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. p. 7-23.

Capítulo II: encontro e presença a partir da *Sacrosanctum Concilium* 7

No capítulo anterior, lançaram-se luzes sobre o encontro com Cristo nas ações litúrgicas, quando foram tratadas as características do encontro sob um ponto de vista filosófico e teológico, e apresentou-se também o contexto sociológico atual onde este encontro se dá. Agora se procurará compreender as diferentes formas de presença de Cristo nas ações litúrgicas¹⁸⁰ e ajudar a compreender o encontro com ele em tais ações. Pois como é afirmado pela Introdução Geral Sobre o Missal Romano, ao falar da maior de todas as ações litúrgicas, a missa, Cristo está realmente presente, tanto na assembleia reunida em seu nome, como na pessoa do ministro, na sua palavra, assim como nos sacramentos quando eles são ministrados, “*e também, de modo substancial e permanente, sob as espécies eucarísticas*”.¹⁸¹

O objetivo não é esgotar todo o significado e nuances de interpretações sobre o encontro com Cristo e sua presença nas ações litúrgicas, mas, sim, sistematizar estas formas de presença para ajudar na compreensão de como Cristo se faz presente em tais ações. Como critério hermenêutico, foram utilizadas as formas de presença destacadas no parágrafo 7 da *Sacrosanctum Concilium*¹⁸² e a ordem em que elas aparecem, para se discorrer sobre as mesmas e, assim, colaborar na compreensão da presença e ajudar na visão de encontro com o Nosso Senhor Jesus Cristo. Estes modos de presença de Cristo na igreja que a SC expõe brevemente são tomados com mais demora na encíclica *Mysterium Fidei*¹⁸³, do Papa Paulo VI, e, aqui, se fará uso desta, como fonte, também, para compor a pesquisa proposta.

2.1. O encontro com Cristo presente na pessoa do ministro

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* diz no seu parágrafo 7 que Cristo está presente nas ações litúrgicas na pessoa do ministro. Esta afirmação apresenta-se da seguinte forma: “*Cristo está sempre presente na sua igreja [...] no sacrifício da Missa, quer na pessoa do ministro – ‘O que se oferece agora pelo ministério sacerdotal é o mesmo que se ofereceu na Cruz’*”¹⁸⁴. A SC faz isto citando o Concílio de Trento, sua 22ª sessão, que trata da

¹⁸⁰ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia*. AAS 54. 1964. (SC), 7.

¹⁸¹ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Missal Romano*. São Paulo: Paulus, 2006. (MR). n. 8.

¹⁸² Cf. SC 7.

¹⁸³ Cf. PAPA PAULO VI. *Carta Encíclica Mysterium Fidei*, AAS 57. 1965. (MF), 34-57.

¹⁸⁴ SC 7.

doutrina e cânones da missa, onde afirma: “*pois quem se oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que então se ofereceu na cruz*”¹⁸⁵.

A encíclica *Mysterium Fidei*, de Paulo VI, por sua vez, propicia compreender que Cristo está presente na Celebração Eucarística na pessoa do presidente, por este desempenhar a função de dirigir e governar, em nome de Jesus Cristo, o Novo Povo de Deus, que compõe o Seu corpo. A Encíclica diz:

[Cristo] Está presente à sua Igreja, enquanto esta dirige e governa o povo de Deus, porque de Cristo deriva o poder sagrado, e Cristo, ‘Pastor dos Pastores’, assiste os Pastores que o exercem, segundo a promessa feita aos Apóstolos: ‘Eu estarei convosco todos os dias, até a consumação dos séculos’.¹⁸⁶

As afirmações da *Sacrosanctum Concilium* e da *Mysterium Fidei* asseguram a presença de Cristo na Celebração Eucarística. Mas é o Decreto *Presbyterorum Ordinis*¹⁸⁷ que vai mostrar, de forma mais direta, que essa presença de Cristo se dá no serviço do presbítero.¹⁸⁸ Este decreto do Vaticano II apresenta de forma objetiva, porém sem deixar de considerar as nuances sistemáticas teológicas da questão, os pontos principais que conduzem a compreender o encontro com Cristo na pessoa daquele que preside.

O decreto, ao falar do presbiterato, no parágrafo 2, afirma que o Senhor Jesus, “*a quem o Pai santificou e enviou ao mundo*” (Jo 10,36), tornou participante todo o seu Corpo místico da unção do Espírito com que Ele mesmo tinha sido ungido. Desta forma, no Corpo Místico de Cristo todos os fiéis se tornam sacerdócio santo e real, oferecem vítimas a Deus por meio de Jesus Cristo e anunciam as virtudes d'Aquele que os chamou das trevas para a sua luz admirável. Bem por isso, não existe nenhum membro que não tenha parte na missão de todo o corpo, mas cada um deve santificar Jesus no seu coração e dar testemunho de Jesus com espírito de profecia.¹⁸⁹

O mesmo Senhor, porém, para que formassem um corpo, no qual “*nem todos os membros têm a mesma função*” (Rm 12,4), constituiu, dentre os fiéis, alguns como

¹⁸⁵ DH 1740.

¹⁸⁶ MF 37.

¹⁸⁷ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Presbyterorum Ordinis*. AAS 58. 1966. (PO), 2.

¹⁸⁸ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola: Vozes: Paulinas: Ave-Maria: Paulus, 2006. (CIC), 1142.

¹⁸⁹ Cf. PO 2.

ministros.¹⁹⁰ E, assim, enviando os Apóstolos, do mesmo modo como Ele tinha sido enviado pelo Pai, Cristo, através dos mesmos Apóstolos, tornou participantes da sua consagração e missão os sucessores deles, os Bispos, cujo cargo ministerial, em grau subordinado, foi confiado aos presbíteros, para que, constituídos na Ordem do presbiterado, fossem cooperadores da Ordem do episcopado para o desempenho perfeito da missão apostólica confiada por Cristo.¹⁹¹

Por isso, o ministério dos sacerdotes, enquanto unido à Ordem Episcopal, participa da autoridade com que o próprio Cristo edifica, santifica e governa o seu corpo. E bem edificado, o sacerdócio dos presbíteros, supondo, é certo, os sacramentos da iniciação cristã, é, todavia, conferido mediante um sacramento especial,¹⁹² em virtude do qual os presbíteros ficam assinalados com um carácter particular e, dessa maneira, configurados a Cristo sacerdote, de tal modo que possam agir em nome de Cristo cabeça.¹⁹³

De fato, depois de apresentar, de forma teológica sistemática, que Cristo se faz presente na pessoa do presbítero, nos primeiros parágrafos do número 2 do Decreto, o Concílio dá a luz que é necessária para entender o encontro com Cristo nesta forma de presença. Nos parágrafos 4 e 5 do número 2 do *Presbyterorum Ordinis* é que se vê que esse encontro se dá pelo serviço que o Presbítero exerce.¹⁹⁴ “*Serviço este que o assemelha a Jesus Cristo.*”¹⁹⁵

O decreto afirma, nos dois últimos parágrafos do número 2, que participando, a seu modo, do múnus dos apóstolos, os presbíteros recebem de Deus a graça de serem ministros de Jesus Cristo no meio dos povos, desempenhando o sagrado ministério do Evangelho, para que seja aceita a oblação dos mesmos povos, santificada no Espírito Santo. Com efeito, o Povo de Deus é convocado e reunido pela virtude da mensagem apostólica, de tal modo que todos quantos pertencem a este Povo¹⁹⁶, uma vez santificados no Espírito Santo, se ofereçam como

¹⁹⁰ Cf. GONZÁLEZ, José Maria de Miguel. Presencia de Cristo em Los Sacramentos. in. ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE PROFESORES DE LITURGIA. *La presencia de Cristo em la Liturgia*. Bilbao, Espanha: Grafite Ediciones, 2004. p. 180-184.

¹⁹¹ Cf. PO 2.

¹⁹² Cf. CIC 1142.

¹⁹³ Cf. PO 2.

¹⁹⁴ Cf. BECKHAUSER, Alberto. *Sacrosanctum Concilium: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 23-27.

¹⁹⁵ PO 2.

¹⁹⁶ Cf. LG 9.

“*hóstia viva, santa e agradável a Deus*” (Rm 12, 1) e realizem verdadeiramente o encontro.¹⁹⁷

Entretanto, é pelo ministério dos presbíteros que o sacrifício espiritual dos fiéis se consuma em união com o sacrifício de Cristo, mediador único, que é oferecido na Eucaristia de modo incruento e sacramental pelas mãos deles, em nome de toda a Igreja, enquanto se espera a vinda do próprio Senhor. Para isto tende e nisto se consuma o ministério dos presbíteros. Com efeito, o seu ministério, que começa pela pregação evangélica, tira do sacrifício de Cristo a sua força e a sua virtude, e tende a fazer com que toda a cidade redimida, isto é, a congregação e a sociedade dos santos, seja oferecida a Deus como sacrifício universal pelo grande sacerdote, que também se ofereceu a si mesmo por nós na Paixão para que fôssemos o corpo de tão nobre cabeça.¹⁹⁸

Aquele que preside a Celebração Eucarística, pelo serviço que presta, é a própria figura de Cristo no meio da comunidade. Portanto, os presbíteros, quer se entreguem à oração e à adoração, quer preguem a palavra de Deus, quer ofereçam o sacrifício eucarístico e administrem os demais sacramentos, quer exerçam outros ministérios a favor dos homens, concorrem, não só para aumentar a glória de Deus, mas também para promover a vida divina nos homens. Tudo isto, enquanto procede da Páscoa de Cristo, será consumado no advento glorioso do mesmo Senhor, quando Ele entregar o reino nas mãos do Pai.¹⁹⁹

Ainda em relação a esta presença de Cristo, associada ao ministério do presbítero, o Decreto *Presbyterorum Ordinis*, afirma, ao falar dos presbíteros no mundo, que os mesmos, tirados dentre os homens e constituídos a favor dos homens nas coisas que se referem a Deus, para oferecerem dons e sacrifícios pelos pecados, convivem fraternalmente numa relação de encontro com os restantes homens.²⁰⁰ Assim também o Senhor Jesus, Filho de Deus, enviado pelo Pai como homem para o meio dos homens, habitou entre nós e quis assemelhar-se em tudo aos seus irmãos, menos no pecado.²⁰¹

Já os Apóstolos imitaram Jesus, e S. Paulo, doutor das gentes, “*escolhido para anunciar o Evangelho de Deus*” (Rm 1,1), atesta que se fez tudo para todos, para ganhar o maior número possível.²⁰² Os presbíteros do Novo Testamento, em virtude da vocação e

¹⁹⁷ Cf. PO 2.

¹⁹⁸ Cf. CIC 1536-1571; PO 2.

¹⁹⁹ Cf. PO 2.

²⁰⁰ Cf. GODOY, Manoel. *Presbyterorum Ordinis: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas. 2012. 49-52.

²⁰¹ Cf. PO 3.

²⁰² Cf. 1Cor 9, 19-23.

ordenação, de algum modo são segregados dentro do Povo de Deus, não para serem separados dele ou de qualquer ser humano, mas para se consagrarem totalmente ao encontro e à obra para que Deus os chama.²⁰³

Fazendo referência à *Lumen Gentium* no seu número 28, o decreto é bem categórico ao afirmar que os presbíteros não poderiam ser presença de Cristo, e não se poderia fazer o encontro com Cristo neles, se não fossem testemunhas e dispensadores duma vida diferente da terrena, e nem poderiam servir os homens se permanecessem alheios à sua vida e às suas situações.²⁰⁴ O seu próprio ministério não só exige, por um título especial, que não se conformem a este mundo, mas que também vivam neste mundo entre os homens e, como bons pastores, conheçam as suas ovelhas e procurem trazer aquelas que não pertencem a este redil, para que também elas ouçam a voz de Cristo e haja um só rebanho e um só pastor.²⁰⁵

Neste ponto, o decreto afirma que para os Presbíteros conseguirem atingir o supracitado, muito importam as virtudes que justamente se apreciam no convívio humano e na realização do encontro, como são a bondade, a sinceridade, a fortaleza de alma e a constância, o cuidado assíduo da justiça, a delicadeza²⁰⁶, e outras que o Apóstolo Paulo recomenda quando diz: “*Tudo quanto é verdadeiro, tudo quanto é puro, tudo quanto é justo, tudo quanto é santo, tudo quanto é amável*” (Fl 4,8), tudo quanto é de bom nome, toda a virtude, todo o louvor da disciplina, tudo isso pensai.²⁰⁷

O concílio Vaticano II, ao falar da constituição hierárquica da Igreja, no capítulo III, da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, também apresenta essa concepção de Presença de Cristo naquele que preside, especificamente no Presbítero, pelo serviço que ele presta à edificação do Reino. A Constituição afirma que, por meio dos Seus Apóstolos, Cristo, a quem o Pai santificou e enviou ao mundo (cf. Jo 10,36), tornou os Bispos, que são sucessores daqueles, participantes da Sua consagração e missão e estes transmitiram legitimamente o múnus do seu ministério em grau diverso e a diversos sujeitos.²⁰⁸

Assim, o ministério eclesial, instituído por Deus, é exercido em ordens diversas por aqueles que desde a Antiguidade são chamados Bispos, presbíteros e diáconos. Os presbíteros, por sua vez, embora não possuam o fastígio do pontificado e dependam dos

²⁰³ Cf. GODOY, Manoel. *Presbyterorum Ordinis: texto e comentário*. p. 49-52; PO 3.

²⁰⁴ Cf. PO 28.

²⁰⁵ Cf. PO 3.

²⁰⁶ Também Buber indica qualidades semelhantes em seu livro, cf. BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 51-138.

²⁰⁷ Cf. PO 3.

²⁰⁸ Cf. LG 28.

Bispos no exercício do próprio poder, estão unidos na honra do sacerdócio e, por virtude do sacramento da Ordem, são consagrados à imagem de Cristo, sumo e eterno sacerdote, para pregar o Evangelho, apascentar os fiéis e celebrar o culto divino, como verdadeiros sacerdotes do Novo Testamento.²⁰⁹ Bem por isso, o encontro com Cristo se dá na sua pessoa quando preside.²¹⁰

Detalhando um pouco os serviços, a *Lumen Gentium* diz que os presbíteros participantes, segundo o grau do seu ministério, da função de Cristo mediador único, anunciam a todos a palavra de Deus. Mas é na ação litúrgica, na celebração eucarística, que exercem principalmente o seu múnus sagrado; nela, atuando em nome de Cristo e proclamando o Seu mistério, unem as preces dos fiéis ao sacrifício da cabeça e, no sacrifício da missa, representam e aplicam, até à vinda do Senhor, o único sacrifício do Novo Testamento, ou seja, Cristo oferecendo-se, uma vez por todas, ao Pai, como hóstia imaculada.²¹¹

Aqueles que presidem vivem o encontro e são a própria figura de Cristo ao exercem ainda, por título eminente, o ministério da reconciliação e o do conforto para com os fiéis arrependidos ou enfermos, e ao apresentarem a Deus Pai as necessidades e preces dos crentes. Desempenhando, segundo a medida da autoridade que possuem, o múnus de Cristo pastor e cabeça, reúnem a família de Deus em fraternidade animada por um mesmo espírito e, por Cristo e no Espírito Santo, conduzem-na a Deus Pai. No meio do próprio rebanho adoram-No em espírito e verdade. Trabalham, enfim, pregando e ensinando, acreditando no que leem e meditam na lei do Senhor, ensinando o que creem e vivendo o que ensinam.²¹²

A constituição ainda exorta os Presbíteros a fazerem o encontro, velando, como pais em Cristo, pelos fiéis que espiritualmente geraram pelo Batismo e pela doutrinação. Fazendo-se, de coração, os modelos do rebanho, de tal modo realizem o encontro na sua comunidade local, que esta possa dignamente ser chamada com aquele nome com que se honra o único Povo de Deus todo inteiro, a saber, a Igreja de Deus.²¹³ Na relação, encontro atualizado a cada dia, não se esqueçam de apresentar aos fiéis e infiéis, aos católicos e não-católicos, a imagem do autêntico ministério sacerdotal e pastoral, de dar a todos testemunho de verdade e de vida,

²⁰⁹ Cf. LG 28.

²¹⁰ Cf. LOPES, Geraldo. *Lumen Gentium: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 95-96.

²¹¹ Cf. LG 28.

²¹² Cf. LG 28.

²¹³ Cf. LOPES, Geraldo. *Lumen Gentium: texto e comentário*. p. 95-96.

e de procurar, também, como bons pastores, aqueles que, embora batizados na Igreja católica, abandonaram os sacramentos, ou, até mesmo, a fé.²¹⁴

Deve-se observar que a unidade faz parte do encontro. Por isso, para que de fato seja presença real de Cristo junto ao Novo Povo de Deus, dado que o gênero humano deva caminhar hoje cada vez mais para a unidade política, económica e social, tanto mais necessário é que os sacerdotes, em conjunto e sob a direção dos Bispos e do Sumo Pontífice, evitem qualquer motivo de divisão, para que a humanidade toda seja conduzida à unidade da família de Deus.²¹⁵

Para caminhar em direção a um fecho desta investigação acerca do encontro com Cristo nas ações litúrgicas na sua forma de presença naquele que preside,²¹⁶ tomam-se agora as contribuições apresentadas pela Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis* do Papa Bento XVI.²¹⁷ A Exortação apresenta, de forma muito clara, a questão da presença de Cristo naquele que preside com relação à ação litúrgica da Celebração Eucarística.²¹⁸

No número 23, a *Sacramentum Caritatis* afirma que o vínculo intrínseco entre a Eucaristia e o Sacramento da Ordem deduz-se das próprias palavras de Jesus no Cenáculo: “*Fazei isto em memória de Mim*” (Lc 22, 19). Na vigília da sua morte, Ele instituiu a Eucaristia e, ao mesmo tempo, fundou o sacerdócio da Nova Aliança. Jesus é sacerdote, vítima e altar: mediador entre Deus Pai e o povo, vítima de expiação que Se oferece a Si mesma no altar da cruz. A exortação diz, fazendo uso de Hebreus 8-9, que ninguém pode dizer “isto é o meu corpo” e “este é o cálice do meu sangue” senão em nome e na pessoa de Cristo, único sumo sacerdote da nova e eterna Aliança.²¹⁹ A ligação entre a Ordem sacra e a Eucaristia é visível precisamente na Celebração Eucarística que o bispo ou o presbítero preside na pessoa de Cristo cabeça (*in persona Christi capitis*).²²⁰

Ao dizer que a doutrina da Igreja considera a ordenação sacerdotal condição indispensável para a celebração válida da Eucaristia, a Exortação diz categoricamente que no presbítero que preside faz-se o encontro com Cristo, pois ele é o sacramento da presença de Cristo. De fato, no serviço eclesial do ministro ordenado, é o próprio Cristo que está presente

²¹⁴ Cf. LG 28.

²¹⁵ Cf. LG 28.

²¹⁶ A intenção aqui presente não é discorrer sobre tudo que existe sobre o assunto, mas ajudar a clareá-lo para melhor compreender de uma forma geral como se dá o encontro com Cristo nas ações litúrgicas.

²¹⁷ Cf. PAPA BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis*. AAS 99. 2007. (SCa), 23.

²¹⁸ Cf. SCa 23.

²¹⁹ Cf. SCa 23.

²²⁰ Cf. PO 2; LG 28; SCa 23.

em sua Igreja, como cabeça do seu corpo, pastor do seu rebanho, sumo sacerdote do sacrifício redentor. Certamente o ministro ordenado age também em nome de toda a Igreja, quando apresenta a Deus a oração da mesma Igreja e, sobretudo, quando oferece o sacrifício eucarístico.²²¹

Por isso, é dever daquele que preside nunca colocar em primeiro plano a sua pessoa nem as suas opiniões, mas Jesus Cristo. Ele é servo e deve continuamente empenhar-se por ser sinal de que, como dócil instrumento nas mãos de Cristo, aponta para Ele. Isto se expressa de modo particular na humildade com que o presidente conduz a ação litúrgica, obedecendo ao rito, aderindo ao mesmo com o coração e a mente, evitando tudo o que possa dar a sensação de um seu inoportuno protagonismo.²²²

A partir do supracitado, pode-se dizer que o encontro com Cristo é possível na Sua presença naquele que preside, “enquanto preside” as ações litúrgicas, de modo particular a Celebração Eucarística, pois o ministério daquele que preside, seu serviço, é um serviço humilde a Cristo e à sua Igreja. O presidente é, portanto, o Cristo Bom Pastor, que oferece a vida pelas ovelhas.²²³ Não é um “senhor de estado”, mas pastor do povo de Deus, e, levando homens e mulheres ao encontro, é pastor de todo ser humano.²²⁴

2.2. O encontro com Cristo presente nas espécies eucarísticas

Depois de ter buscado compreender melhor a questão do encontro e presença com Cristo nas ações litúrgicas na sua forma de presença naquele que preside, passa-se agora a dissertar sobre o encontro e presença de Cristo nas ações litúrgicas na sua forma de presença nas Espécies Eucarística. A *Sacrossanctum Concilium* afirma que: “*Cristo está sempre presente na sua igreja, especialmente nas ações litúrgicas. Está presente no sacrifício da Missa, [...] sobretudo sob as espécies eucarísticas*”.²²⁵

Já a encíclica papal *Mysterium Fidei*, com um pouco mais de demora do que nas outras formas de presença, vai discorrer sobre a presença de Cristo na Celebração Eucarística na sua forma de presença sob as espécies eucarísticas de maneira muito enriquecedora para

²²¹ Cf. SCa 23.

²²² Cf. SCa 23.

²²³ Cf. SCa 23.

²²⁴ Cf. PAPA FRANCISCO. *Homilia: missa do domingo do Bom Pastor*. Basílica São Pedro, Roma, mai, 20017. Disponível em: <http://pt.radiovaticana.va/news/2017/05/07/papa_aos_novos_sacerdotes_n%C3%A3o_senhores_mas_pastores_do_povo/1310628>. Acesso em: 28 jan. 2018.

²²⁵ SC 7.

esta pesquisa. Justamente pelo fato de a encíclica de Paulo VI abordar de forma mais detalhada esta presença, faz-se aqui a opção de transcrever literalmente o trecho em que a encíclica fala de tal. E assim, depois do enriquecimento feito pela MF, abrir-se-á para outras nuances de investigação do encontro com Cristo nesta forma de presença.

A encíclica diz:

Estas várias maneiras de presença enchem o espírito de assombro e levam-nos a contemplar o Mistério da Igreja. Outra é, contudo, e verdadeiramente sublime, a presença de Cristo na sua Igreja pelo Sacramento da Eucaristia. Por causa dela, é este Sacramento, comparado com os outros, ‘mais suave para a devoção, mais belo para a inteligência, mais santo pelo que encerra’; contém, de fato, o próprio Cristo e é ‘como que a perfeição da vida espiritual e o fim de todos os Sacramentos’.

Esta presença chama-se ‘real’, não por exclusão como se as outras não fossem ‘reais’, mas por antonomásia porque é substancial, quer dizer, por ela está presente, de fato, Cristo completo, Deus e homem.[42] Erro seria, portanto, explicar esta maneira de presença imaginando uma natureza ‘pneumática’, como lhe chamam, do corpo de Cristo, natureza esta que estaria presente em toda a parte; ou reduzindo a presença a puro simbolismo, como se tão augusto Sacramento consistisse apenas num sinal eficaz ‘da presença espiritual de Cristo e da sua íntima união com os fiéis, membros do Corpo Místico’.²²⁶

A *Mysterium Fidei* discorre sobre a presença de Cristo na Eucaristia, explicando que esta forma “real” não exprime que as outras formas sejam menos importantes do que ela, sendo que a presença de Cristo não é maior na Eucaristia em grau do que nas outras formas de presença nas ações litúrgicas. Isto é, Cristo não está “mais presente” nas Espécies Eucarísticas do que no povo reunido, nos sacramentos, no presidente e na palavra. Mas, sim, que esta forma de presença carrega consigo uma presença substancial, que não é uma presença passageira, mas para onde todas as outras convergem; ela é o “ápice” de todas.²²⁷ Em seguida, a encíclica fala da presença de Cristo na Eucaristia em relação à questão da unidade. Ela diz:

É certo que do simbolismo eucarístico, especialmente em relação com a unidade da Igreja, muito trataram os Padres e os Doutores Escolásticos, cuja doutrina resumiu o Concílio de Trento, ensinando que o nosso Salvador deixou a Eucaristia à sua Igreja ‘como símbolo... da unidade desta e da caridade que Ele quis unisse intimamente todos os cristãos uns com os outros’, ‘mais ainda, como símbolo daquele corpo único, de que Ele é a Cabeça’.

Logo nos primórdios da literatura cristã, assim escrevia o autor desconhecido da ‘Didaquê ou Doutrina dos doze Apóstolos’: ‘Quanto à Eucaristia, dai graças deste

²²⁶ MF 40-41.

²²⁷ Cf. VALLADARES, Lino E. Díez. Presencia de Cristo em la Eucaristía. in. ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE PROFESORES DE LITURGIA. *La presencia de Cristo em la Liturgia*. Bilbao, Espanha: Grafite Ediciones, 2004. p. 11-44; MF 42-45; PAPA JOÃO PAULO II. *Vicesimus quintus annus*, AAS 81, 1988. 7.

modo: ...como este pão, agora partido, estava antes disperso pelos montes, mas, ao ser reunido, se tornou um só, do mesmo modo se reúna a tua Igreja, dos confins da terra, no teu reino’.

Escreve igualmente São Cipriano, ao defender a unidade da Igreja contra o cisma: ‘Por fim, os mesmos Sacrifícios do Senhor põem em evidência a unanimidade dos cristãos, cimentada em caridade firme e indivisível. Pois, quando o Senhor chama seu Corpo ao pão, composto de muitos grãos juntos, indica o nosso povo reunido, por Ele sustentado; e quando chama seu Sangue ao vinho, espremido de muitos cachos e bagos, reduzidos à unidade, indica de maneira semelhante o nosso rebanho, composto de uma multidão reduzida à unidade’.

Antes que ninguém, já o dissera o Apóstolo São Paulo, dirigindo-se aos coríntios: ‘Nós, embora muitos, somos um só corpo, visto que todos participamos desse único pão’.²²⁸

A encíclica continua a reflexão e relaciona a questão da presença de Cristo na Eucaristia com a unidade do corpo Místico de Cristo para dizer que esta presença possui como característica que a distingue das outras não um simbolismo, mas uma natureza. Afirmando assim que:

“O simbolismo eucarístico, se nos faz compreender bem o efeito próprio do Sacramento, que é a unidade do Corpo Místico, não explica todavia nem exprime a natureza que distingue este Sacramento dos outros. A instrução dada constantemente pela Igreja aos catecúmenos, o sentido do povo cristão, a doutrina definida pelo Concílio Tridentino e as mesmas palavras que usou Cristo, ao instituir a sagrada Eucaristia, vão mais longe: obrigam-nos a professar ‘que a Eucaristia é a Carne do nosso Salvador Jesus Cristo, a qual sofreu pelos nossos pecados e foi ressuscitada pelo Pai na sua benignidade’. Às palavras do mártir Santo Inácio apraz-nos acrescentar as de Teodoro de Mopsuéstia, neste particular testemunho fiel da crença da Igreja: ‘O Senhor não disse: Isto é o símbolo do meu Corpo e isto é o símbolo do meu Sangue, mas, Isto é o meu Corpo e o meu Sangue, ensinando-nos a não considerar a natureza visível que os sentidos atingem, mas a (crer) que ela pela ação da graça se mudou em carne e sangue’.

O Concílio Tridentino, baseando-se nesta fé da Igreja, ‘afirma clara e simplesmente que, no augusto Sacramento da santa Eucaristia, depois da consagração do pão e do vinho, Nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, está presente verdadeira, real e substancialmente, sob a aparência destas realidades sensíveis’. Portanto, o nosso Salvador está presente com a sua humanidade não só à direita do Pai, segundo o modo de existir natural, mas também no Sacramento da Eucaristia ‘segundo um modo de existir, que nós, com palavras, mal conseguimos exprimir, mas com a inteligência iluminada pela fé podemos reconhecer como possível a Deus, e que devemos aceitar firmissimamente como real’.”²²⁹

Já na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis* do Papa Bento XVI, tem-se a afirmação de que, não apenas Cristo está presente na Eucaristia, como também aí faz-se o encontro com Ele, por Ele vir ao nosso encontro por primeiro. “No sacramento do

²²⁸ MF 42-45.

²²⁹ MF 40-47.

altar, o Senhor vem ao encontro do homem, criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 27), *fazendo-Se seu companheiro de viagem*”²³⁰, diz a exortação. E, continuando, afirma: *“Jesus torna-Se alimento para o homem, faminto de verdade e de liberdade. [...] Cristo faz-Se alimento de Verdade para nós”*²³¹. Ele é a Verdade feita Pessoa, que atrai a Si o mundo. No encontro com Cristo na ação litúrgica, tem-se de modo particular a verdade do amor, que é a própria essência de Deus.²³² Esta é a verdade evangélica que interessa a todo o homem e ao homem todo. Cristo Se fez alimento de verdade para nós, e o homem é convidado a acolher livremente o dom de Deus.²³³

A exortação, logo no início da 1ª Parte, fala da fé eucarística da igreja. Ela diz que a Eucaristia é, por excelência, “mistério da fé”. A fé da Igreja é essencialmente fé eucarística e alimenta-se, de modo particular, à mesa da Eucaristia. A fé e os sacramentos são dois aspectos complementares da vida em encontro na ekklesia (igreja chamada para fora).²³⁴ Suscitada pelo anúncio da palavra de Deus, a fé é alimentada e cresce no encontro com a graça do Senhor ressuscitado que se realiza nos sacramentos. A fé exprime-se no rito e este revigora e fortifica a fé. Por isso, o sacramento do altar está sempre no centro da vida em encontro da igreja.²³⁵

Bento XVI diz em sua exortação, *“quanto mais viva for a fé eucarística no povo de Deus, tanto mais profunda será a sua participação na vida eclesial por meio duma adesão convicta à missão que Cristo confiou aos seus discípulos”*.²³⁶ E em seguida afirma: *“Testemunha-o a própria história da Igreja: toda a grande reforma está, de algum modo, ligada à redescoberta da fé na presença eucarística do Senhor no meio do seu povo”*²³⁷.

O encontro com Jesus Cristo se dá na Eucaristia, porque Cristo Se dá a Si mesmo. E esse encontro, nesta forma de presença, deve ser compreendido a partir da dimensão trinitária, onde o Filho é consubstancial ao Pai e Dele Verbo, e o Espírito, consubstancial a Eles, como de um só princípio, Deles procede.²³⁸ A *Sacramentum Caritatis* vai confirmar isso dizendo:

²³⁰ SCa 2.

²³¹ SCa 2.

²³² Cf. BECKHAUSER, Alberto. *Os Sacramentos na Vida Diária: por uma espiritualidade sacramental*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 113-116.

²³³ Cf. SCa 2.

²³⁴ Cf. ALDAZÁBAL, José. *Vocabulário básico de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 169-170.

²³⁵ Cf. SCa 6.

²³⁶ SCa 6.

²³⁷ SCa 6.

²³⁸ Cf. CIC 253-256; BOFF, Leonardo. *A Trindade a Sociedade e a Libertação*. São Paulo: Vozes, 1986. p. 88-126.

O primeiro conteúdo da fé eucarística é o próprio mistério de Deus, amor trinitário. No diálogo de Jesus com Nicodemos, encontramos uma afirmação esclarecedora a tal respeito: ‘Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho Unigênito, para que todo o homem que acredita n’Ele não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus não enviou o Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele’ (Jo 3, 16-17). Estas palavras revelam a raiz última do dom de Deus. Na Eucaristia, Jesus não dá ‘alguma coisa’, mas dá-Se a Si mesmo; entrega o seu corpo e derrama o seu sangue. Deste modo dá a totalidade da sua própria vida, manifestando a fonte originária deste amor: Ele é o Filho eterno que o Pai entregou por nós. Noutro passo do evangelho, depois de Jesus ter saciado a multidão pela multiplicação dos pães e dos peixes, ouvimo-Lo dizer aos interlocutores que vieram atrás d’Ele até à sinagoga de Cafarnaum: ‘Meu Pai é que vos dá o verdadeiro pão que vem do céu. O pão de Deus é o que desce do céu para dar a vida ao mundo (Jo 6, 32-33), acabando por identificar-Se Ele mesmo — a sua própria carne e o seu próprio sangue — com aquele pão: ‘Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão que Eu hei de dar é a minha carne que Eu darei pela vida do mundo’ (Jo 6, 51). Assim Jesus manifesta-Se como o pão da vida que o Pai eterno dá aos homens.²³⁹

Na Eucaristia, revela-se o desígnio de amor que guia toda a história da salvação, nos diz a exortação referindo-se a Efésios 1, 9-10; 3, 8-11.²⁴⁰ Nela, o Deus-Trindade, que em Si mesmo é amor, envolve-Se plenamente com a nossa condição humana. No pão e no vinho, sob cujas aparências Cristo Se nos dá na ceia pascal, é toda a vida divina que alcança e se comunica no encontro com o ser humano na forma do sacramento: Deus é comunhão perfeita de amor entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.²⁴¹

A Exortação expõe que, já na criação, o homem fora chamado a partilhar, em certa medida, o sopro vital de Deus. Mas é no encontro com Cristo morto e ressuscitado e na efusão do Espírito Santo, dado sem medida, que se torna participante da intimidade divina. E, assim, Jesus Cristo, que pelo Espírito eterno Se ofereceu a Deus como vítima sem mancha, no ocorrido no dom eucarístico comunica ao ser humano a própria vida divina. Trata-se de um dom absolutamente gratuito, que todo encontro deveria conter, devido apenas às promessas de Deus cumpridas para além de toda e qualquer medida.²⁴² A Igreja, por sua vez, entra nesta relação causada pelo encontro, acolhendo, celebrando e adorando este dom, com fiel obediência.²⁴³ O mistério da fé é mistério de amor trinitário, no qual, por graça, somos chamados a participar. Por isso, se vemos a caridade, vemos a Trindade.²⁴⁴

²³⁹ SCa 7.

²⁴⁰ Cf. SCa 8.

²⁴¹ Cf. CIC 202.

²⁴² Cf. SCa 8.

²⁴³ Cf. BINGEMER, Maria Clara L. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2009. p. 141-143.

²⁴⁴ Cf. SC 48; SCa 8; BINGEMER, Maria Clara L. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. p. 141-143;

A partir da *Sacramentum Caritatis*, fica claro que na morte de Jesus, “morte de cruz”, cumpre-se aquele virar-se de Deus contra Si próprio, com o qual Ele Se entrega para levantar o homem e salvá-lo. O que é o amor na sua forma mais radical. No mistério pascal realizou-se verdadeiramente a libertação do ser humano do mal e da morte.²⁴⁵ Na instituição da Eucaristia o próprio Jesus falara da nova e eterna aliança, este encontro no seu sangue derramado.²⁴⁶

Assim, expõe a Exortação que esta finalidade última da sua missão era bem evidente já no início da Sua vida pública; de fato, nas margens do Jordão, quando João Baptista vê Jesus vir ter com ele, exclama: “*Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo*” (Jo 1, 29). É significativo que a mesma expressão apareça toda vez que se participa da Celebração Eucarística, no convite do sacerdote para se aproximar do altar: “*Felizes os convidados para a ceia do Senhor. Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo*”²⁴⁷. Jesus é o verdadeiro cordeiro pascal, que Se ofereceu espontaneamente a Si mesmo em sacrifício por nós, realizando, assim, a nova e eterna aliança – o encontro entre Deus e o homem por excelência.²⁴⁸ A Eucaristia contém nela esta novidade radical, que nos é oferecida em cada celebração. O encontro com o Cordeiro de Deus.²⁴⁹

Desta maneira, faz-se agora um caminho para o fechamento desta investigação, fazendo uma análise da relação: presença de Cristo nas Espécies Eucaristia e Espírito Santo. A *Sacramentum Caritatis*, neste sentido, ajuda a compreender que é necessário ser despertada a consciência da função decisiva que exerce o Espírito Santo no desenvolvimento da forma litúrgica e no aprofundamento dos mistérios divinos.²⁵⁰

A Exortação expõe:

O Paráclito, primeiro dom concedido aos crentes, ativo já na criação (Gn 1, 2), está presente em plenitude na vida inteira do Verbo encarnado: com efeito, Jesus Cristo é concebido no seio da Virgem Maria por obra do Espírito Santo (Mt 1, 18; Lc 1, 35); no início da sua missão pública, nas margens do Jordão, vê-O descer sobre Si em forma de pomba (Mt 3, 16 e par.); neste mesmo Espírito, age, fala e exulta (Lc 10, 21); e é n'Ele que Jesus pode oferecer-Se a Si mesmo (Heb 9, 14). No chamado ‘discurso de despedida’ referido por João, Jesus põe claramente em relação o dom da sua vida no mistério pascal com o dom do Espírito aos Seus (Jo 16, 7). Depois de ressuscitado, trazendo na sua carne os sinais da paixão, pode derramar o Espírito (Jo 20, 22), tornando os seus discípulos participantes da mesma missão d'Ele (Jo 20,

²⁴⁵ Cf. SCa 9.

²⁴⁶ Cf. ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 77-84.

²⁴⁷ MR. p. 503.

²⁴⁸ Cf. SCa 9.

²⁴⁹ Cf. ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. p. 258-261.

²⁵⁰ Cf. SCa 12.

21). Em seguida, será o Espírito que ensina aos discípulos todas as coisas, recordando-lhes tudo o que Cristo tinha dito (Jo 14, 26), porque compete a Ele, enquanto Espírito da verdade (Jo 15, 26), introduzir os discípulos na verdade total (Jo 16, 13). Segundo narram os Atos, o Espírito desce sobre os Apóstolos reunidos em oração com Maria no dia de Pentecostes (2, 1-4), e impele-os para a missão de anunciar a boa nova a todos os povos.²⁵¹

Fica claro, assim, que se faz o encontro com Cristo nas Espécies Eucarísticas, pois é em virtude da ação do Espírito que o próprio Cristo continua presente e ativo na sua Igreja, a partir do seu centro vital que é a Eucaristia. Nas palavras de Yves Congar, “*a Eucaristia é como uma geração cotidiana de Cristo, carne e sangue*”²⁵² operada no Espírito.²⁵³

Neste sentido, segundo a *Sacramentum Caritatis*, compreende-se a função decisiva que tem o Espírito Santo na celebração eucarística e, de modo particular, no que se refere à transubstanciação. Nas palavras da exortação:

É fácil de comprovar a consciência disto mesmo nos Padres da Igreja; nas suas Catequeses, São Cirilo de Jerusalém recorda que ‘invocamos Deus misericordioso para que envie o seu Santo Espírito sobre as oblações que apresentamos a fim de Ele transformar o pão em corpo de Cristo e o vinho em sangue de Cristo. O que o Espírito Santo toca, é santificado e transformado totalmente’.(25) Também São João Crisóstomo assinala que o sacerdote invoca o Espírito Santo quando celebra o Sacrifício: (26) à semelhança de Elias, o ministro atrai o Espírito Santo para que, ‘descendo a graça sobre a vítima, se incendeiem por meio dela as almas de todos’.(27) É extremamente necessária, para a vida espiritual dos fiéis, uma consciência mais clara da riqueza da anáfora: esta, juntamente com as palavras pronunciadas por Cristo na Última Ceia, contém a epiclese, que é invocação ao Pai para que faça descer o dom do Espírito a fim de o pão e o vinho se tornarem o corpo e o sangue de Jesus Cristo, e para que ‘a comunidade inteira se torne cada vez mais corpo de Cristo’.(28) O Espírito, invocado pelo celebrante sobre os dons do pão e do vinho colocados sobre o altar, é o mesmo que reúne os fiéis ‘num só corpo’, tornando-os uma oferta espiritual agradável ao Pai.²⁵⁴

É através do encontro com Cristo na eucaristia que Cristo compromete os fiéis na sua própria hora, nos diz a exortação. Mostra, assim, o encontro que quis entre Ele mesmo e o ser humano, entre a Sua pessoa e a Igreja. De fato, o próprio Cristo, no sacrifício da cruz, gerou a Igreja como Sua esposa e Seu corpo. Bento XVI diz que os Padres da Igreja meditaram longamente sobre a semelhança que há entre a origem de Eva do lado de Adão adormecido e a da nova Eva, a Igreja, do lado aberto de Cristo mergulhado no sono da morte: do seu lado

²⁵¹ SCa 12.

²⁵² CONGAR, Yves. *O rio da vida corre no Oriente e no Ocidente*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 305.

²⁵³ Cf. CONGAR, Yves. *O rio da vida corre no Oriente e no Ocidente*. p. 303-312.

²⁵⁴ SCa 13.

trespassado — narra João — saíram sangue e água, símbolos dos sacramentos. Um olhar contemplativo para “*Aquele que transpassaram*” (Jo 19, 37) leva a considerar o encontro relacional entre o sacrifício de Cristo, a Eucaristia e a Igreja.²⁵⁵

Com efeito, a Igreja vive da Eucaristia. Uma vez que nela se torna presente o sacrifício redentor de Cristo, temos de reconhecer, antes de mais nada, que existe um influxo causal da Eucaristia nas próprias origens da Igreja. A Eucaristia é Cristo que Se dá ao ser humano, é o Cristo verdadeiramente presente, edificando cada homem e mulher continuamente como Seu corpo.²⁵⁶ Portanto, na sugestiva circularidade entre a Eucaristia que edifica a Igreja e a própria Igreja que faz a Eucaristia, a causalidade primária está expressa na primeira fórmula: a Igreja pode celebrar e adorar o mistério de Cristo presente na Eucaristia, precisamente porque o próprio Cristo Se deu primeiro a ela no sacrifício da Cruz.²⁵⁷

A possibilidade que a Igreja tem de fazer a Eucaristia está radicada totalmente na doação que Jesus lhe fez de Si mesmo.²⁵⁸ Também este aspecto nos persuade de quão verdadeira seja a frase de São João: “Ele nos amou primeiro” (1Jo 4, 19). Deste modo, também nós confessamos, em cada celebração, o primado do dom de Cristo; o influxo causal da Eucaristia, que está na origem da Igreja, revela, em última análise, a precedência não só cronológica, mas também ontológica do amor de Jesus relativamente ao nosso: será, por toda a eternidade, Aquele que nos ama primeiro neste encontro relação.²⁵⁹

Deste modo, pode-se afirmar que Cristo está presente e podemos fazer o encontro com Ele na Celebração Eucarística, porque esta é obra de Cristo inteiro, cabeça e corpo. A beleza intrínseca da liturgia tem, como sujeito próprio, Cristo ressuscitado e glorificado no Espírito Santo, que inclui a Igreja na sua ação. Nesta perspectiva, Bento XVI recorda as palavras de Santo Agostinho que descrevem, de modo eficaz, esta dinâmica de fé própria da Eucaristia. Referindo-se precisamente ao mistério eucarístico, o grande santo de Hipona põe em evidência como o próprio Cristo assimila a Si mesmo o ser humano no encontro. Citando Santo Agostinho, Bento XVI afirma:

O cálice, ou melhor, aquilo que o cálice contém, santificado com as palavras de Deus, é sangue de Cristo. Com estes [sinais], Cristo Senhor quis confiar-nos o seu

²⁵⁵ Cf. SCa 14.

²⁵⁶ Cf. PAPA JOÃO PAULO II. *Encíclica Ecclesia de Eucharistia*. AAS 95. 2003. (EE), 1-10.

²⁵⁷ Cf. SCa 14.

²⁵⁸ Cf. BECKHAUSER, Alberto. *Os Sacramentos na Vida Diária: por uma espiritualidade sacramental*. p. 137-140; SC 47.

²⁵⁹ Cf. SCa 14.

corpo e o seu sangue, que derramou por nós para a remissão dos pecados. Se os recebestes bem, vós mesmos sois Aquele que recebestes”. Assim, “tornamo-nos não apenas cristãos, mas o próprio Cristo”. Nisto podemos contemplar a ação misteriosa de Deus, que inclui a unidade profunda entre nós e o Senhor Jesus: “De fato, não se pode crer que Cristo esteja na cabeça sem estar também no corpo, pois Ele está todo inteiro na cabeça e no corpo (Christus totus in capite et in corpore).²⁶⁰

A partir destas constatações, pode-se afirmar que no encontro que ocorre nas Espécies Eucarísticas, o “*Cristo assume o pão como Seu corpo*”²⁶¹ e o distribui a todo ser humano fazendo-se dom. E também, o ser humano experimenta a solidariedade de Deus para com ele, uma solidariedade que nunca se esgota, uma solidariedade que não cessa de o surpreender: Deus faz-Se próximo de cada ser humano; humilha-Se no sacrifício da Cruz, entrando na obscuridade da morte para dar a todos os homens e mulheres Sua vida, que vence o mal, o egoísmo e a morte.²⁶²

Jesus entrega-Se a todo ser humano quando acontece o encontro na Eucaristia, compartilha o próprio caminho de cada homem e mulher, faz-Se alimento. O alimento autêntico que nutre a vida de todo ser humano. No encontro com Cristo na Eucaristia, Ele faz cada homem e mulher percorrer o seu caminho, que é de serviço, de partilha e de dom, e aquele pouco que cada um tem, o pouco que se é, se for compartilhado, torna-se riqueza porque o poder de Deus, que é de amor, desce até à pobreza humana para transformá-la.²⁶³

2.3. O encontro com Cristo presente nos sacramentos

Segundo a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, no seu parágrafo 7, faz-se o encontro com Cristo, por ele estar presente na sua igreja, pela força com que ele está nos sacramentos. A constituição sobre a Liturgia vai até dizer, usando o pensamento de Santo Agostinho, que essa presença é tão real, que quando alguém é batizado, é o próprio Cristo que

²⁶⁰ SCa 36.

²⁶¹ TABORDA, Francisco. *O Memorial da Páscoa do Senhor*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 279.

²⁶² Cf. TABORDA, Francisco. *O Memorial da Páscoa do Senhor*. p. 227-286; Cf. PAPA FRANCISCO. *Homilia. Santa Missa na solenidade de Corpus Christi*. Basílica de São João de Latrão. 30 maio de 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/francesco/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130530_omelia-corpus-domini_po.html em 04/06/2013>. Acesso em: 12 fev. 2018.

²⁶³ Cf. PAPA FRANCISCO. *Homilia. Santa Missa na solenidade de Corpus Christi*. Basílica de São João de Latrão. 30 maio de 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/francesco/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130530_omelia-corpus-domini_po.html em 04/06/2013>. Acesso em: 12 fev. 2018.

o batiza. Nas próprias palavras da Constituição: Cristo “*está presente com o seu dinamismo nos Sacramentos, de modo que, quando alguém batiza, é o próprio Cristo que batiza*”.²⁶⁴

A encíclica *Mysterium Fidei* do Papa Paulo VI, com um pouco mais de demora afirma:

[...] de modo [...] sublime, está Cristo presente à sua Igreja enquanto esta, em seu nome, celebra o Sacrifício da Missa e administra os Sacramentos. Quanto à presença de Cristo na oferta do Sacrifício da Missa, apraz-nos recordar o que São João Crisóstomo, cheio de admiração, diz com verdade e eloquência: ‘Quero acrescentar uma coisa verdadeiramente estupenda, mas não vos espanteis nem vos perturbeis. Que coisa é? A oblação é a mesma, seja quem for o oferente, chame-se ele Pedro ou Paulo; é a mesma que Jesus Cristo confiou aos discípulos e agora realizam os sacerdotes: esta última não é menor que a primeira, porque não são os homens que a tornam santa, mas Aquele que a santificou. Como as palavras pronunciadas por Deus são exatamente as mesmas que agora diz o sacerdote, assim a oblação é também a mesma’.²⁶⁵

A encíclica papal emite, ainda, a advertência de que ninguém deve ignorar que os Sacramentos são ações de Cristo, que os administra por meio dos homens. Por isso, são santos por si mesmos e, quando tocam nos corpos, infundem, por virtude de Cristo, a graça nas almas.²⁶⁶ E a partir da fé em Jesus Cristo, a Igreja comemora os mistérios de Cristo no culto ritual dos sacramentos.²⁶⁷

Vários autores e obras falam da presença de Cristo e do encontro com Ele nos sacramentos. Leonardo Boff, por exemplo, em sua obra “Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos”, fala dos sacramentos como uma forma de pensar a realidade como símbolo, onde o símbolo surge do encontro do homem com o mundo. E é nesse encontro com o mundo, pela fé, que o homem faz o encontro com Deus. O encontro com Deus, por sua vez, que é mediado pelo mundo, se torna sacramento. O mundo é sacramento de Deus; logo, a fé permite visualizar Deus no mundo.²⁶⁸

Na questão da fé, por sua vez, pode-se observar na *Sacrosanctum Concilium*, no seu parágrafo 59, que a fé não cria o sacramento, mas cria no homem a ótica pela qual ele pode ver a presença de Deus nas coisas ou na história. Deus está presente neles. Mas nem sempre o

²⁶⁴ SC 7.

²⁶⁵ MF 38.

²⁶⁶ Cf. MF 39.

²⁶⁷ Cf. BECKHAUSER, Alberto. *Os Sacramentos na Vida Diária: por uma espiritualidade sacramental*. p. 17.

²⁶⁸ Cf. BOFF, Leonardo. *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988. pp. 78-79.

homem se dá conta disso. Então a fé permite vislumbrar Deus no mundo. Nas palavras da Constituição:

Os sacramentos estão ordenados à santificação dos homens, à edificação do Corpo de Cristo e, enfim, a prestar culto a Deus; como sinais, têm também a função de instruir. Não só supõem a fé, mas também a alimentam, fortificam e exprimem por meio de palavras e coisas, razão pela qual se chamam sacramentos da fé. Conferem a graça, a cuja frutuosa recepção a celebração dos mesmos otimamente dispõe os fiéis, bem como a honrar a Deus do modo devido e a praticar a caridade.

Por este motivo, interessa muito que os fiéis compreendam facilmente os sinais sacramentais e recebam com a maior frequência possível os sacramentos que foram instituídos para alimentar a vida cristã.²⁶⁹

Cristo, por sua vez, é o Sacramento Primordial do encontro de Deus. Como Ele próprio diz, no Evangelho de João “*Quem me vê, vê o Pai*” (Jo 14,9). Porém essa dimensão trinitária que aqui vai surgindo leva a observar que Cristo, que é Sacramento do Pai, se faz presente nos sacramentos, em meio à sua comunidade, ao novo povo de Deus que forma o seu corpo, por meio do seu Espírito, propiciando, assim, o encontro entre Deus e o homem.²⁷⁰

É importante observar que se faz memória de Cristo ao celebrar os momentos de afirmação de vida na existência do cristão e de sua comunidade, não por um capricho humano, mas porque Cristo se mostrou aos apóstolos, fazendo-os testemunhas da Ressurreição. O Ressuscitado está sempre em entrega ao encontro, presente no Espírito Santo à comunidade dos que creem. Por isso o surgimento de vida na comunidade só é verdadeiramente apreendido à luz da presença e da atuação do Senhor por seu Espírito neste encontro amoroso.²⁷¹ Daí ser Cristo a origem dos sacramentos que o rememoram presente e atuante na práxis dos membros da comunidade.²⁷²

Dentro de todas as explicações referentes ao encontro com Cristo na sua presença nos sacramentos, por ser, ele próprio, a origem, o fundamento e quem os administra, não se pode deixar de lado as contribuições de Borobio. Na obra “A celebração na Igreja 1: liturgia e sacramentologia fundamental”, o autor, além de apresentar o sacramento como um encontro

²⁶⁹ SC 59.

²⁷⁰ Cf. TABORDA, Francisco. *Sacramentos, práxis e festa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987. p. 115-124.

²⁷¹ Cf. GONZÁLEZ, José Maria de Miguel. Presencia de Cristo em Los Sacramentos. in. ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE PROFESORES DE LITURGIA. *La presencia de Cristo em la Liturgia*. Bilbao, Espanha: Grafite Ediciones, 2004. p. 163-166.

²⁷² Cf. TABORDA, Francisco. *Sacramentos, práxis e festa*. p. 115.

interpessoal, onde ele deve se dar pela oferta gratuita de Deus e a livre acolhida do homem,²⁷³ ele, também, apresenta os sacramentos como órgãos do encontro com Deus.²⁷⁴

Usufruindo das contribuições de diversos autores, como, O. Casel, E. Schillebeeckx e Karl Rahner, a obra apresenta uma visão dos Sacramentos voltada para a categoria de “encontro” que exprime muito bem o que se busca nesta dissertação. O trecho de sua obra é tão rico que, na primeira parte, ele chega a desenvolver até um estudo sobre a atualidade do tema. Claro que a obra foi escrita em 1985, e esta atualidade já ficou um pouco para trás, porém sua visão mostra a tendência de uma nova época que posteriormente é, de certo modo, até confirmada com as análises sociológicas de Bauman, que já foram apresentadas no primeiro capítulo.²⁷⁵ A obra, preocupada com o homem moderno e a sua nova situação social, busca o caráter simbólico dos sacramentos e o que há de antropológico neles.²⁷⁶

A obra mostra que Cristo é o sacramento do encontro com Deus, e para isso o autor parte do fato de que, em virtude da atual economia da salvação, o encontro com Deus permanece ligado ao encontro com Cristo. Mas o autor pergunta como podemos encontrar Jesus ressuscitado e glorioso que se subtraiu da nossa visão. A resposta que ele dá mostra bem como se pode entender a presença do Cristo na Celebração Eucarística por meio dos sacramentos, quando estes são administrados, assim também como se dá o encontro com Ele nesta forma de presença.²⁷⁷

O encontro não se dá diretamente através de Sua corporeidade, mas por meio dos prolongamentos terrestres e visíveis dessa corporeidade, que são os sacramentos. Desta forma os sacramentos são definidos como um ato de salvação pessoal de Cristo celeste, na forma de manifestação visível de um ato funcional da Igreja. Os sacramentos não são coisa, mas encontros dos homens que vivem na terra com o glorificado, Jesus, por meio de uma “*forma visível*”.²⁷⁸

Os Sacramentos são, na dimensão da visibilidade histórica, uma manifestação concreta do ato salvífico celestial de Cristo.²⁷⁹ Eles são o próprio ato salvífico enquanto dirigidos a

²⁷³ Cf. BOROBIO, Dionisio. *A celebração na igreja 1: liturgia e sacramentologia fundamental*. São Paulo, Loyola, 2002. p. 420.

²⁷⁴ Cf. BOROBIO, Dionisio. *A celebração na igreja 1: liturgia e sacramentologia fundamental*. p. 383-386.

²⁷⁵ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 70-116.

²⁷⁶ Cf. BOROBIO, Dionisio. *A celebração na igreja 1: liturgia e sacramentologia fundamental*. p. 323-324.

²⁷⁷ Cf. BOROBIO, Dionisio. *A celebração na igreja 1: liturgia e sacramentologia fundamental*. p. 383.

²⁷⁸ BOROBIO, Dionisio. *A celebração na igreja 1: liturgia e sacramentologia fundamental*. p. 383-384.

²⁷⁹ Cf. SC 59.

nós, ato pessoal do Senhor em visibilidade e manifestação terrestre.²⁸⁰ Seguindo Schillebeeckx, Borobio afirma que os sacramentos são mistério cultural santificados do próprio Cristo que se torna visível na Igreja, do seu culto filial que é infalivelmente escutado e implica o dom efetivo da graça.²⁸¹ Por conseguinte, visto que são o mistério do culto de Cristo sempre escutado pelo Pai, ainda que oculto pelo véu eclesiástico, os sacramentos produzem por si mesmos a graça²⁸², de maneira infalível, isto é, *ex opere operato*²⁸³.

Desta forma, a obtenção cultural da graça e do dom efetivo dessa graça pedida, em virtude de uma epiclese²⁸⁴ pela qual se presentifica o mistério cultural de Cristo, é o que explica a eficácia do sacramento. Pode-se afirmar, de acordo com essa exigência de visibilização da graça, não ser tanto o sinal que produz a graça, mas esta que produz o sinal. A graça de Cristo é dom gratuito de Deus e que, no encontro, faz da vida dos homens infundida pelo Espírito Santo na alma, uma ação que o cura e o santifica. Trata-se da graça santificante recebida através dos sacramentos – que no ser humano é a fonte da obra santificadora.²⁸⁵

Esta participação na vida divina pelo encontro nos sacramentos, é dada aos cristãos pela introdução na intimidade da vida trinitária. Pelo encontro com Cristo nos sacramentos, homens e mulheres têm parte na graça de Cristo, cabeça da Igreja. E podem, assim, encontrar o Pai em união com o Filho único, recebendo a vida no Espírito. Deste modo, tal encontro infunde a caridade e forma a Igreja.²⁸⁶ Não se trata de o sinal enquanto sinal poder ter uma eficácia real; pelo contrário. O dom da graça carrega consigo a sua visibilidade própria.²⁸⁷

Pela perspectiva cultural, a eficácia do sacramento é a eficácia de Cristo, cuja ação cultural é infalivelmente escutada, e isso significa superar toda possível materialização sacramental. Pela perspectiva interpessoal, a eficácia supõe o encontro num amor que se dá e se recebe, que é dom e contradom. E, assim, pode-se afirmar, com veemência, que os sacramentos não são coisas, eles são encontros.²⁸⁸

²⁸⁰ Cf. BOROBIO, Dionisio. *A celebração na igreja 1: liturgia e sacramentologia fundamental*. p. 384.

²⁸¹ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Cristo, Sacramento do Encontro com Deus*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1968. p. 9-11; BOROBIO, Dionisio. *A celebração na igreja 1: liturgia e sacramentologia fundamental*. p. 384.

²⁸² Cf. BOROBIO, Dionisio. *A celebração na igreja 1: liturgia e sacramentologia fundamental*. p. 384.

²⁸³ Taborda sintetiza o conceito *Ex opere operato*, como, literalmente: “a partir da ação realizada”; expressão que significa que o efeito e a validade do sacramento provêm de Deus e somente dele (não do ministro ou de quem recebe o sacramento). Ver in. TABORDA, Francisco. *Sacramentos, práxis e festa*. p. 183.

²⁸⁴ É preciso ter presente que na liturgia romana não há uma epiclese explícita nos sacramentos (fora a eucaristia e a ordem). Nas liturgias orientais, sim.

²⁸⁵ Cf. CIC 1999.

²⁸⁶ Cf. CIC 1997-2000.

²⁸⁷ Cf. BOROBIO, Dionisio. *A celebração na igreja 1: liturgia e sacramentologia fundamental*. p. 384.

²⁸⁸ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Cristo, Sacramento do Encontro com Deus*. p. 58-98.

Por fim, pode-se sintetizar o encontro com Cristo, na sua forma de presença nos sacramentos, quando estes são administrados, dizendo que, no encontro, a expressão visível do amor é um convite e um oferecimento, e não a causa de uma realidade física. O amor ocorre livremente e deve ser aceito desse modo. O gesto expressivo de amor convida, pede, solicita, impele; trata-se de um oferecimento. No caso dos sacramentos, trata-se de um convite divino, sob forma humana, que, no homem de boa vontade, alcança infalivelmente o seu objetivo. Assim, em seu conjunto, os sacramentos – encontros – são obras de graça e, apesar disso, implicam a resposta pessoal do homem, a qual, em si mesma, é graça.²⁸⁹

2.4. O encontro com Cristo presente na palavra

O Missal Romano afirma categoricamente que, quando se leem as Sagradas Escrituras na Igreja, o próprio Deus fala a seu povo, e Cristo, presente na sua palavra, anuncia o Evangelho.²⁹⁰ “*No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o verbo era Deus*” (Jo1,1) “*E o Verbo se fez carne e habitou entre nós*” (Jo 1,14). Nestes dois versículos João apresenta Jesus Cristo como o verbo de Deus. Ele faz isso a partir da sua própria experiência pessoal de encontro e seguimento de Cristo.²⁹¹ Jesus é a própria palavra. Porém, como Cristo se faz presente pela palavra, Ele que é a própria palavra de Deus²⁹², e como fazemos o encontro com ele nesta forma de presença nas ações litúrgicas, é o que se vai aqui investigar.

A *Sacrosanctum Concilium* afirma categoricamente que Cristo está presente na palavra proclamada, pois é o próprio Cristo que fala ao serem proclamadas as escrituras. Nas próprias palavras da Constituição: Cristo “*presente está pela Sua palavra, pois é Ele mesmo que fala quando se lêem as Sagradas Escrituras na Igreja*”²⁹³.

A encíclica papal de Paulo VI, *Mysterium Fidei*, por sua vez, diz que Cristo é o único pastor que conduz para a formação de um único rebanho. Faz isso usando da visão joanina de Verbo encarnado. Nas próprias palavras da encíclica:

De outro modo, também verdadeiríssimo, Cristo está presente à sua Igreja enquanto ela prega, sendo o Evangelho, assim anunciado, Palavra de Deus, que é anunciada

²⁸⁹ Cf. BOROBIO, Dionisio. *A celebração na igreja 1: liturgia e sacramentologia fundamental*. p. 384.

²⁹⁰ Cf. MR. p. 33.

²⁹¹ Cf. PAPA BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini*. AAS 102. 2010. (VD) 5.

²⁹² Cf. DV 4.

²⁹³ SC 7.

em nome de Cristo, Verbo de Deus Encarnado, e com a sua autoridade e assistência, para que haja ‘um só rebanho, cuja segurança virá de ser um só o pastor’.²⁹⁴

As afirmações da *Sacrosanctum Concilium* e da *Mysterium Fidei* são muito caras a esta dissertação, entretanto, não se pode aprofundar esta forma de presença sem passar pelas contribuições da Constituição Dogmática *Dei Verbum*, do Vaticano II, referentes à revelação Divina e Cristo como plenitude dessa revelação.²⁹⁵

Ao falar da revelação como tal, a *Dei Verbum* sistematiza a natureza e o objeto da revelação, que é uma forma muito bela de compreensão do encontro. Ela afirma que agradou a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade, segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina. A constituição afirma que, em virtude desta revelação, Deus, na riqueza do seu amor, fala aos homens como amigos e convive com eles para os convidar e admitir à comunhão com Ele em plena relação.²⁹⁶

A *Dei Verbum* assinala que esta “economia” da revelação se realiza por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras realizadas por Deus na história da salvação manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido. Porém a verdade profunda, tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens, manifesta-se a todos os homens e mulheres, por esta revelação, em Cristo, que é, simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda a revelação e lugar do encontro.²⁹⁷

Depois de dizer que Deus cria pelo Verbo o universo e passar por Abraão, pelos patriarcas, por Moisés e pelos profetas, para dizer que estes fizeram parte da preparação para a Revelação Evangélica,²⁹⁸ o Vaticano II, no número 4 da *Dei Verbum*, apresenta Cristo como sendo Ele a consumação e a plenitude da Revelação.²⁹⁹

A Constituição apresenta que, depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, falou Deus ao seu povo, nestes tempos, que são os últimos, através de Seu Filho. Com efeito, enviou o Seu Filho, isto é, o Verbo eterno, que ilumina todos os homens,

²⁹⁴ MF 36.

²⁹⁵ DV 2.

²⁹⁶ Cf. DV 2.

²⁹⁷ Cf. LOPES, Geraldo. *Dei verbum: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 88-90.

²⁹⁸ Cf. DV 3.

²⁹⁹ Cf. DV 4.

para habitar entre os homens e fazer com eles o encontro que manifesta a vida íntima de Deus. Jesus Cristo, Verbo feito carne, enviado como homem para os homens, fala, portanto, as palavras de Deus e consoma, com este encontro, a obra de salvação, que o Pai lhe mandou realizar.³⁰⁰

A Constituição conciliar mostra que, por Jesus Cristo ser o verbo do Pai, vê-Lo é ver o Pai, com toda a sua presença e manifestação da sua pessoa, com palavras e obras, sinais e milagres, e, sobretudo, com a sua morte e gloriosa ressurreição; enfim, com o envio do Espírito de verdade, completa totalmente e confirma com o testemunho divino a revelação, a saber, que Deus está verdadeiramente com seu povo neste encontro amoroso para libertá-lo das trevas do pecado e da morte e para ressuscitá-lo para a vida eterna.³⁰¹

A Constituição conclui o parágrafo quarto dizendo que este encontro de salvação, *a economia cristã, como nova e definitiva aliança, jamais passará, e não se há-de esperar nenhuma outra revelação pública antes da gloriosa manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo (1Tim. 6,14; Tit. 2,13).*³⁰²

No número 6, a Dei Verbum fala que, no encontro dado pela revelação divina, Deus quis manifestar e comunicar-se a Si mesmo e os decretos eternos da Sua vontade a respeito da salvação dos homens, para os fazer participar dos bens divinos, que superam absolutamente a *“capacidade da inteligência”*³⁰³ humana.

A Constituição fala da Sagrada Tradição e da Sagrada Escritura como possibilidades de contemplar a Deus. Dizendo que a sagrada Tradição e a Sagrada Escritura dos dois Testamentos são como um espelho, no qual a Igreja peregrina na terra contempla a Deus, de quem tudo recebe, até ser conduzida a vê-Lo face a face tal qual Ele é.³⁰⁴ Desta forma, a Igreja é, também, sacramento de encontro com Deus.

No capítulo VI da Dei Verbum, “A sagrada escritura na vida da Igreja”,³⁰⁵ é afirmado, de forma bem clara, que, através da Sagrada Escritura, Deus vem ao encontro de seu povo e lhe fala.³⁰⁶ Porém essa afirmação não pode deixar de considerar a excelência que o Novo

³⁰⁰ Cf. CIC 1999. 1067; LOPES, Geraldo. *Dei verbum: texto e comentário*. p. 92; DV 4.

³⁰¹ Cf. LOPES, Geraldo. *Dei verbum: texto e comentário*. p. 92; DV 4.

³⁰² DV 4.

³⁰³ DV 6.

³⁰⁴ Cf. LOPES, Geraldo. *Dei verbum: texto e comentário*. p. 97; DV 7.

³⁰⁵ DV 21-26.

³⁰⁶ Cf. VASCONCELOS, Pedro Lima. *O Vaticano II e a leitura da Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 31-49; DV 21.

Testamento possui³⁰⁷, e nem deixar de lado a importância que o Antigo Testamento tem para os cristãos³⁰⁸, bem como a unidade que possuem Antigo e Novo Testamentos³⁰⁹.

No parágrafo 21, a Constituição afirma que a Igreja sempre venerou as divinas Escrituras como venera o próprio Corpo do Senhor, não deixando jamais, sobretudo na sagrada Liturgia, de tomar e distribuir aos fiéis o pão da vida, quer da mesa da palavra de Deus, quer da do Corpo de Cristo. A Igreja sempre as considerou, e continua a considerar, juntamente com a sagrada Tradição, como regra suprema da sua fé; elas, com efeito, inspiradas como são por Deus, e exaradas por escrito duma vez para sempre, continuam a dar ao ser humano imutavelmente a palavra do próprio Deus, e fazem ouvir a voz do Espírito Santo através das palavras dos profetas e dos Apóstolos, sendo assim, a Sua Própria presença no meio do povo.³¹⁰

E no que tange ao encontro, a *Dei Verbum* diz que, nos livros sagrados, o Pai que está nos céus vem amorosamente ao encontro de Seus filhos, para conversar com eles; e é tão grande a força e a virtude da Sua presença na Sua palavra, que Ele se torna o apoio vigoroso da Igreja, solidez da fé para os filhos da Igreja, alimento da alma, fonte pura e perene de vida espiritual a partir deste encontro. Por isso se devem aplicar por excelência à Sagrada Escritura as palavras: “*A palavra de Deus é viva e eficaz*” (Hebr. 4,12), “*capaz de edificar e dar a herança a todos os santificados*” (At. 20,32; cfr. 1 Tess. 2,13).³¹¹

Passando agora para um olhar sobre o encontro com Cristo nas ações litúrgicas pela sua presença na Palavra, a partir das contribuições apresentadas pela Exortação Pós-sinodal *Verbum Domini* do Papa Bento XVI, vê-se que ele fala que a novidade da revelação bíblica consiste no fato de Deus Se dar a conhecer no diálogo que deseja ter com o ser humano, como um encontro amoroso.³¹²

A Exortação relembra a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, e diz que Deus, invisível na riqueza do seu amor, fala aos seres humanos como a amigos e convive com eles, para os convidar e admitir à comunhão com Ele em um amoroso encontro.³¹³ Entretanto, o ser humano não teria compreendido suficientemente a mensagem do Prólogo do Evangelho de

³⁰⁷ Cf. 17; BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004, p. 40-48.

³⁰⁸ Cf. CHILDS, Brevard S. *Teología bíblica del Antiguo y del Nuevo Testamento*. Salamanca, ESP.: Sígueme, 2011, p. 111-225; DV 15.

³⁰⁹ Cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1994. 107-113; DV 16.

³¹⁰ Cf. LOPES, Geraldo. *Dei verbum: texto e comentário*. p. 125; DV 21.

³¹¹ DV 21.

³¹² Cf. VD 6.

³¹³ Cf. DV 2.

São João, se não se detivesse na constatação de que Deus Se comunica amorosamente ao homens e mulheres. Na realidade, o Verbo de Deus é Deus em encontro, por meio do Qual *‘tudo começou a existir’ (Jo 1, 3) e que ‘Se fez carne’ (Jo 1, 14), e é o mesmo que já existia ‘no princípio’ (Jo 1, 1)’*.³¹⁴

E ainda se detendo no Prólogo joanino, o Papa Bento XVI diz que o Logos existe realmente desde sempre, e desde sempre Ele mesmo é Deus em encontro (encontro-relação de um Deus Uno e Trino).³¹⁵ Por conseguinte, nunca houve em Deus um tempo em que não existisse o Logos. O Verbo preexiste à criação. Portanto, no coração da vida divina, há a comunhão, há o dom absoluto, a relação. *“Deus é amor”* (1Jo 4, 16) – dirá noutro lugar o mesmo Apóstolo, indicando, assim, a imagem cristã de Deus e também a consequente imagem do homem e do seu caminho de encontro. Deus SE dá a conhecer ao ser humano como mistério de amor infinito, no qual, desde toda a eternidade, o Pai exprime a sua Palavra no Espírito Santo. Por isso o Verbo, que desde o princípio está junto de Deus e é Deus, revela ao ser humano o próprio Deus no diálogo de amor entre as Pessoas divinas, e convida todo ser humano a participar nele, ser encontro Nele.³¹⁶

O ser humano, feito à imagem e semelhança de Deus amor, só pode compreender a si mesmo no encontro com o Verbo e na docilidade à obra do Espírito Santo. É à luz da revelação feita pelo encontro com o Verbo Divino que se esclarece definitivamente o enigma da condição humana. Essa é a consequência fática do encontro.³¹⁷

A *Verbum Domini*, ao falar da contemporaneidade de Cristo na vida da Igreja, afirma que o encontro entre Cristo, Palavra do Pai, e a Igreja não pode ser compreendido em termos de um acontecimento simplesmente passado, mas trata-se de uma relação vital na qual cada fiel, pessoalmente, é chamado a entrar, mostrando, assim, seu caráter de atualização – relação.³¹⁸

A Exortação Pós-Sinodal apresenta claramente uma dimensão trinitária do encontro ao afirmar que, realmente, fala-se da Palavra de Deus que está hoje presente com o povo: *“Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo”* (Mt 28, 20). Citando o Papa João Paulo II, a *Verbum Domini* diz que a contemporaneidade de Cristo com o homem de cada época realiza-se no seu corpo, que é a Igreja. Por esta razão, o Senhor prometeu aos seus discípulos o

³¹⁴ VD 6.

³¹⁵ Cf. DH 40, 48.

³¹⁶ DH 71.

³¹⁷ Cf. VD 6.

³¹⁸ Cf. VD 51.

Espírito Santo, que lhes haveria de “lembrar” e fazer compreender os seus mandamentos e seria o princípio fontal de uma nova vida no mundo, o que acontece a cada encontro.³¹⁹

A Constituição Dogmática *Dei Verbum* expressa este mistério com os termos bíblicos de um encontro-dialógico nupcial, dizendo que Deus, que outrora encontrou, encontra sem interrupção com a esposa do seu amado Filho; e o Espírito Santo – por quem ressoa a voz do Evangelho na Igreja e, pela Igreja, no mundo – introduz os crentes na verdade plena e faz com que a palavra de Cristo neles habite em toda a sua riqueza.³²⁰

Sendo assim, a Exortação expõe que, Mestre de escuta, a Esposa de Cristo repete, com fé, também hoje: Falai, Senhor, que a vossa Igreja Vos escuta. E justifica que é por isso que a Constituição Dogmática *Dei Verbum* começa com estes termos: “*O sagrado Concílio, ouvindo religiosamente a Palavra de Deus e proclamando-a com confiança...*”³²¹. Com efeito, trata-se de uma definição dinâmica da vida da Igreja: São palavras com as quais o Concílio indica um aspecto qualificante da Igreja: esta é uma comunidade que realiza o encontro, pois escuta e anuncia a Palavra de Deus.³²² A Igreja não vive de si mesma, mas do encontro com o Evangelho; e deste encontro tira, sem cessar, orientação para o seu caminho. Fica claro, assim, que cada cristão deve, neste encontro, acolher e aplicar a si mesmo a palavra do Evangelho, pois só quem se imerge no encontro com a Palavra, primeiro ouvindo-a, é que pode, depois, tornar-se seu anunciador.³²³

É o próprio Cristo que está presente e fala. E graças a este encontro – a esta relação – com Cristo, que se converte em amizade feliz, é que o ser humano é regatado da sua consciência isolada e da sua autorreferencialidade.³²⁴ Na Palavra de Deus proclamada e ouvida, Jesus, hoje, aqui e agora, diz a cada um: “Eu sou teu, dou-Me a ti” neste encontro, para que o ser humano O possa acolher e responder-Lhe dizendo por sua vez: “Eu sou Teu”, me abandono em Ti neste encontro que prefigura o encontro eterno. Assim, a Igreja apresenta-se como o âmbito onde se pode fazer o encontro, e, por graça, experimentar o que diz o Prólogo de João: “*A todos os que O receberam, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus*” (Jo 1,12).³²⁵

³¹⁹ Cf. PAPA JOÃO PAULO II. *Veritatis Splendor*. AAS 85. 1993. (VS), 25; VD 51.

³²⁰ Cf. DV 8.

³²¹ DV 1; Cf. VD 51.

³²² Cf. LG 1

³²³ Cf. VD 51.

³²⁴ Cf. PAPA FRANCISCO. *Evangelli Gaudium*. Brasília, DF: Edições CNBB, 2013. (EG), 8.

³²⁵ Cf. VD 51.

A Exortação apresenta no seu número 52, que a Liturgia Sagrada, e aqui em nossa investigação poderíamos dizer, as ações litúrgicas, constitui, efetivamente, o âmbito privilegiado onde Deus encontra seu povo no momento presente da sua vida – fala hoje ao seu povo, que escuta e responde, vive com Ele a antecipação da plenitude da relação. Cada ação litúrgica está, por sua natureza, impregnada da Sagrada Escritura.³²⁶ A Constituição *Sacrosanctum Concilium*, por sua vez, diz que é enorme a importância da Sagrada Escritura na celebração da Liturgia, porque é nela que se vão buscar as leituras que se explicam na homilia e os salmos para cantar; com o seu espírito e da sua inspiração nasceram as preces, as orações e os hinos litúrgicos; dela tiram a sua capacidade de significação, as ações e os sinais.³²⁷ Pois é o próprio Cristo que se entrega em encontro amoroso e que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura.³²⁸

A Exortação *Verbum Domini* expõe que, de fato, a celebração litúrgica torna-se uma contínua, plena e eficaz proclamação da Palavra de Deus. Por isso, constantemente anunciada na liturgia, a Palavra de Deus permanece viva e eficaz pela força do Espírito Santo, e manifesta aquele amor operante do Pai que não cessa jamais de vir ao encontro do ser humano. A Igreja sempre mostrou ter consciência de que, na ação litúrgica, a Palavra de Deus é acompanhada neste encontro renovador pela ação íntima do Espírito Santo que a torna operante no coração dos fiéis.³²⁹

Graças ao Paráclito é que a Palavra de Deus se torna fundamento da ação litúrgica, norma e sustentáculo de todos os encontros, da vida inteira. A ação do próprio Espírito Santo sugere a cada um, no íntimo do coração, tudo aquilo que, na proclamação da Palavra de Deus, é dito para a assembleia inteira dos fiéis e, enquanto reforça a unidade de todos, favorece também a diversidade dos carismas e valoriza a ação multiforme, isto é, a resposta a ser dada a esse encontro.³³⁰

Por isso, para a compreensão da Palavra de Deus, é necessário entender e viver o valor essencial da ação litúrgica. Em certo sentido, a hermenêutica da fé relativamente à Sagrada Escritura deve ter sempre como ponto de referência a liturgia, onde a Palavra de Deus é celebrada como palavra atual e viva, como encontro atual: A Igreja, na liturgia, segue fielmente o modo de ler e interpretar as Sagradas Escrituras seguido pelo próprio Cristo,

³²⁶ Cf. VD 52.

³²⁷ Cf. SC 24.

³²⁸ Cf. SC 7.

³²⁹ Cf. VD 52.

³³⁰ Cf. ALDAZÁBAL, José. *Vocabulário básico de liturgia*. p. 134; VD 52.

quando, a partir do “hoje” do seu encontro, exorta a observar todas as Escrituras.³³¹ A Palavra de Deus é “*dom do Pai para o encontro com Jesus Cristo vivo*”³³² no hoje da história humana.

Nos números 54 e 55, a *Verbum Domini* apresenta a relação entre a palavra de Deus e a Eucaristia, afirmando que sua unidade íntima está radicada no Novo Testamento, como se vê em João 6 e Lucas 24, é atestada pelos padres da Igreja e reafirmada no Vaticano II. Nas próprias palavras da Exortação:

A este propósito, pensemos no grande discurso de Jesus sobre o pão da vida na sinagoga de Cafarnaum (cf. Jo 6,22-69), que tem como pano de fundo o confronto entre Moisés e Jesus, entre aquele que falou face a face com Deus (cf. Ex 33,11) e aquele que revelou Deus (cf. Jo 1,18). De fato, o discurso sobre o pão evoca o dom de Deus que Moisés obteve para o seu povo com o maná no deserto, que na realidade é a Torah, a Palavra de Deus que faz viver (cf. Sl 119; Pr 9,5). Em Si mesmo, Jesus torna realidade esta figura antiga: «O pão de Deus é o que desce do Céu e dá a vida ao mundo. (...) Eu sou o pão da vida» (Jo 6, 33.35). Aqui, «a Lei tornou-se Pessoa. Encontrando Jesus, alimentamo-nos por assim dizer do próprio Deus vivo, comemos verdadeiramente o pão do céu».[192] No discurso de Cafarnaum, aprofunda-se o Prólogo de João: se neste o Logos de Deus Se faz carne, naquele a carne faz-Se «pão» dado para a vida do mundo (cf. Jo 6, 51), aludindo assim ao dom que Jesus fará de Si mesmo no mistério da cruz, confirmado pela afirmação acerca do seu sangue dado a «beber» (cf. Jo 6, 53). Assim, no mistério da Eucaristia, mostra-se qual é o verdadeiro maná, o verdadeiro pão do céu: é o Logos de Deus que Se fez carne, que Se entregou a Si mesmo por nós no Mistério Pascal.³³³

Entra aqui a questão que talvez mais contribui para a compreensão do encontro com Cristo nas ações litúrgicas, não é nada menos do que a narração de Lucas sobre os discípulos de Emaús. A *Verbum Domini* diz que essa passagem permite uma reflexão subsequente acerca do vínculo entre a escuta da Palavra e a fração do pão – Lucas 24,13-35. Jesus foi ter com eles no dia depois do sábado, escutou as expressões da sua esperança desiludida e, acompanhando-os ao longo do caminho, explicou-lhes, em todas as Escrituras, tudo o que Lhe dizia respeito. Juntamente com este viajante que, inesperadamente se manifesta tão familiar às suas vidas, os dois discípulos começam a ver as Escrituras de um novo modo. O que acontecera naqueles dias já não aparece como um fracasso, mas cumprimento e novo início. Esta é, por que não, uma das mais perfeitas narrações do encontro com Cristo.³³⁴

Contudo, as palavras não parecem ainda suficientes para os dois discípulos. O Evangelho de Lucas diz que se lhes abriram os olhos e O reconheceram somente quando Jesus

³³¹ Cf. VD 52.

³³² DA 248.

³³³ VD 54.

³³⁴ Cf. FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 241-244; VD 54.

tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e lhes deu; antes, os seus olhos estavam impedidos de O reconhecerem.³³⁵ A presença de Jesus, primeiro com as palavras e depois com o gesto de partir o pão, tornou possível aos discípulos reconhecê-Lo e apreciar, de modo novo, o encontro e tudo o que tinham vivido anteriormente com Ele.³³⁶ “*Não ardia o nosso coração quando Ele nos falava pelo caminho, quando Ele nos explicava as Escrituras?*” (Lc 24,32).

Vê-se a partir destas narrações como a própria Escritura leva a descobrir o seu nexos indissolúvel com a Eucaristia. Por conseguinte, deve-se ter sempre presente que a Palavra de Deus, lida e proclamada nas ações litúrgicas, conduz, como se de alguma forma se tratasse da sua própria finalidade, ao encontro no banquete da graça. Deste modo, Palavra e Eucaristia correspondem-se tão intimamente na ação litúrgica da Missa que não podem ser compreendidas uma sem a outra: a Palavra de Deus faz-Se carne, sacramentalmente, no evento eucarístico.³³⁷

O encontro com Cristo nas ações litúrgicas abre ao ser humano a inteligência para o encontro com Ele na Sagrada Escritura. E a palavra, por sua vez, ilumina e explica o encontro com Cristo na Eucaristia. Com efeito, sem o reconhecimento da presença real do Senhor na Eucaristia, permanece incompleta a compreensão da Sua presença na Escritura. Por isso, à palavra de Deus e ao mistério eucarístico, a Igreja tributou, quis e estabeleceu que, sempre e em todo o lugar, se tributasse a mesma veneração, embora não o mesmo culto. Movida pelo exemplo do seu fundador, nunca cessou de celebrar o mistério pascal, reunindo-se num mesmo lugar para ler, em todas as Escrituras, aquilo que Lhe dizia respeito e atualizar, com o memorial do Senhor e os sacramentos, a obra da salvação.³³⁸

Deste modo, fecha-se esta investigação do encontro e presença de Cristo na Palavra proclamada, com uma pergunta muito artificiosa da *Verbum Domini*. A exortação diz: “*quando vamos receber o Mistério [eucarístico], se cair uma migalha sentimo-nos perdidos.*” Continuando completa, “*e, quando estamos a escutar a Palavra de Deus e nos é derramada nos ouvidos a Palavra de Deus que é carne de Cristo e seu sangue, se nos distrairmos com outra coisa, não incorremos em grande perigo?*”³³⁹

³³⁵ Cf. BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 370.

³³⁶ Cf. VD 54.

³³⁷ Cf. VD 55.

³³⁸ Cf. ABRIL, Ana F. V. El camino hacia Emaús: fundamento de la animación bíblica de la Pastoral. in. PONTIFICIA UNIVERSIDAD JAVERIANA. *Memorias del Congreso: Interpelaciones del Papa Francisco a la Teología Hoy*. Bogotá, Colombia: Javeriana, 2017. p. 85-93; VD 55.

³³⁹ VD 55.

A pergunta supracitada ajuda a entender que Cristo está realmente presente nas espécies do pão e do vinho, porém, de modo análogo, também está na Palavra proclamada nas ações litúrgicas, assim como nas outras formas de presença. Deste modo, entender o sentido do encontro com Cristo na Palavra de Deus pode favorecer uma maior compreensão unitária do mistério da revelação em ações e palavras intimamente relacionadas, sendo de proveito à vida em encontro de todo ser humano e à ação pastoral da Igreja em saída.³⁴⁰

2.5. O encontro com Cristo presente na comunidade reunida em Seu nome

A concepção de que Cristo está presente quando a comunidade se reúne em seu nome, é sustentada, dentre outros, pelas afirmações do Concílio Vaticano II³⁴¹ e pela carta encíclica *Mysterium Fidei* do Papa Paulo VI³⁴². Entretanto, essa afirmação de encontro com Cristo nas celebrações litúrgicas porque Cristo está presente junto ao povo reunido, carrega consigo, também, as concepções de Povo de Deus e Corpo de Cristo.³⁴³

A encíclica *Mysterium Fidei* do Papa Paulo VI afirma:

[...] vários são os modos da presença de Cristo na sua Igreja. Esta verdade muito consoladora, que a Constituição da Sagrada Liturgia expôs brevemente, é útil que a lembremos com mais demora. Cristo está presente à sua Igreja enquanto esta ora, sendo Ele quem ‘roga por nós, roga em nós e por nós é rogado; roga por nós como nosso Sacerdote; roga em nós como nossa Cabeça; é rogado por nós como nosso Deus’. Ele mesmo prometeu: ‘Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles’..³⁴⁴

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* do Vaticano II, no parágrafo 7, ao qual o trecho da *Mysterium Fidei* destacado acima se refere, diz que Cristo “*está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta, Ele que prometeu: ‘Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles’ (Mt 18,20).*”³⁴⁵

Desta forma, fica claro que a iluminação bíblica de Mateus 18,20 é peça chave nessa investigação. Barbaglio, na obra “Os Evangelhos I”,³⁴⁶ afirma que na perícopes de Mateus, “*Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estarei eu no meio deles*” (Mt

³⁴⁰ Cf. EG 20; VD 56.

³⁴¹ Cf. SC 7.

³⁴² Cf. MF 35.

³⁴³ Cf. LG 1-17.

³⁴⁴ MF 35.

³⁴⁵ SC 7.

³⁴⁶ BARBAGLIO, Giuseppe. *Os Evangelhos*. São Paulo: Loyola, 1990. p. 281-283.

18,20), o próprio Jesus exprime a certeza de que ele está no meio da sua comunidade quando ela se reúne no seu nome, isto é, professando a fé nele e cantando nas ações litúrgicas hinos de louvor à sua pessoa. Barbaglio afirma, ainda, que este dito remonta ao ensinamento do mestre. Jesus está com os seus, assim como Deus estava com os judeus que se reuniam para meditar a lei. Porém, uma variante significativa entra em questão: o que está no centro da reunião, agora, não é um escrito, mas, sim a pessoa do Senhor ressuscitado com a qual a comunidade pode fazer o encontro.³⁴⁷

Cristo se acha no meio daqueles que foram se reunir em seu nome,³⁴⁸ isto é, Jesus assegura sua presença no meio dos irmãos que vivem unidos na oração e ligados à grande comunidade³⁴⁹. Pode-se aqui fazer um paralelo entre Mateus 18,20 e Mateus 28,20 – “... *E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos*”. Entretanto, tendo como inclinação, ver que a vida nova não é possível no isolamento, mas, sim, que é alcançada e amadurece à medida que é entregue aos irmãos,³⁵⁰ ela se alimenta da oração e da presença contínua de Jesus.³⁵¹

Nota-se, pela perícopes de Mateus 18,20, que o próprio Cristo afirma que o encontro com Ele pode ser feito quando a comunidade se reúne. O importante, aqui, é entender que a comunidade que se reúne, que pertence a essa igreja que peregrina neste mundo, a qual a *Mysterium Fidei* e a *Sacrosanctum Concilium* se referem, é o Novo Povo de Deus³⁵² e é o Corpo de Cristo³⁵³.

Para investigar o encontro com Cristo na comunidade reunida, a partir das noções de Povo de Deus e Corpo de Cristo, faz-se uso aqui das contribuições da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, do Vaticano II.³⁵⁴ Mais precisamente, das contribuições que ela traz nos seus número 9, “Nova aliança” e “novo povo”, e 7, “A igreja, Corpo Místico de Cristo”, respectivamente. Em outras palavras, faz-se uma investigação da concepção de Novo Povo de Deus e Corpo místico de Cristo, para mostrar que tais concepções asseguram a veracidade da afirmação de que Cristo está presente no meio da comunidade que se reúne numa celebração litúrgica.

³⁴⁷ BARBAGLIO, Giuseppe. *Os Evangelhos*. p. 283.

³⁴⁸ PIKAZA, Javier. *A teologia de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1978. p. 98.

³⁴⁹ GORGULHO, Gilberto. *A justiça dos pobres: círculo bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1981. p. 174.

³⁵⁰ Cf. CELAM. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe 13-31 de maio de 2007*. 8ª ed. São Paulo: Paulus, 2008. (DA), 360.

³⁵¹ GORGULHO, Gilberto. *A justiça dos pobres: círculo bíblico*. p. 174.

³⁵² Cf. LG 9.

³⁵³ Cf. LG 7.

³⁵⁴ Cf. LG 9

No que se refere à concepção de Povo de Deus, no parágrafo 9, a *Lumen Gentium* afirma que, em todos os tempos e em todas as nações, foi agradável a Deus aquele que O teme e pratica a justiça. Contudo, Deus salvou e santificou homens e mulheres, não individualmente, excluindo qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse santamente. Escolheu, por isso, a nação israelita para Seu povo, com a qual faz o encontro e a salva.³⁵⁵

A *Lumen Gentium* afirma que Deus, ao fazer o encontro com o povo de Israel, estabelece com ele uma aliança. A ele vai instruindo gradualmente, manifestando-Se a Si mesmo e ao desígnio da própria vontade na sua história, e santificando-o para Si. Mas todas estas coisas aconteceram como preparação e figura do novo e pleno encontro, da nova e perfeita Aliança, que em Cristo havia de ser estabelecido e da revelação mais completa que seria transmitida pelo próprio Verbo de Deus feito carne.³⁵⁶

Confirmando o que acaba de ser mencionado, lê-se em Jeremias: *“Eis que virão dias, diz o Senhor, em que estabalecerei com a casa de Israel e a casa de Judá uma nova aliança...”*, e continua: *“Porei a minha lei nas suas entranhas e a escreverei nos seus corações e serei o seu Deus e eles serão o meu povo... Todos me conhecerão desde o mais pequeno ao maior, diz o Senhor”* (Jr 31,31-34). Esta nova aliança foi constituída por Cristo, e não é senão o novo testamento no Seu sangue, chamando o Seu povo ao Seu encontro de entre judeus e gentios, para formar um todo, não segundo a carne, mas no Espírito, e tornar-se, assim, a partir deste encontro definitivo, o Povo de Deus.³⁵⁷

Desta forma, a Constituição mostra que os que crendo em Cristo O encontram são regenerados não pela força de germe corruptível, mas incorruptível por meio da Palavra de Deus vivo; não pela virtude da carne, mas pela água e pelo Espírito Santo e são, finalmente, constituídos por este encontro em *“raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo conquistado... que outrora não era povo, mas agora é povo de Deus”*.³⁵⁸

Aqui entra uma noção importante para esta investigação acerca da presença de Cristo na comunidade reunida, pois este povo messiânico tem por cabeça Cristo, o qual foi entregue por causa das culpas do ser humano e ressuscitado por causa da justificação destes mesmos

³⁵⁵ Cf. LG 9.

³⁵⁶ Cf. CIC 65-67,73; LG 9.

³⁵⁷ Cf. LG 9.

³⁵⁸ LG 9.

homens e mulheres e, tendo agora alcançado um nome superior a todo o nome, reina glorioso nos céus.³⁵⁹

O encontro tem como condição o povo, que responde a parte que interpela com a fé em Cristo, a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, em cujos corações o Espírito Santo habita como num templo. O encontro faz com que a lei de Deus seja o novo mandamento: amar assim como o próprio Cristo amou.³⁶⁰ Por fim, este encontro traz o Reino de Deus, o qual, começado na Terra pelo próprio Deus, deve se desenvolver até ser também por Ele consumado no fim dos séculos, quando Cristo, vida do seu povo, aparecer e “*a própria criação for liberta do domínio da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus*” (Rom 8,21).³⁶¹

Este povo messiânico, ainda que não abranja de fato todos os homens, e não poucas vezes apareça como um pequeno rebanho, é, contudo, para todo o gênero humano, o mais firme germe de unidade, de esperança e de salvação.³⁶² Estabelecido por Cristo como comunhão de vida, de caridade e de verdade, é também por Ele assumido no encontro como instrumento de redenção universal e enviado a toda a parte como luz do mundo e sal da terra.³⁶³ Prometendo estar Ele próprio com os seus num encontro vitalício.³⁶⁴

A *Lumen Gentium* afirma que, assim como Israel segundo a carne, que peregrinava no deserto, é já chamado Igreja de Deus, como se pode ser visto em Neemias 13,1 e Deuteronômio 23,1ss, o novo Israel, que ainda caminha no tempo presente e se dirige para a futura e perene cidade, se chama também Igreja de Cristo, pois que Ele a adquiriu com o Seu próprio sangue, no encontro definitivo, na plena aliança, encheu-a com o Seu espírito e dotou-a dos meios convenientes para a unidade visível e social.³⁶⁵

Desta forma, como consequência do supracitado, a *Lumen Gentium* elucida que, aos que se voltam com fé para Cristo, autor de salvação e princípio de unidade e de paz, Deus chamou-os e constituiu-os em Igreja, a fim de que ela seja, para todos e para cada um, lugar

³⁵⁹ Cf. DH 493.

³⁶⁰ Cf. CIC 1825; LG 36.

³⁶¹ Cf. LG 9.

³⁶² Cf. DURAND, Xavier. Povo. in. LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário de teologia*. São Paulo: Loyola: Paulinas, 2014. p. 1417-1419.

³⁶³ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Doc. 105: Cristãos leigos e leigas na igreja e na sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2016. (Doc. CNBB 105), 13; LG 9.

³⁶⁴ Cf. PIÉ NINOT, Salvador P. presencia de Cristo em la asamblea litúrgica. in. ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE PROFESORES DE LITURGIA. *La presencia de Cristo em la Liturgia*. Bilbao, Espanha: Grafite Ediciones, 2004. p. 131-133.

³⁶⁵ Cf. LG 9.

do encontro, sacramento visível desta relação salutar. Destinada a expandir o encontro a todas as regiões, ela entra na história dos homens, ao mesmo tempo transcende os tempos e as fronteiras dos povos.³⁶⁶

A certeza que se pode ter é que, mesmo caminhando no meio de tentações e tribulações, a Igreja é confortada pela força da graça de Deus que lhe foi prometida pelo Senhor para que não se afaste, no encontro, da perfeita fidelidade por causa da fraqueza da carne, mas permaneça digna esposa do seu Senhor, e, sob a ação do Espírito Santo, não cesse de se renovar por esta relação, por este encontro sempre atualizado, até pela cruz, chegar à luz que não conhece ocaso.³⁶⁷

Já no paragrafo 7 da *Lumen Gentium*, observa-se a concepção de Igreja como Corpo Místico de Cristo. O Filho de Deus, vencendo a morte, na natureza humana a Si unida no encontro salutar, com a Sua morte e ressurreição remiu o ser humano e transformou-o em nova criatura. Pois, comunicando o Seu Espírito no encontro, fez misteriosamente de todos os Seus irmãos, chamados de entre todos os povos, como que o Seu Corpo.³⁶⁸ Este conceito mostra que o encontro com Cristo é possível, na comunidade reunida, justamente porque Ele está nela, e ela está ligada a Ele como o corpo a sua Cabeça.

É nesse corpo que a vida de Cristo se difunde nos que fazem o encontro, unidos de modo misterioso e real, por meio da fé e dos sacramentos, a Cristo padecente e glorioso.³⁶⁹ Com efeito, pelo Batismo somos assimilados a Cristo; “*todos nós fomos batizados no mesmo Espírito, para formarmos um só corpo*” (1Cor 12,13). Por este rito sagrado é representada e realizada a união com a morte e ressurreição de Cristo – o batismo é expressão plena de encontro com o Cristo. Todo ser humano é sepultado, pois, com Ele, por meio do Batismo, na morte; se, porém, homens e mulheres tornam-se com Ele um mesmo ser orgânico por morte semelhante à Sua, e o serão também por ressurreição semelhante.³⁷⁰

Neste sentido, a *Lumen Gentium* ensina que, ao se participar realmente do corpo do Senhor, na fração do pão eucarístico, cada homem e mulher é elevado ao encontro com Ele e entre si. “*Porque há um só pão, nós, que somos muitos, formamos um só corpo, visto participarmos todos do único pão*” (1Cor 10,17). E deste modo, em outras palavras, todos se

³⁶⁶ Cf. SILVA, Marcos A. Igreja Católica. in. PASSOS, João d.; SANCHEZ, Wagner L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 456-459.

³⁶⁷ Cf. LG 9.

³⁶⁸ Cf. LG 7.

³⁶⁹ Cf. TABORDA, Francisco. *Sacramentos, práxis e festa*. p. 115.

³⁷⁰ Cf. CIC 1213, 1215, 1225.

tornam membros desse corpo, como diz 1Corintios 12,27, sendo individualmente membros uns dos outros, como afirma Romanos 12,5 – assim, esta participação do corpo de Cristo conduz ao encontro-união com Ele.³⁷¹

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, baseada no Vaticano II, afirma, no documento 62, que trata da missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas, que este encontro com Cristo, por sermos membros do seu corpo, mostra unidade. Uma unidade, porém, que se dá na diversidade.³⁷² Isso já dizia São Paulo, assim como todos os membros do corpo humano, apesar de serem muitos, formam, no entanto, um só corpo, assim também os fiéis em Cristo. Também na edificação do Corpo de Cristo existe diversidade de membros e de funções.³⁷³ É um mesmo Espírito que distribui os seus vários dons, segundo a sua riqueza e as necessidades dos ministérios para utilidade da Igreja.³⁷⁴ Entre estes dons sobressai a graça dos Apóstolos, a cuja autoridade o mesmo Espírito submeteu também os carismáticos.³⁷⁵

Este encontro entre os membros de sua igreja, que traz Cristo presente e forma com Ele, cabeça, um corpo, gera nos membros caridade e solidariedade pela força do Espírito Santo. Pois o mesmo Espírito, unificando o corpo por Si no encontro pela Sua força e pela coesão interna dos membros, produz e promove a caridade entre os fiéis.³⁷⁶ Daí que, se algum membro padece, todos os membros sofrem juntamente; e, se algum membro recebe honras, todos se alegram, pois a Igreja é encontro – onde há íntima união com Deus e unidade de todo o gênero humano.³⁷⁷

O encontro com Cristo, ao formar o seu corpo, conduz o ser humano a uma vida nova. Faz homens e mulheres se afastarem de uma vida de morte, de escuridão, e voltarem-se para uma vida de luz e glória. Pois assim Ele é a cabeça deste corpo que é a Sua Igreja, o povo de Deus reunido. Ele é a imagem do Deus invisível e n'Ele foram criadas todas as coisas. Ele existe antes de todas as coisas e todas n'Ele subsistem. No pleno encontro Ele é a cabeça do corpo que é a Igreja. É o princípio, o primogênito de entre os mortos, de modo que em todas as coisas tenha o primado. E bem por isso, a Constituição Dogmática do Vaticano II afirma que é pela grandeza do Seu poder-encontro que domina em todas as coisas celestes e terrestres

³⁷¹ Cf. LG 7.

³⁷² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*. Itaici, SP: Paulinas, 1999. 78.

³⁷³ Cf. PAPA JOÃO PAULO II. *Exortação Christifideles Laici*. AAS 81. 1988. 20.

³⁷⁴ Cf. LG 7.

³⁷⁵ Cf. CIC 767.

³⁷⁶ Cf. LG 7.

³⁷⁷ Cf. LG 1; CIC 775.

e, devido à Sua supereminente perfeição e ação, que Ele enche todo o corpo das riquezas da Sua glória – o que não é nada menos do que as consequências do encontro com Ele.³⁷⁸

A *Lumen Gentium*, lembrando Gálatas 4,19, diz que este encontro é tão pleno que todos os membros se devem conformar com Ele, até que Cristo se forme neles. Por isso, o ser humano é assumido nos mistérios da Sua vida, configurado com Ele, com Ele morto e ressuscitado, até que reine com Ele. Ainda peregrinos na Terra, homens e mulheres, seguindo as Suas pegadas na tribulação e na perseguição, associam-se nos Seus sofrimentos como o corpo à cabeça, sofrendo com Ele, para com Ele serem glorificados.³⁷⁹

Esse encontro, essa relação é marcada pelos benefícios recebidos (característicos desse ato de compor o corpo - característicos desse ato de manter uma relação com Cristo) do próprio Cristo. É por Ele que o corpo inteiro, alimentado e coeso em suas juntas e ligamentos, se desenvolve com o crescimento dado por Deus.³⁸⁰ Ele mesmo distribui continuamente, no Seu corpo que é a Igreja, os dons dos diversos ministérios, com os quais, graças ao Seu poder, homens e mulheres prestam mutuamente serviços em ordem à salvação. E o amor leva a servirem uns aos outros com os dons recebidos nos diversos ministérios, em uma atitude de eterno encontro.³⁸¹

A *Lumen Gentium* afirma que esse encontro com Cristo, ao compor o Seu corpo, renova o ser humano e lhe dá vida, pois Cristo, no encontro, concede a todos, homens e mulheres, o Seu Espírito, o qual, sendo um e o mesmo na cabeça e nos membros, unifica e move o corpo inteiro, a ponto de os Santos Padres compararem a Sua ação ao desempenho do princípio vital ou alma no corpo humano.³⁸²

Por fim, a Constituição do Vaticano II coloca esta questão do encontro com Cristo, que se faz presente na Sua comunidade reunida em forma de corpo, vista com a ótica da relação esposo-esposa. Esta relação leva a uma vida nova, conduz o povo (esposa) à vida plena dada pelo esposo (Deus), onde Cristo ama a Igreja como esposa, fazendo-Se modelo do homem que ama sua mulher como o próprio corpo; e a Igreja, pelo encontro, é sujeita à sua cabeça. O encontro com Cristo, “*porque n’Ele habita corporalmente toda a plenitude da natureza divina*” (Col 2,9), enche a Igreja, que é o Seu corpo e plenitude, com os dons

³⁷⁸ Cf. LG 7.

³⁷⁹ Cf. CIC 777; LG 7.

³⁸⁰ Cf. CALIMAN, Cleto. Povo de Deus/Igreja. in. PASSOS, João d.; SANCHEZ, Wagner L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 760.

³⁸¹ Cf. TABORDA, Francisco. *A igreja e seus ministros*. São Paulo: Paulus, 2011. p. 87-91, 100-105.

³⁸² Cf. LG 7.

divinos, para que Ela se dilate e alcance a plenitude de Deus. O encontro traz, portanto, à Igreja a plenitude da vida.³⁸³

A partir das investigações apresentadas, poder-se-ia coroar a forma que estas apresentam o encontro com Cristo quando a comunidade se reúne em seu nome, com um trecho da homilia do Papa Francisco, feita no dia 5 de maio de 2013 por ocasião do dia das Confrarias e da piedade popular, que, com sua forma simples, porém sábia, afirma:

Nesta Praça [de São Pedro], vejo uma grande variedade, antes, de guarda-chuvas e, agora, de cores e de sinais. Assim é a Igreja: uma grande riqueza e variedade de expressões em que tudo é reconduzido à unidade; a variedade reconduzida à unidade e a unidade é o encontro com Cristo.³⁸⁴

Passando agora a um novo nível de investigação nesta pesquisa, depois de ter buscado compreender na primeira parte o que é um encontro, tanto de um ponto de vista filosófico como teológico, e o contexto em que o homem moderno, sujeito do encontro, está inserido, e na segunda parte o encontro e as presenças de Cristo nas ações litúrgicas, buscar-se-á sistematizar, com uma visão orgânica do objeto formal, o encontro, e as consequências do encontro. Não será, senão, juntar todos os itens já investigados, fazendo uma leitura das consequências e de como viver o encontro com Cristo no hoje da história humana.

³⁸³ Cf. LG 7.

³⁸⁴ PAPA FRANCISCO. *Homilia. Santa Missa por ocasião do dia das confrarias e da piedade popular*. Praça de São Pedro. 5 maio de 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/francesco/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130505_omelia-confraternite_po.html em 21/05/2013 >. Acesso em: 01 mar. 2

3. O encontro com Cristo nas ações litúrgicas no contexto atual

Para discorrer sobre o encontro com Cristo nas ações litúrgicas no contexto da modernidade líquida, faz-se necessário observar a questão do encontro e da presença em tal realidade, e, depois, de uma maneira mais específica, observar esta questão mais propriamente na liturgia. Para esta empreitada, em um primeiro momento, buscar-se-á apresentar a Cultura do Encontro como um caminho de superação dos aspectos negativos da liquidez do mundo moderno, e, em um segundo momento, dissertar sobre a ação litúrgica a partir do Vaticano II como um caminho para o encontro com Cristo de modo verdadeiro nas suas diferentes formas de presença.

3.1. Cultura do encontro como caminho sólido na liquidez – Buber, Bauman e Papa Francisco

Toda vida é encontro, toda vida é relação.³⁸⁵ Portanto, a realidade e a verdade é um encontro dialógico. Encontro este que tem a atitude Eu-Tu em preferência à atitude Eu-Isso. No universo do encontro, o mundo do Tu está relacionado a Deus. O mundo do Tu funda a sua permanência no Tu Absoluto, por isso representa o mundo verdadeiro, enquanto o mundo do Isso, embora situado no espaço e no tempo, é condenado a ser um mundo não verdadeiro.³⁸⁶

A cultura do encontro é solidez, verdade, diante de toda a liquidez do mundo moderno. Todos os encontros, se olhados a fundo, entrecruzam-se no encontro com o Tu eterno – que é a verdade para cada ser humano. Portanto, o encontro, quando vivido na verdade do amor fontal, “*é um encontro com um rosto, um ‘tu’ que reflete o amor divino e constitui*”³⁸⁷ um auxílio e verdade de apoio, onde as duas partes são ‘uma para a outra’ e onde a confissão do amor e doação impregnam a atitude de reciprocidade.³⁸⁸

Deste modo, o encontro com Cristo nas ações litúrgicas deve levar a uma cumplicidade tão profunda que conduza cada homem e mulher a encontrar a verdade da existência humana. Este vínculo de reciprocidade entre Cristo e o ser humano não visa senão

³⁸⁵ Cf. BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 57.

³⁸⁶ Cf. ZUBER, Newton Aquiles von. A questão do inter-humano: uma releitura de Eu e Tu de Martin Buber. in. *Síntese*. Belo Horizonte, v. 35, n. 111, 2008. p. 91-95.

³⁸⁷ AL 12.

³⁸⁸ Cf. BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 59.

a própria relação. A verdade emanada do encontro leva ao retorno para si e ao reconhecimento do Eu em sua alteridade ao se voltar para o outro. Esta tensão entre o Eu e o Outro numa relação recíproca leva abertura ao Outro reconhecendo-se enquanto Eu, enquanto humano.³⁸⁹ Tudo isso foi colocado para dizer que o caminho da cultura do encontro leva ao encontro com Cristo, à identificação com ele e à abertura para o Outro, para o mundo, descobrindo-se nesta interdependência a própria alteridade.

Cristo vem ao encontro dos cristãos e permanece com eles edificando o Seu corpo,³⁹⁰ e no encontro que cada um faz com seu irmão, o próprio Cristo fundamenta e estabelece o Seu corpo derramando a Sua graça. Cristo olha para os homens e mulheres que se encontram no Seu amor e na Sua ternura, acompanha seus passos que carregam a verdade, a paciência e a misericórdia, e os auxilia a viver as exigências do Reino de Deus e anunciá-las. O encontro com Cristo e o encontro com os irmãos em Cristo leva a uma vida nova.³⁹¹

O encontro verdadeiro faz com que homens e mulheres tenham a capacidade de ter consciência de si próprios e, ao mesmo tempo, reconhecer o outro na sua alteridade singular. O encontro com Cristo e/ou em Cristo faz com que, ao mesmo tempo em que se reconheça o que de si é mais sublime como humano, se conheça também o outro como único, levando em consideração o plano físico, corporal, psíquico e espiritual.³⁹²

Uma vida nova que rejeita todas as situações de morte deste mundo, muitas vezes provém de uma experiência negativa de vida baseada em relações Eu-Isso. É a rejeição de uma vida baseada na superficialidade e utilização do outro como instrumento para se conseguir o que se quer. Faz-se do outro ser humano um objeto de consumo destinado ao descarte quando não apresenta uma utilidade para o consumo do Eu. O encontro faz com que se rejeite veementemente a cultura do descarte, que afeta tanto os seres humanos excluídos como as coisas que se convertem em lixo rapidamente.³⁹³

Bauman notadamente faz uma profunda leitura do mundo atual. Discorrendo sobre diversos pontos da contemporaneidade em suas investigações sobre o mundo líquido moderno, há questões que perpassam praticamente todos os assuntos por ele percorridos.³⁹⁴ Entretanto, esta rica leitura do mundo líquido moderno não traz, na mesma proporção,

³⁸⁹ Cf. ZUBEN, Newton Aquiles von. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. p. 15.

³⁹⁰ Cf. AL 67.

³⁹¹ Cf. AL 60.

³⁹² Cf. ZUBEN, Newton Aquiles von. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. p. 19.

³⁹³ Cf. LS 22.

³⁹⁴ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. p. 16.

caminhos a serem percorridos em vista de superar todos os desafios apresentados. Bem por isso, o legado sobre o encontro, que se vê nos documentos da Igreja, hoje, não é só mérito do Papa Francisco, mas se intensificou após o Vaticano II, tornando-se caminho bem profundo e edificado para ser percorrido na superação dos pontos negativos de toda essa liquidez que o mundo contemporâneo carrega.

A questão da cultura do encontro, pode-se afirmar, começa com o próprio ato divino da Criação. A Criação em si é um ato relacional de um Deus, que ama tanto Sua criação que estabelece com ela uma relação de cuidado e piedade paterna. E Deus, sendo um Deus-relação, Pai, Filho e Espírito Santo, vem ao encontro de Sua criatura por amor, durante toda a história da humanidade. Desde o início do livro do Gênesis observa-se um Deus que vem ao encontro de Seu povo em uma abertura e rebaixamento de Si. A plenitude desse encontro se dá em Jesus Cristo que sela por definitivo a aliança entre Deus e a Humanidade. E é justamente em Cristo que o encontro dialógico é plenamente realizado, carregando a verdade e a plenitude da vida.³⁹⁵

Este encontro pode ser alcançado por homens e mulheres de todo o tempo por meio da liturgia, onde o próprio Cristo Se faz presente.³⁹⁶ Porém, todo encontro verdadeiro com Cristo, como qualquer outro encontro verdadeiro, acarreta uma consequência, que não é outra que a mudança de vida. Esta vida nova carrega consigo, no tempo presente, uma nova forma de viver o evangelho. O mundo líquido moderno torna necessária uma nova forma de relacionar-se com Deus. Não porque o encontro seja outro, mas porque o encontro se dá em um contexto diferente, que, por sinal, é muito desafiador.³⁹⁷

É urgente que, após o encontro autêntico com Cristo na liturgia, vislumbrem-se novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, suscitando valores fundamentais. O encontro de cada ser humano com Cristo deve levar este ser humano a formar corpo com Ele, então, são concebidas as novas histórias e paradigmas, anunciando, assim, em um diálogo autêntico, a Boa Nova onde convivem as mais diversas formas culturais.³⁹⁸

O próprio encontro com Cristo nas ações litúrgicas, que é o gerador de sentido na vida humana, deve ser pensado de forma a responder, com mais significado e de forma mais

³⁹⁵ Cf. GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. p. 25-93.

³⁹⁶ Cf. SC 7.

³⁹⁷ Cf. EG 52-75

³⁹⁸ Cf. EG 74.

atraente, à cultura existente no mundo moderno. A liturgia necessita elaborar espaços de oração e comunhão que atinjam uma sociedade moldada unicamente para ser consumidora.³⁹⁹ Estes espaços devem ser mais atraentes do que os destinados às compras. E, quando se diz atraentes, não é uma questão de estética, mas, sim, de segurança e solidez, onde a compulsão das compras em busca da superação da insegurança é suplantada pelo Encontro verdadeiro que gera satisfação e solidez – e carrega consigo o sentido de viver.⁴⁰⁰

Na homilia do dia 13 de setembro de 2016, na Capela Santa Marta, o Papa Francisco, ao meditar o evangelho de Lucas 7,11-17, sobre a viúva de Naim, dá um bom arcabouço de como viver a cultura do encontro. O próprio encontro com Cristo nas ações litúrgicas leva a viver uma cultura do encontro. E, segundo o Papa Francisco, esta perícopa de Lucas mostra o que deve ser feito. Na verdade, é um convite que o Papa faz, em sua meditação, para se olhar o encontro narrado pelo evangelho e, de modo simples, fazer como Jesus fez.⁴⁰¹ Deste modo, encontram-se nas visões que o Papa fornece nesta homilia para uma melhor elucidação de como a cultura do encontro gera vida – vida verdadeira.

O trecho da palavra de Deus, em Lucas 7,11-17, fala de um encontro entre pessoas que estavam em uma estrada, a caminho. Porém, a atitude de Jesus neste encontro ensina a todos como os verdadeiros encontros devem acontecer: como encontros promotores de vida. E como Jesus fez? A resposta praticamente expressa a forma como são todos os encontros realizados com Jesus descritos pelos evangelhos. Jesus não só vê, mas olha; não só ouve, mas escuta; não só se cruza com as pessoas, mas Se detém com elas; não só Se lamenta pelo observado, mas Se deixa arrebatado pela compaixão. Aproxima-Se e toca, sem ter medo de Se sujar. Assim, como todos, na Igreja e no mundo, devem também fazer.⁴⁰²

O encontro se dá em uma estrada, a caminho, mas isso não é comum, pois a realidade do mundo líquido moderno faz com que as pessoas vivam de forma isolada, somente para si, quase sempre não pensando no próximo, mas somente em si. Por isso, homens e mulheres se cruzam, vêm, mas não olham; ouvem, mas não escutam – e isso não é encontro. O encontro é outra coisa. O Encontro não é um simples olhar, isso pode ser, no máximo, um esbarrão. Quando um ser humano, seguindo o seu caminho, encontra alguém que vem ao seu encontro,

³⁹⁹ Cf. EG 73;

⁴⁰⁰ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 93-105; EG 71-75.

⁴⁰¹ Cf. PAPA FRANCISCO. *Por uma cultura do encontro*. L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 37 de 15 de setembro de 2016.

⁴⁰² Cf. EG 49.

o ser humano que segue o seu caminho não tem conhecimento senão da sua parte no caminho, pois a parte do outro só virá por graça, se existir a abertura para o encontro verdadeiro.⁴⁰³

O trecho do evangelho que narra o encontro entre Jesus e a viúva de Naim mostra “*um encontro entre um homem e uma mulher, entre um filho único vivo e um filho único morto*”; segundo o Papa, “*entre uma multidão feliz, porque tinha encontrado Jesus e o seguia, e um grupo de pessoas que, chorando acompanhavam aquela mulher*”.⁴⁰⁴ E esta mulher, além de ser viúva, ainda estava a caminho de enterrar o seu filho único. Em sua cultura, se já não tinha nada, por perder seus direitos, ao ficar viúva, a única chance de voltar a ter vida digna era a que seu filho podia dar e que lhe fora tirada quando ele morreu.

A grande chave de leitura para compreender o encontro, do ponto de vista cristão, é a compaixão. O modo como Jesus encontra faz cada cristão refletir sobre o seu próprio modo de encontrar. Lucas diz que “*vendo-a, o Senhor sentiu grande compaixão*” (Lc 11,13). O mesmo que acontece em outros encontros, como quando Jesus viu a multidão, no dia da multiplicação dos pães, diante do sepulcro do seu amigo Lázaro, ou ainda diante da sogra de Pedro que se encontrava enferma. Jesus se antecipa aos apelos, age gratuitamente, se oferece sem necessidade de pedido.⁴⁰⁵

Por causa da cultura na qual o homem está inserido no mundo líquido moderno, geralmente não existe entre os homens o sentimento de compaixão que move os encontros baseados nos de Jesus. Muitas vezes, diz o Papa Francisco, quando se vai pela estrada e se vê uma cena triste se diz: “que pena”, passa-se do outro lado e se vai embora. Isso não é a compaixão que move Jesus ao encontro. Jesus não disse: “pobre mulher!” e foi embora. Ele vai além, Ele enche-Se de compaixão, aproxima-Se e diz: “não chores”. Existe aí a questão da reciprocidade no contato vivido. A viúva (o Tu) atua sobre Jesus (o Eu), assim como Ele (o Eu) atua sobre ela (o Tu).⁴⁰⁶

Vê-se, assim, que a compaixão é característica imprescindível para o encontro do ponto de vista cristão. A forma como Jesus age, com compaixão, faz com que Ele participe do problema daquela mulher. Indo mais além, o evangelho narra que Jesus não só falou com ela, mas também a tocou. Jesus toca o caixão, e com o “não chores” toca a viúva. Isto acontece

⁴⁰³ Cf. BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 100.

⁴⁰⁴ Cf. PAPA FRANCISCO. *Por uma cultura do encontro*. L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 37 de 15 de setembro de 2016.

⁴⁰⁵ Cf. BARBAGLIO, Giuseppe. *Os Evangelhos*. p. 158; PAPA FRANCISCO. *Por uma cultura do encontro*. L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 37 de 15 de setembro de 2016.

⁴⁰⁶ Cf. BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 60.

porque Jesus está por inteiro neste encontro, comovido Ele realiza o milagre e o “*jovem pode ser entregue vivo a sua mãe*”⁴⁰⁷. O Papa diz:

O filho único morto assemelha-se a Jesus e torna-se filho único vivo, como Jesus. E um gesto de Jesus mostra a ternura de um encontro e não só a ternura, a fecundidade de um encontro. ‘O morto sentou-se e começou a falar, e Ele — Jesus — restituiu-o à sua mãe’. Não disse: ‘Fiz o milagre’. Não, mas: ‘Vem, toma-o, é teu’. Eis porque ‘cada encontro é fecundo. Cada encontro restitui as pessoas e as coisas ao seu lugar’.⁴⁰⁸

No mundo líquido moderno, os homens estão habituados com a cultura da indiferença. A cultura do tirar do mundo dos negócios suplanta a cultura do encontro, da partilha e da doação ao outro para que o outro (o Tu) tenha mais vida.⁴⁰⁹ Por isso é necessária a cultura do encontro como caminho sólido em meio toda essa liquidez. Uma cultura de encontro, que gera encontros fecundos, “*que ressuscita a cada pessoa a sua dignidade de filho de Deus, a dignidade de ser vivo.*”⁴¹⁰

Imersos em um cultura individualista, homens e mulheres vivem seu papel de consumidores, estão mais preocupados com o tamanho de seu próprio pedaço de pão do que com o tamanho do pão inteiro. Vivem em um mundo cada vez mais rapidamente individualizado, onde são obrigados a encontrar suas próprias maneiras de enfrentar os problemas de tal forma que se encontram absolutamente sozinhos.⁴¹¹ Deste modo, o ser humano moderno se acostumou com a indiferença. E, quando vê as calamidades do mundo, quer sejam as pequenas, quer sejam as grandes, limita-se apenas a dizer “que pena”, “como sofrem”, mas depois segue em frente, cultivando ainda mais uma cultura da indiferença.⁴¹²

Os cristãos, pelo encontro com Cristo nas suas mais diferentes formas de presença na liturgia, devem ter uma atitude diferente. Até porque, se não a tiverem, seu encontro não foi verdadeiro. Para todo aquele que se encontrou com o Cristo, e que agora é membro do seu corpo, nesta relação de eterna atualização do encontro primordial, seus encontros com os irmãos e com a obra da criação são diferentes. Para todo aquele que vive em Cristo, no seu

⁴⁰⁷ FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. p. 83.

⁴⁰⁸ PAPA FRANCISCO. *Por uma cultura do encontro*. L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 37 de 15 de setembro de 2016.

⁴⁰⁹ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Babel: entre a incerteza e a esperança*. p. 31.

⁴¹⁰ PAPA FRANCISCO. *Por uma cultura do encontro*. L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 37 de 15 de setembro de 2016.

⁴¹¹ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. p. 50.

⁴¹² Cf. PAPA FRANCISCO. *Por uma cultura do encontro*. L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 37 de 15 de setembro de 2016.

corpo, é essencial ver, olhar, e então parar, falar e tocar. Só se pode realizar o encontro se existir o abandono da indiferença. A compaixão é que ajuda a construir uma cultura do encontro.⁴¹³

Uma cultura do encontro deve levar em conta que é Deus quem cura e renova as relações entre os homens e com o mundo criado.⁴¹⁴ O Papa lembra, referindo-se ao povo que assistia tudo, que “*a multidão amedrontada glorificava a Deus*”⁴¹⁵. O encontro de todos os dias entre Jesus Cristo e sua esposa, a Igreja, que espera seu regresso, se dá nas ações litúrgicas. Entretanto, a cada encontro há uma transformação do seu povo (o Eu).⁴¹⁶

Cristo vem por inteiro no encontro que se dá nas ações litúrgicas, e, como com a viúva de Naim, cada vez que encontra uma dor, um pecador, uma pessoa desviada, olha para ela, fala-lhe, restitui-a à sua esposa. Este encontro transforma a pessoa – o encontro de Jesus Cristo com seu povo transforma este povo. E então, assim como Ele, cada membro do seu corpo passa a servir, a ajudar, a humilhar-se para se condescender com todos os necessitados – necessitados materialmente e necessitados da palavra de Jesus, de suas carícias.⁴¹⁷

Entra aqui uma questão crucial. Todos os seres humanos são necessitados... Necessitados da Graça de Deus.⁴¹⁸ As transformações culturais que levam a uma nova forma de vida do homem moderno causam impacto, também, na forma de compreender a salvação. Acontece, então, que, diante de toda essa liquidez moderna, alguns aspectos da salvação cristã passam a ser compreendidos de maneira diferente, tornando difícil para homens e mulheres da atualidade assimilarem a necessidade da Graça de Deus,–dificultando mais ainda a viverem uma cultura do encontro.⁴¹⁹

É Deus que vem ao encontro dos seres humanos. Ele que quis “*na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e manifestar o mistério de sua vontade*”⁴²⁰ e os homens e mulheres podem encontrar o Pai e, assim, por este encontro se tornarem participantes da natureza divina. Isso se dá por meio do encontro com Cristo, que é o Verbo encarnado no

⁴¹³ Cf. EG 179.

⁴¹⁴ Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Carta Placuit Deo*. Roma, 22 de fev. 2018. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20180222_placuit-deo_po.html >. Acesso em: 10 de mar. 2018. (PD) 2.

⁴¹⁵ PAPA FRANCISCO. *Por uma cultura do encontro*. L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 37 de 15 de setembro de 2016.

⁴¹⁶ Cf. BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 125.

⁴¹⁷ PAPA FRANCISCO. *Por uma cultura do encontro*. L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 37 de 15 de setembro de 2016.

⁴¹⁸ Cf. CIC 1996-2005.

⁴¹⁹ Cf. PD 1-2.

⁴²⁰ DV 2.

Espírito Santo.⁴²¹ Entretanto, no mundo líquido moderno, esta verdade a respeito de Deus, assim como a verdade sobre a salvação dos homens, que vem pela revelação em Cristo, o mediador e a plenitude de todo o encontro, fica abalada.⁴²²

A sociedade líquida no tempo atual se desenvolveu muito e a superficialidade se globalizou por causa da sedução do relativismo subjetivista. O que é próprio do ser humano, a busca de novidades, encontra na atualidade, nesta sociedade de aparência, um ambiente ideal para se proliferar. A sociedade consumista da contemporaneidade, na qual muitas vezes se reciclam coisas velhas com o objetivo de que pareçam novas para serem mais atraentes, na verdade só camufla a verdade.⁴²³ Nas palavras do Papa Francisco:

Movemo-nos na chamada ‘sociedade líquida’, sem pontos fixos, minada, desprovida de referências firmes e estáveis; na cultura do efêmero, do descartável.

Diante deste ‘carnaval’ mundano destaca-se nitidamente o cenário oposto, que encontramos nas palavras de Jesus que acabamos de ouvir: ‘que eles glorifiquem o vosso Pai que está nos céus’ (Mt 5, 16).⁴²⁴

Nas palavras do Papa Francisco, supracitadas, vê-se a referência que ele faz de forma direta ao Sociólogo Zigmunt Bauman, para denunciar que a busca de ‘novidades atraentes’ – que na verdade são só aquilo que foi induzido pela necessidade de consumir imposta pela sociedade atual – se torna uma busca apenas mundana, onde se esquece de glorificar ao Pai mediante as boas obras, que é de quem vem a salvação. Não se é salvo pelas obras, mas estas são a resposta de cada homem e mulher que vive o encontro com Cristo neste contexto atual totalmente líquido. E é com as obras que se glorifica ao Pai e se torna sal na terra e luz no mundo, como se vê em Mateus 5,13.⁴²⁵

A individualização faz com que não se percebam os erros cometidos, tornando-os que invisíveis. Essa é a capacidade da cultura consumista que desvia os caminhos que levam à aquisição de todos os valores essenciais da vida, que como, afirma Bauman, são: *“dignidade, segurança, aceitação social e reconhecimento, o sentimento de pertencimento bem como de*

⁴²¹ Cf. DV 2.

⁴²² Cf. PD 2.

⁴²³ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 7-33.

⁴²⁴ PAPA FRANCISCO. *Homilia na Celebração Eucarística no encerramento do jubileu pelos 800 anos da confirmação da ordem dos pregadores*. Basílica de São João de Latrão, Roma, 21 de janeiro de 2017. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/documents/papa-francesco_20170121_omelia-domenicani.html. Acesso em 15 de mar. 2018.

⁴²⁵ Cf. Doc. CNBB 105, 1.

*distinção de ser singular e insubstituível, uma vida significativa, a busca da felicidade, a autoestima ou, com efeito, a consciência moral limpa”.*⁴²⁶

O problema é que, ao desviar os caminhos dos valores essenciais que produzem verdadeiros encontros, estes mesmos caminhos são direcionados para o consumo. E o chamado a viver uma cultura de encontro é esquecido. O individualismo e a globalização do mundo líquido atual favorecem “*um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas.*”⁴²⁷ Fazer compras é apresentado pelo mundo líquido moderno como solução universal para os problemas e preocupações humanas mais universais. “*Outrora todos os caminhos levavam a Roma. Hoje todos levam às lojas*”⁴²⁸.

Um grande desafio, a partir do supracitado, é que a forma de vida líquida abala a fé cristã que proclama que é Jesus o único salvador do ser humano. O individualismo centrado no sujeito “emancipado”⁴²⁹ leva o ser humano moderno a ver que a realização depende apenas das suas próprias forças. Assim, o encontro com Cristo nas ações litúrgicas, ou em qualquer outra forma de presença, passa a ser mais uma situação que inspira ações generosas, mediante palavras e gestos, ou mesmo uma realização de satisfação pessoal, do que o encontro com a Salvação que é concedido a todo ser humano por graça divina.⁴³⁰

Nos dias atuais, neste mundo líquido, homens e mulheres têm uma visão também líquida, por que não dizer assim, da salvação. A concepção de salvação é meramente interior, algo que se aproxima mais de uma forte convicção pessoal ou de um sentimento de estar unido a Deus, do que algo que leva a assumir a transformação trazida pelo encontro verdadeiro que cura e renova todos os demais encontros com os outros e com o mundo criado. Assim, podem-se desenvolver formas de pensar carregadas de tendências perigosas em relação à forma de compreender a salvação que vem do encontro com Cristo. Formas estas que lembram pelagianismo e o gnosticismo.⁴³¹

O pelagianismo e o gnosticismo, que são antigas heresias,⁴³² proliferam no mundo líquido moderno com uma roupagem “neo”, mas não menos perigosa (claro que as

⁴²⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Babel: entre a incerteza e a esperança*. p. 62.

⁴²⁷ EG 67; PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate*. 2018. 36-62.

⁴²⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Babel: entre a incerteza e a esperança*. p. 62.

⁴²⁹ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 25.

⁴³⁰ Cf. PD 2.

⁴³¹ Cf. PD 3.

⁴³² “De acordo com a heresia Pelagiana, desenvolvida durante o século V ao redor de Pelágio, o homem, para cumprir os mandamentos de Deus e ser salvo, precisa da graça apenas como um auxílio externo à sua liberdade (como luz, exemplo, força), mas não como uma sanção e regeneração radical da liberdade, sem mérito prévio, para que ele possa realizar o bem e alcançar a vida eterna.

comparações com estas heresias evocam apenas traços gerais, sem entrar na natureza destes erros antigos). O homem imerso na cultura líquida moderna busca salvar-se a si mesmo sem reconhecer que ele, no seu mais profundo, depende de Deus e dos outros. Este homem confia sua salvação à suas próprias forças ou a estruturas simplesmente humanas e não consegue acolher o verdadeiro encontro com Deus. Preocupado apenas consigo mesmo, fechado no seu subjetivismo, este homem acredita que o encontro com Cristo e com o mundo criado é desnecessário. Não vê na criação os vestígios da mão do Criador, mas apenas algo manipulável e do qual se pode utilizar.⁴³³ É absolutamente uma relação Eu-Isso vivida de forma negativa.⁴³⁴

O ser humano que se conforma em ter uma relação de consumo com o outro, na verdade se conforma – toma a forma – com o mundo do Isso. E “*em lugar de libertar o que está ligado a este mundo ele o reprime; em lugar de contemplá-lo ele o observa, em lugar de acolhê-lo, serve-se dele*”⁴³⁵. Os encontros não geram vida desta forma, porque não são verdadeiros encontros. O estabelecido é apenas uma relação Eu-Isso, onde o outro é destinado à utilização para múltiplos fins – a única coisa buscada é conservar, facilitar e melhorar a própria vida.⁴³⁶

O centro da cultura do encontro, por mais que frise que o ser humano tem que ser ‘sal na terra e luz no mundo’ (Mt 5,13-14), isto é, mostrar sua ‘fé por obras’ (Tg 2,26) em autênticos encontros, categoricamente afirma que a salvação consiste no encontro do ser humano com Cristo, “*que com a sua Encarnação, vida e ressurreição, gerou uma nova ordem de relações com o Pai e entre os homens*”⁴³⁷, e o introduziu, graças ao dom do Espírito, nesta nova ordem, para que unido ao Pai, todo ser humano pudesse ser filho no Filho, e assim, formar um único corpo no primogênito de muitos irmãos e irmãs.⁴³⁸

Não é uma questão de alcançar a satisfação, a realização em si próprio, ‘conquistando o mundo’ (Mc 8,36), até porque isso nunca se realizará. “*A salvação plena da pessoa não*

Mais complexo é o movimento gnóstico, surgido nos séculos I e II, que manifestou-se de formas muito diferentes. Em geral, os gnósticos acreditavam que a salvação é obtida através de um conhecimento esotérico ou “gnose”. Esta gnose revela ao gnóstico sua essência verdadeira, isto é, uma centelha do Espírito divino que habita em sua interioridade, que deve ser libertada do corpo, estranho à sua verdadeira humanidade. Somente assim o gnóstico retorna ao seu ser originário em Deus, de quem ele afastou-se pela queda original”. (Placuit Deus, nota 9).

⁴³³ Cf. PD 3.

⁴³⁴ Cf. ZUBEN, Newton Aquiles von. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. p. 173.

⁴³⁵ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 75.

⁴³⁶ Cf. BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 74.

⁴³⁷ PD 4.

⁴³⁸ Cf. CIC 457-461.

consiste nas coisas que o homem poderia obter por si mesmo, como o ter ou o bem-estar material, a ciência ou a técnica, o poder ou a influência sobre os outros".⁴³⁹ Um caminho sólido em meio a toda essa liquidez da cultura individualista e consumista do mundo fluido atual, é a cultura do encontro, que gera a consciência de que tudo o que é criado jamais poderá satisfazer o ser humano, pois Deus criou homens e mulheres e os destinou à comunhão com Ele. E nesta ordem, como diz Santo Agostinho, o coração do homem jamais poderá se satisfazer completamente enquanto não repousar Nele.

O que é necessário entender é que existe um elemento essencial no encontro com Deus, que é o sentimento de criatura por parte do ser humano. Um sentimento de dependência que não diminui, mas humaniza o ser humano. O sentido da vida do ser humano (do Tu) não pode ser encontrado, saciado, até que se tenha encontrado a Deus (O Tu infinito), que lhe estava presente desde o começo e é achado na cultura do encontro,⁴⁴⁰ pois todos os encontros realizados no mundo, emanados do amor de Cristo, possibilitam um vislumbre do encontro definitivo com Deus. Sem sombra de dúvidas, a criação se realiza em cada encontro, e, assim, o ser humano é associado a esta criação e encontra nela Deus. E o encontro com Deus chama o homem à missão.

A modernidade líquida *"libera forças que provocam mudanças moldadas segundo as bolsas de valores ou os mercados financeiros"*.⁴⁴¹ Já a cultura do encontro provoca mudanças, porque o ser humano que encontrou a Deus e passou a entrar em uma íntima relação com Ele, na medida de suas capacidades, a cada dia atualiza Deus no mundo. Assim, o verdadeiro encontro transforma o homem, elevando-o a Deus, fazendo que com que este homem novo cresça no amor e passe adiante toda essa graça. *"O encontro com Deus não acontece ao homem para que ele se ocupe de Deus, mas para que ele coloque o sentido da ação no mundo. Por isso que todo encontro com Deus é vocação e missão"*.⁴⁴²

Uma cultura do encontro acontece a partir da relação que cada ser humano tem com Jesus Cristo – Ele que é uma Pessoa e que dá à vida de cada homem e mulher, um novo horizonte, um rumo certo e decisivo.⁴⁴³ Esta relação ramifica-se em cada encontro com um irmão ou irmã que são a verdadeira imagem do encontro com Deus. Na cultura do encontro o outro é visto, não como algo a ser usufruído e depois descartado, mas como o próprio Senhor

⁴³⁹ PD 6.

⁴⁴⁰ Cf. BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 103.

⁴⁴¹ BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. p. 83.

⁴⁴² BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 126.

⁴⁴³ Cf. PD 8.

Jesus Cristo (Mt 25,35-45). Pela Aliança, todo ser humano que acolhe a Jesus Cristo, está acolhendo a salvação e passa a assumir para si o seu Evangelho.⁴⁴⁴

Contra as formas de pensamento individualistas e egoístas dos tempos líquidos modernos, é necessário recordar que Jesus é o Salvador e não se limitou a mostrar aos homens e mulheres o caminho para encontrar o Pai. Um caminho que cada ser humano pode percorrer por si mesmo, copiando Sua vida e escutando a Sua Palavra, ~~porém~~, formando corpo com Ele e com os irmãos. Só se pode ‘ser humano’ quando se é ‘com’ os outros e ‘junto’ a eles.⁴⁴⁵ Por isso, o caminho de encontro com Cristo que leva cada homem e mulher à salvação, não é meramente um percurso interior, mas um encontro que engloba todas as relações como os outros seres humanos e com o mundo criado.⁴⁴⁶

Em busca de viver apenas o presente, o homem moderno, imerso na ‘cultura presentista’, está propenso a viver uma fragilidade nos laços inter-humanos, transformando o outro em objeto de consumo, suscetível ao ‘excesso’ e ao ‘descarte’.⁴⁴⁷ A cultura do encontro, por sua vez, mostra ao homem que o encontro com Cristo o introduz nas relações sólidas e concretas que Ele mesmo viveu. E, desta forma, é nas relações com o seu próximo que cada homem e mulher toca a carne de Jesus – de maneira especial nos mais pequeninos. É a comunhão com o corpo de Cristo, que participa na comunhão da Trindade, que leva a um autêntico encontro de Salvação com o Senhor e não uma cultura de autorrealização isolada e que usufrui do próximo como se pode ver incrustada no mundo líquido moderno.⁴⁴⁸

Nesta questão da presença e encontro de Cristo na realidade líquida moderna, onde se propõe a cultura do encontro como caminho de superação dos aspectos negativos de tal realidade, a *Placuit Deo* vai concluir que Jesus Cristo, o Salvador, introduz em cada homem e mulher, pelo encontro com Ele, a consciência da vida plena, o que...

...impulsiona os cristãos à missão de proclamar a todos os homens a alegria e a luz do Evangelho. Neste esforço, eles estarão também prontos para estabelecer um diálogo sincero e construtivo com os crentes de outras religiões, na confiança que Deus pode conduzir à salvação em Cristo ‘todos os homens de boa vontade, em cujos corações a graça opera ocultamente’. Ao dedicar-se com todas as suas forças à evangelização, a Igreja continua a invocar a vinda definitiva do Salvador, porque ‘na esperança fomos salvos’ (Rom 8,24). A salvação do homem será plena somente quando, depois de ter vencido o último inimigo, a morte (Cf. 1Cor 15,26),

⁴⁴⁴ Cf. PD 9-10.

⁴⁴⁵ Cf. RUBIO, Afonso G. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristã*. São Paulo: Paulus, 2001. p. 454.

⁴⁴⁶ Cf. PD 11.

⁴⁴⁷ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?*. p. 165.

⁴⁴⁸ Cf. PD 12.

participaremos plenamente da glória de Cristo ressuscitado, que leva à plenitude a nossa relação com Deus, com os irmãos e com toda a criação. A salvação integral, da alma e do corpo, é o destino final ao qual Deus chama todos os homens.⁴⁴⁹

O encontro com Jesus traz ao ser humano a realidade humana de Jesus Cristo e isso provoca a salvação consumada de Jesus na história temporal. E essa relação essencial da essência cristã que é rodeada de amor e intimidade pessoal com Jesus Cristo leva ao precipitar-se no abismo absoluto, infinito e incompreensível de todo ser. Mas isto não faz com que o ser humano se dilua no universal, e, sim, ao contrário, se faz singular e único, obtendo encontros (relação) únicos com Deus, encontros (relação) estes nos quais *“este Deus é o ‘seu’ Deus e não só uma salvação geral e igualmente validada para todos”*⁴⁵⁰.

A individualização na atualidade parece ser uma via de mão única, e também traz a sensação de destruir, quanto mais aumenta, todos os instrumentos que poderiam ser usados para implementar a cultura do encontro.⁴⁵¹ Porém, graças ao encontro com o amor de Cristo, e somente por ele que se converte em relação feliz, é que o ser humano é resgatado da sua consciência isolada e da autorreferencialidade.⁴⁵² Só se chega a ser plenamente humano vivendo verdadeiramente uma cultura do encontro, quando se torna mais que humano. Isto é, quando pelo encontro-relação com Cristo se deixa ser conduzido por Ele, a fim de ser Ele sendo em si o mais autêntico Eu.⁴⁵³

O amor de encontro inter-humano em Cristo transcende o encontro e atinge a essência cristã, inclusive porque o amor de uma pessoa humana é mediação do amor de Deus e possui unidade indissolúvel com Ele. Uma pessoa imersa na sociedade consumista, de mentalidade ‘superficialista’ e imediatista do mundo líquido moderno, muda sua forma de pensar e agir ao se encontrar autenticamente com Cristo.⁴⁵⁴ Entretanto, esta pessoa, mesmo que ela não tenha encontrado Jesus Cristo no testemunho histórico explícito e em sua transmissão, como nas ações litúrgicas, pode encontrá-lo naquele que é seu irmão e no amor para com ele, pois Jesus se faz presente em todos, principalmente nos mais pequeninos (Mt 25,40). Uma vida em comum, de encontros pode levar, sem se saber, a Cristo.⁴⁵⁵

⁴⁴⁹ PD 15.

⁴⁵⁰ RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. p. 363.

⁴⁵¹ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 69.

⁴⁵² Cf. EG 8.

⁴⁵³ RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. p. 364-364.

⁴⁵⁴ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 69.

⁴⁵⁵ Cf. RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. p. 364-364.

Daí, pode-se afirmar que o verdadeiro encontro com Cristo provoca uma cultura do encontro, mas esta nova vida tem que levar em conta que o ser humano é uma criatura no mundo. Portanto, o modelo social atual, que leva a uma forma de vida de descarte, tem que ser severamente rejeitado. O ser humano vive imerso no mundo criado para que ele o usufrua e o domine (Gn 1,28), mas não para que ele o destrua. Toda a criação, assim como o Jardim plantado no qual foi colocado o primeiro homem (Gn 2,8), é graça do Pai concedida a todo ser humano. Portanto, este mundo é pura relação (encontros) para o ser humano. Assim como em Deuteronômio 6,10-11 ele é fruto da munificência divina.⁴⁵⁶ Não pode ser usado e descartado.⁴⁵⁷

Uma cultura do encontro deve lutar contra o esquecimento da atuação de Deus no mundo, que leva o ser humano a não perceber na natureza e na história a transparência manifestadora do agir divino.⁴⁵⁸ Conhecer o amor de Deus nas coisas criadas faz com que se aprenda com esse amor e ame da mesma forma. É isso que traz a harmonia com o ambiente, o encontro, a qualidade de vida e a ajuda mútua.⁴⁵⁹ Caso contrário, continuar-se-á vivendo a cultura do mundo líquido, onde o que não é necessário, o que não produz deve ser descartado. E esta cultura do descarte não lembra o amor divino, não o reconhece no mundo. Descarta tudo, principalmente os pequeninos. E, quando se vive assim, “Jesus é deixado de lado”.⁴⁶⁰

Bauman fala o que é mais necessário para se enfrentar os desafios contemporâneos usando os conceitos de cultura do encontro. Ele faz isso em um artigo em que se refere ao Papa Francisco, chamando-o de ‘dom mais precioso’, ‘dom mais inestimável’, que a Igreja Católica Romana ofereceu ao mundo contemporâneo – longe de querer fazer um discurso papista aqui, pois, como já foi dito anteriormente, não é uma coisa nova inventada pelo Papa; a cultura do encontro é uma visão evangélica que a Igreja estuda e ensina, mas da qual Francisco tornou-se grande promotor, e aí, sim, reside o grande mérito dele – e enumera em alguns tópicos as prioridades a serem enfrentadas.⁴⁶¹

⁴⁵⁶ Cf. GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. p. 42.

⁴⁵⁷ Cf. LS 22.

⁴⁵⁸ Cf. RUBIO, Afonso G. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristã*. p. 34.

⁴⁵⁹ Cf. LS 150.

⁴⁶⁰ PAPA FRANCISCO. *Sagrato della Chiesa di San Pio da Pietrelcina*. San Giovanni Rotondo, 17 marzo 2018. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/it/homilies/2018/documents/papa-francesco_20180317_omelia-sangiovannirotondo.html >. Acesso em 19 de mar. 2018.

⁴⁶¹ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *O dom de Francisco*. La Repubblica, 08 março 2017. Tradução de Moisés Sbardelotto. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/565619-o-dom-de-francisco-artigo-de-zygmunt-bauman> >. Acesso em 19 de mar. 2018.

O ser humano de hoje, segundo Bauman, sente, imagina, suspeita o que precisa ser feito para superar os aspectos negativos deste tempo líquido. Estes tempos são atormentados por incertezas e deixa homens e mulheres à deriva, sem um propósito e sem confiança. Por isso é tão difícil conhecer a forma e o aspecto que o caminho para uma cultura do encontro deve ter. Uma coisa que o sociólogo deixa claro é que o aspecto, a forma, do que é que tem que ser feito vai tomar, é muito diferente de tudo aquilo a que o ser humano hoje está acostumando.⁴⁶²

Contudo, mesmo diante deste cenário tão incerto, o sociólogo polonês elege prioridades a serem enfrentadas contra a liquidez do mundo fluido moderno – que hoje é caracterizado por desordens, catástrofes e crises, um conjunto de problemas que requerem atenção e devem levar à ação – a partir das indicações feitas pelo Papa Francisco referentes à cultura do encontro. Prioridades como: o diálogo, lutar contra todo tipo de desigualdade profunda, inserir os problemas inerentes e ocultos da liquidez do mundo moderno nos currículos escolares para encontrar soluções a longo prazo.⁴⁶³

O diálogo não é aprendido de maneira suficiente no contexto atual, parece estar esquecido; sua importância foi ignorada; porém é fundamental aprendê-lo na medida certa para enfrentar o mundo moderno. O Papa Francisco já alertou que a questão do diálogo, juntamente com temas como inclusão social e da paz, é que vai “*determinar o futuro da humanidade*”⁴⁶⁴. Nos dias atuais faz-se necessário projetar uma “*cultura que privilegie o diálogo como forma de encontro*”⁴⁶⁵. E nesta cultura buscar consenso e acordo, “*mas “sem a separar da preocupação por uma sociedade justa, capaz de memória e sem exclusões*”⁴⁶⁶.

Bauman afirma que a visão do Papa Francisco conceitua o diálogo como: “*uma conversa que leva a considerar os pontos de vista, os valores e as prioridades diferentes das nossas; uma conversa que não visa a derrotar, humilhar ou ridicularizar um adversário*”⁴⁶⁷. A partir da concepção do bispo de Roma, o ser humano é considerado não como um bem de consumo destinado a ser usado e depois jogado fora, mas, sim, no que lhe é próprio em si

⁴⁶² Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. p. 7-23; BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 197.

⁴⁶³ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *O dom de Francisco*. La Republica, 08 março 2017. Tradução de Moisés Sbardelotto. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/565619-o-dom-de-francisco-artigo-de-zygmunt-bauman> >. Acesso em 19 de mar. 2018.

⁴⁶⁴ EG 185.

⁴⁶⁵ EG 239.

⁴⁶⁶ EG 239.

⁴⁶⁷ BAUMAN, Zygmunt. *O dom de Francisco*. La Republica, 08 março 2017. Tradução de Moisés Sbardelotto. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/565619-o-dom-de-francisco-artigo-de-zygmunt-bauman> >. Acesso em 19 de mar. 2018.

mesmo.⁴⁶⁸ Esta cultura do ‘descartável’, que é promovida no mundo atual, será vencida pelo diálogo guiado pela empatia e pela compreensão recíproca que elabora uma “*verdadeira sociedade comum no trabalho conjunto para tornar o mundo mais hospitaleiro para a bondade, a justiça, a misericórdia e o amor*”⁴⁶⁹.

Neste sentido, a Igreja tem muito a oferecer se autenticamente buscar em ramificações esta cultura do encontro. A paróquia, por sinal, em autêntico diálogo, em contato direto com as famílias, tem que se negar a ser uma estrutura complicada, separada das pessoas, e nem deve ficar olhando só para si mesma – no seu território deve jorrar vida, sendo presença de Cristo, deve promover o crescimento da vida cristã, o anúncio, o próprio diálogo, a adoração e a celebração e, principalmente, a caridade generosa. A paróquia, sendo uma comunidade de comunidades orientada completamente à missão, torna-se âmbito da vida, comunhão e participação.⁴⁷⁰

As pequenas comunidades são ambientes privilegiados de diálogo para o mundo moderno. Elas se convertem em sinal de vitalidade na Igreja Diocesana, contribuem para revitalizar as paróquias, fazendo delas uma comunidade de comunidades. Estas comunidades, que podem ser de grupos de rua a grupos reunidos em torno de questões comuns, permitem ao povo chegar a um conhecimento maior da Palavra de Deus, ao surgimento de novos serviços leigos, e, principalmente, ao diálogo e compromisso social em nome do Evangelho.⁴⁷¹

É importante ressaltar que o Povo de Deus se constrói como comunhão de Igrejas⁴⁷² e que não dá para ser membro do Corpo de Cristo querendo ser separado da videira (Jo 15,5). Por isso a comunhão entre estas pequenas comunidades e a paróquia é fundamental. A Eucaristia e a palavra de Deus devem ser este elo de ligação e o alimento que dá força para se lançar para fora no diálogo, promovendo fraternidade e solidariedade em favor do Reino de Deus.⁴⁷³

O Bispo, nesta questão do diálogo, possui papel privilegiado na promoção da cultura do encontro em “*sua missão de promover uma comunhão dinâmica, aberta e missionária*”⁴⁷⁴.

⁴⁶⁸ Cf. EG 53.

⁴⁶⁹ BAUMAN, Zygmunt. *O dom de Francisco*. La Republica, 08 março 2017. Tradução de Moisés Sbardelotto. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/565619-o-dom-de-francisco-artigo-de-zygmunt-bauman> >. Acesso em 19 de mar. 2018.

⁴⁷⁰ Cf. EG 28.

⁴⁷¹ Cf. DA 178-179.

⁴⁷² Cf. DA 182.

⁴⁷³ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. Documentos da CNB 100*. Brasília, DF: Edições CNBB, 2014. (Doc. CNBB 100) 203.

⁴⁷⁴ EG 31.

Ele, estimulando e amadurecendo os organismos de participação colocados pelo Código de Direito Canônico⁴⁷⁵ – sínodo diocesano, conselho presbiteral, colégio de consultores, cabido de cônegos, conselho pastoral, conselho econômico, sendo que estes dois últimos devem existir em cada paróquia também – e de outras formas de diálogo pastoral, ouve a todos e, mais que organização eclesial, essas ações participativas, justamente por escutar, fazem com que chegue a todos.⁴⁷⁶ Pois escutando é que se abre ao “*encontro que restitui a cada pessoa a sua dignidade de filho de Deus, a dignidade de um ser vivo*”⁴⁷⁷.

Outro ponto que o Papa Francisco ajuda a ser evidenciado, destacado por Bauman como caminho para se enfrentar a cultura líquida moderna, é a luta contra a desigualdade e a falta de respeito pelo ser humano. Nesta cultura moderna, muitas vezes, até a alegria de viver desfalece por causa da crescente falta de respeito associada à violência e à desigualdade social.⁴⁷⁸ Por isso, faz-se necessário “*lutar contra a desigualdade galopante e profunda, contra a pobreza e o sofrimento e a humilhação [...], junto com a rejeição ou a falta de respeito pela dignidade humana*”⁴⁷⁹.

As causas da desigualdade devem ser conhecidas para que sejam rejeitadas, pois um mundo que exclui, mata. Assim, como se diz não à morte no quinto mandamento, se deve dizer não a uma forma de vida que exclui e promove a desigualdade social.⁴⁸⁰ Hoje se fala muito em violência, mas até mesmo esta é fruto da exclusão e da desigualdade dentro da sociedade e entre os vários povos. No mundo moderno isto ocorre “*não apenas porque a desigualdade social provoca a reação violenta dos que são excluídos do sistema, mas porque o sistema social e econômico é injusto na sua raiz*”⁴⁸¹. A raiz e o cerne desta questão contra a qual se deve lutar é a “*avidez, cegueira moral, indiferença à dor dos outros seres humanos, acompanhada por autorreferencialidade de interesses, intenções e ações*”⁴⁸².

⁴⁷⁵ Cf. CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO (Codex Iuris Canonici), promulgado por João Paulo II. São Paulo: Loyola, 1994. Cân. 460-468; 492-502; 511-514; 536-537.

⁴⁷⁶ Cf. EG 31.

⁴⁷⁷ PAPA FRANCISCO. *Por uma cultura do encontro*. L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 37 de 15 de setembro de 2016.

⁴⁷⁸ Cf. EG 52.

⁴⁷⁹ BAUMAN, Zygmunt. *O dom de Francisco*. La Repubblica, 08 março 2017. Tradução de Moisés Sbardelotto. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/565619-o-dom-de-francisco-artigo-de-zygmunt-bauman> >. Acesso em 19 de mar. 2018.

⁴⁸⁰ Cf. EG 53.

⁴⁸¹ EG. 59

⁴⁸² BAUMAN, Zygmunt. *O dom de Francisco*. La Repubblica, 08 março 2017. Tradução de Moisés Sbardelotto. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/565619-o-dom-de-francisco-artigo-de-zygmunt-bauman> >. Acesso em 19 de mar. 2018.

O mundo líquido moderno possui mecanismos que promovem e exacerbam o consumo, porém o consumismo desenfreado, em uma parceria perfeita com a desigualdade social, que é a raiz dos males sociais, é duplamente perigoso para o tecido social.⁴⁸³ Para uma cultura do encontro e uma autêntica vida em Cristo, pelo encontro com ele e o seu corpo místico, é necessário solucionar de forma radical “*o problema dos pobres, renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira e atacando as causas estruturais da desigualdade social*”⁴⁸⁴, pois “*não se resolverão os problemas do mundo e, em definitivo, problema algum*”⁴⁸⁵, se isso não for realizado.

Ainda sobre a questão do encontro e presença de Cristo na realidade moderna, pela apresentação da cultura do encontro como caminho sólido de superação dos aspectos negativos de toda essa liquidez que afeta o ser humano hoje, faz-se necessário dissertar sobre a inserção de todos estes problemas nos currículos escolares. Para se alcançar uma cultura do encontro são necessárias mudanças profundas, principalmente na educação. Para isso “*é preciso ter presente que os modelos de pensamento influem realmente nos comportamentos*”⁴⁸⁶. E para que os esforços para a mudança não sejam estéreis e a educação ineficaz, é necessário que esta educação prime por um novo modelo que leve em conta o “*ser humano, a vida, a sociedade e a relação com a natureza*”⁴⁸⁷.

Esta questão sobre tratar os assuntos relacionados aos problemas modernos na matriz curricular das escolas de todos os níveis, do mais baixo ao mais alto, como superação dos desafios do mundo atual, foi sintetizada por Bauman ao falar que o Papa Francisco oferece ao mundo um propósito e à vida do ser humano o seu significado. Bauman diz que:

Francisco confiou à educação a tarefa de fazer renascer os critérios morais perdidos e restaurar vitalidade aos valores espirituais para levá-los de volta à magnificência e à eminência corroídas por um materialismo sem limites, por um consumismo desenfreado e por uma busca de lucro contínua e desonesta. Desse modo, ele nos convidou para nos prepararmos para uma luta longa e difícil; na educação, não há soluções rápidas, atalhos, resultados imediatos.⁴⁸⁸

⁴⁸³ Cf. EG 60.

⁴⁸⁴ EG 202.

⁴⁸⁵ EG 202.

⁴⁸⁶ LS 215.

⁴⁸⁷ LS 215.

⁴⁸⁸ BAUMAN, Zygmunt. *O dom de Francisco*. La Republica, 08 março 2017. Tradução de Moisés Sbardelotto. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/565619-o-dom-de-francisco-artigo-de-zygmunt-bauman> >. Acesso em 19 de mar. 2018.

Por estar imersa em uma sociedade da informação, neste mundo líquido moderno, que satura indiscriminadamente o ser humano de dados, todos postos ao mesmo nível, acaba por conduzir homens e mulheres a uma tremenda superficialidade no momento de enquadrar as questões morais. É urgente que a educação ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores.⁴⁸⁹

Bauman adverte sobre esta importância, muito sabiamente, citando um provérbio chinês: “*Se os seus projetos forem para um ano, semeie grão; se os seus projetos forem para dez anos, plante árvores; se os seus projetos forem para cem anos, eduque as pessoas*”⁴⁹⁰. Com isso se fecha esta primeira parte que tratou sobre encontro e presença na realidade líquida moderna, tendo a cultura do encontro como caminho de superação. Agora, no próximo item, mais especificamente, será dissertado sobre a questão do encontro e presença nas ações litúrgicas, tendo a visão do Concílio Vaticano II como superação para os desafios atuais.

3.2. Encontro e presença nas ações litúrgicas: perspectivas do Vaticano II

Poder-se-ia pensar, que para finalizar esta dissertação sobre o encontro com Cristo nas ações litúrgicas no contexto da modernidade líquida, uma grande ideia inovadora poderia ser lançada e percorrida. Pois bem, sem frustrar nenhuma expectativa, é precisamente isso que, aqui, se propõe agora. Porém esta grande proposta ‘inovadora’, e, por que não dizer, divisora de águas, não é senão outra que a plena realização da reforma litúrgica elaborada pelo Concílio Vaticano II – que, por sinal, é irreversível.⁴⁹¹

A grandiosa ideia inovadora é antes uma provocação e não é tão nova assim. A reforma litúrgica do Vaticano II que a introduziu na discussão foi fruto de uma profunda observação e atualização da Igreja. Seus alicerces não são invenção dos tempos atuais, mas fruto do estudo das fontes.⁴⁹² Querer o Vaticano II como caminho de superação aos desafios que hoje se encontram na questão do encontro e presença de Cristo nas ações litúrgicas no

⁴⁸⁹ Cf. EG 64.

⁴⁹⁰ BAUMAN, Zygmunt. *O dom de Francisco*. La Repubblica, 08 março 2017. Tradução de Moisés Sbardelotto. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/565619-o-dom-de-francisco-artigo-de-zygmunt-bauman> >. Acesso em 19 de mar. 2018.

⁴⁹¹ Cf. PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes da 68ª semana litúrgica nacional*. Sala Paulo VI, Roma. 24 ago. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

⁴⁹² NEUNHEUSER, B. Movimento Litúrgico. in: SARTORE, D. *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992. p. 787.

contexto de modernidade líquida é, como colocado tão claramente e solidamente pelo Papa Francisco, trabalhar...

[...] redescobrimo os motivos das decisões tomadas com a reforma litúrgica, superando leituras infundadas e superficiais, resseções parciais e práticas que a desfiguram. Não se trata de reconsiderar a reforma revendo as suas escolhas, mas de conhecer melhor as razões subjacentes, inclusive através da documentação histórica, assim como de interiorizar os seus princípios inspiradores e de observar a disciplina que a regula. Depois deste magistério e, após este longo caminho podemos afirmar com certeza e com autoridade magistral que a reforma litúrgica é irreversível.⁴⁹³

Na verdade, a evolução litúrgica está em constante diálogo com as mudanças culturais das comunidades. E, por assim dizer, também os ritos estão em constante renovação, sendo que a Igreja sempre se renova. Apenas se existir esta concepção será possível traçar caminhos de superação nas ações litúrgicas, para todos os desafios que o mundo moderno traz, promovendo um autêntico processo de encontro entre Cristo e o ser humano.⁴⁹⁴

O tempo atual requer de cada homem e mulher que se atualize, e com a liturgia não acontece diferente. É necessário que se tenha a capacidade de ler e escutar os sinais dos tempos.⁴⁹⁵ E que todos os esforços de superação se coadunem às situações do tempo atual e se adaptem às necessidades de todo o Corpo de Cristo, a Igreja. Neste sentido, o Vaticano II é concludente em mostrar os caminhos. Nele estão contidas as mudanças de perspectivas fundamentais dentro da vida litúrgica da Igreja, que abarca sua espiritualidade, sua estrutura, seu repertório litúrgico e sua eclesiologia.⁴⁹⁶

Todo consumismo e imediatez da cultura líquida moderna, associados à falta de engajamento, superficialidade, e fragilidade nos vínculos que são carregados pela pessoa que vai ao encontro com Cristo nas ações litúrgicas, podem desaparecer, serem superados, se o autêntico encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo acontecer.⁴⁹⁷ Por isso, toda a preocupação do Vaticano II em preparar e renovar a Igreja, integrando-a no mundo contemporâneo, faz com que a liturgia continue a ser *lumen gentium*, e dá a cada ser humano,

⁴⁹³ PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes da 68ª semana litúrgica nacional*. Sala Paulo VI, Roma. 24 ago. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

⁴⁹⁴ BOGAZ, A. S; HANSEN, J. H. Liturgia/Culto. in. PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 558.

⁴⁹⁵ PAULO VI. *Carta encíclica Ecclesiam suam*. AAS 56. (ES) 19; EG 14.

⁴⁹⁶ BOGAZ, A. S; HANSEN, J. H. Liturgia/Culto. in. PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 552.

⁴⁹⁷ Cf. DA 11.

renovado pelo encontro, o espírito de viver e anunciar o evangelho com a própria vida, com as próprias ações, em uma eterna alegria.⁴⁹⁸

O Concílio, como já foi dito, cume de todo um processo (movimento litúrgico), apresenta soluções substanciais à liturgia, e não superficiais como o mundo líquido atual. Porém, mesmo que estas soluções não sejam imediatas, é necessário que se as coloquem em prática. Transcorridas décadas desde a reforma litúrgica do Vaticano II, vê-se, ainda, que no que tange a liturgia há muito por fazer. Entretanto, esta empreitada é o caminho seguro que leva à superação de um mundo líquido moderno.⁴⁹⁹

A *Sacrossanctum Concilium* ainda está em processo de maturação da sua implantação, e responde às necessidades reais e à esperança concreta de um autêntico diálogo com o mundo líquido moderno. Pelos caminhos trazidos por ela sobre a sagrada liturgia é possível alcançar uma Igreja viva em todas as dimensões, especialmente pelos mistérios celebrados. O que ela mostra é que a vida tem sentido em Cristo, e faz isto indo contra toda essa fragilidade dos encontros na cultura moderna. A Igreja, de uma maneira renovada e com muita vitalidade, tem o cuidado de não querer entrar no encontro de fé como meros estranhos ou meros indivíduos apenas conectados. E o encontro com Ele nesta liturgia, que é uma ação sagrada, consciente, ativa e piedosa, vivida numa boa compreensão dos ritos e orações, o que é verdadeiro e vai de encontro com a superficialidade do ir as compras nas novas catedrais destinadas ao consumo – os shoppings center.⁵⁰⁰

Portanto, é necessário superar antigas concepções sobre as ações litúrgicas e viver os novos caminhos trazidos por ela, que possibilitam a renovação da vida celebrativa eclesial e dinamizam seus ritos, fazendo com que ela seja um autêntico caminho de encontro com Cristo. O encontro com Cristo acontece nas ações litúrgicas, então o povo, que é lugar sagrado onde se dá esta ação, presta culto ao Pai, no Espírito Santo. E esta mesma Igreja que faz o encontro deve viver e propiciar condições para que a nova forma de encontrar trazida

⁴⁹⁸ Cf. BOGAZ, A. S; HANSEN, J. H. Liturgia/Culto. in. PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 552; EG 1.

⁴⁹⁹ Cf. PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes da 68ª semana litúrgica nacional*. Sala Paulo VI, Roma. 24 ago. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

⁵⁰⁰ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 125-132; PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes da 68ª semana litúrgica nacional*. Sala Paulo VI, Roma. 24 ago. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

pela SC aconteça – cada ser humano que realiza seu encontro nas ações litúrgicas, também deve se tornar um discípulo e defensor desta forma de realizar e viver o encontro.⁵⁰¹

Talvez seja fácil entender que a essência das ações litúrgicas está na ação sacerdotal de Jesus Cristo, como Filho de Deus e ser humano encarnado, para glorificação do Pai e que não se pode deixar de lado esta perspectiva na assembleia reunida.⁵⁰² O difícil é mudar a mentalidade, porque a reforma litúrgica trazida pela SC, que supera os desafios do mundo líquido moderno, não é uma cirurgia plástica para tirar as rugas, mas, sim, as manchas. E, se não acontecer, como já vem acontecendo, uma conversão ‘nas’ pessoas, a liturgia nunca irá alcançar de fato uma conversão espiritual, humana e sacerdotal por meio dos encontros que nela acontecem.⁵⁰³

Mesmo que não estivesse falando de liturgia, o Papa Francisco clareia a questão supracitada afirmando que, para que haja a mudança de mentalidade na época em que vivemos *“não basta uma formação permanente, é preciso também e sobretudo uma conversão e uma purificação permanente. Sem uma mudança de mentalidade, o esforço funcional não teria qualquer utilidade”*⁵⁰⁴. Não basta reformar os livros litúrgicos para renovar a mentalidade, pois os livros reformados pelo Vaticano II requerem um processo de recepção, obediência, atuação celebrativa, tanto por parte dos ministros ordenados como por parte dos outros ministros – enfim, por todos que participam das ações litúrgicas.⁵⁰⁵

A SC afirma que a *“liturgia é o cume para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de que promana sua força”*⁵⁰⁶, por isso os fiéis devem chegar à plena, consciente e ativa participação nas ações litúrgicas.⁵⁰⁷ E, para isso acontecer, faz-se necessário superar os desafios hoje existentes para a educação litúrgica tanto de Padres e Bispos, quanto dos fiéis. Paulo VI, recordado e reafirmado por Francisco, diz: *“Chegou o momento, agora,*

⁵⁰¹ Cf. BOGAZ, A. S; HANSEN, J. H. Liturgia/Culto. in. PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 552.

⁵⁰² Cf. BOGAZ, A. S; HANSEN, J. H. Liturgia/Culto. in. PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 553.

⁵⁰³ Cf. PAPA FRANCISCO. *Discurso a Cúria Romana de votos natalícios, 22 dez. 2016*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/december/documents/papa-francesco_20161222_curia-romana.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

⁵⁰⁴ PAPA FRANCISCO. *Discurso a Cúria Romana de votos natalícios, 22 dez. 2016*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/december/documents/papa-francesco_20161222_curia-romana.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

⁵⁰⁵ Cf. PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes da 68ª semana litúrgica nacional*. Sala Paulo VI, Roma. 24 ago. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

⁵⁰⁶ SC 10.

⁵⁰⁷ Cf. BOGAZ, A. S; HANSEN, J. H. Liturgia/Culto. in. PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 553.

*de abandonar definitivamente os fermentos desagregadores, igualmente perniciosos num sentido e noutro, e de aplicar integralmente nos seus justos critérios inspiradores, a reforma por Nós aprovada e ampliada aos votos do Concílio”*⁵⁰⁸

Percebe-se pela recordação feita por Francisco das palavras de Paulo VI, que a mudança de mentalidade nas ações litúrgicas, para que estas estejam de acordo com o contexto em que o ser humano está inserido e corresponda a ele, é algo que deve atingir todo o Corpo de Cristo. Esta tarefa de promover e conservar a liturgia está confiada não só à Sé Apostólica, mas também a todos os bispos diocesanos (que devem viver a fundo o sentido de colegialidade), nos quais estão concernidos os organismos nacionais e também diocesanos de pastoral litúrgica. E, como parte integrante deste grupo, estão, ainda, os institutos de formação e os Seminários.⁵⁰⁹ Realizar uma ação litúrgica, pode-se assim dizer, “*é uma ação que implica frequentar coletivamente o mesmo espaço com o objetivo de viver um mesmo ideal*”⁵¹⁰, e para isso tem-se que interiorizar os princípios que a regulam.

A ação litúrgica abre espaço à vida, pois, quando realizada como lugar de liberdade, de antecipação do futuro, ela abre espaço à igualdade e se torna festa verdadeira.⁵¹¹ Realizar uma ação litúrgica é festejar a presença de Deus na história do ser humano, tanto em momentos alegres quanto nos de sofrimentos, lutas e tristezas.⁵¹² Por isso a liturgia é viva, por causa da presença viva do verdadeiro cordeiro, Jesus Cristo, que, morrendo, destruiu a morte e, ressuscitando, restituiu a vida a todos os homens e mulheres.⁵¹³

Aqui reside o cerne de toda a pesquisa desta dissertação. E o Papa Francisco, com sua linguagem simples, porém tão profunda, descreve muito bem, “*Assim como sem pulsações cardíacas não há vida humana, do mesmo modo sem o coração pulsante de Cristo não existe qualquer ação litúrgica*”⁵¹⁴. As ações litúrgicas atualizam a salvação do ser humano; nelas a

⁵⁰⁸ Cf. PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes da 68ª semana litúrgica nacional*. Sala Paulo VI, Roma. 24 ago. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

⁵⁰⁹ Cf. PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes da 68ª semana litúrgica nacional*. Sala Paulo VI, Roma. 24 ago. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

⁵¹⁰ Cf. BOGAZ, A. S; HANSEN, J. H. Liturgia/Culto. in. PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 555.

⁵¹¹ Cf. TABORDA, Francisco. *Sacramentos, práxis e festa*. p. 87.

⁵¹² Cf. BOGAZ, A. S; HANSEN, J. H. Liturgia/Culto. in. PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 556.

⁵¹³ Cf. MR. Prefácio da Páscoa I. p. 421.

⁵¹⁴ PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes da 68ª semana litúrgica nacional*. Sala Paulo VI, Roma. 24 ago. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

vida divina é comunicada aos que estão ali e realizam o encontro, e isto não é um mero recordar, mas o próprio Deus se torna presente na vida da comunidade por tal encontro.⁵¹⁵ Por isso, sem o encontro com “*a presença real do mistério de Cristo, não há qualquer vitalidade litúrgica*”⁵¹⁶.

Pelo Concílio Vaticano II assimila-se que no encontro que acontece nas ações litúrgicas vive-se um processo de transformação do coração e a antecipação da plenitude da vida em Deus já no hoje da história. Por isso o encontro com Cristo nas ações litúrgicas, a partir das visões teológicas, pastorais e eclesiológicas do Vaticano II, é caminho de superação dos aspectos negativos do mundo líquido moderno, pois a ação litúrgica é a manifestação da comunidade dos fiéis em suas relações concretas com a vida social, política e econômica, atualizando a salvação que Deus realizou em seu Filho Jesus Cristo.⁵¹⁷

Celebrar de forma ativa e consciente é o proposto pelo Vaticano II.⁵¹⁸ Indo à raiz desta afirmação, só aí já se superam muitos desafios da própria liturgia hoje. No entanto, ao fazer o encontro nas ações litúrgicas, a Igreja vai além, porque o encontro atualiza os acontecimentos salvíficos da vida de Cristo⁵¹⁹ – nascimento, paixão, morte e ressurreição – e conduz as pessoas a uma transformação de suas vidas, elevando sua dignidade humana até a dignidade divina – esta é a graça do encontro vivido nas ações litúrgicas.⁵²⁰

Assim, a ação litúrgica concretiza o encontro que traz a salvação de forma singular e irrepetível no presente da pessoa que a realiza; um encontro pessoal com Jesus Cristo em amor íntimo e pessoal que é parte essencial da existência humana. Salvação consumada e plena como tal e não só em sua história temporal.⁵²¹ Em cada ação litúrgica dá-se a epifania de Deus na história do ser humano e se vive antecipadamente a vida celestial.⁵²² Esta vida nova que brota deste encontro, glorifica a Deus como toda a Igreja celeste e se intensifica na vida terena em uma busca de encontros, pautados por fraternidade e solidariedade – onde se

⁵¹⁵ Cf. BOGAZ, A. S; HANSEN, J. H. Liturgia/Culto. in. PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 556.

⁵¹⁶ PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes da 68ª semana litúrgica nacional*. Sala Paulo VI, Roma. 24 ago. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

⁵¹⁷ Cf. BOGAZ, A. S; HANSEN, J. H. Liturgia/Culto. in. PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 557.

⁵¹⁸ Cf. SC 11.

⁵¹⁹ Cf. SC 8.

⁵²⁰ Cf. BOGAZ, A. S; HANSEN, J. H. Liturgia/Culto. in. PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 557.

⁵²¹ Cf. RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. p. 363.

⁵²² Cf. SC 8.

vê o outro como “meu próximo” (Lc 10,37) – transformando a realidade, transformando a vida⁵²³.

A ação litúrgica envolve a pessoa e as relações com os irmãos envolvidos nela. Mas é Jesus Cristo a pedra angular de toda ação litúrgica, Ele que é a redenção de todos os seres humanos e glorificação perfeita de Deus, que restaura a vida de todos os homens e mulheres.⁵²⁴ Resgatando a *Sacrosanctum Concilium* 7 o Papa Francisco diz a esse respeito:

O que define a liturgia é a concretização, nos santos sinais, do sacerdócio de Jesus Cristo, ou seja, a oferta da sua vida até estender os braços na cruz, sacerdócio tornado presente de maneira constante através dos ritos e das orações, maximamente no seu Corpo e Sangue, mas também na pessoa do sacerdote, na proclamação da Palavra de Deus, na assembleia congregada em oração em seu nome.⁵²⁵

Outro ponto interessante trazido por Francisco, que merece aqui ser citado é a questão do altar. O Papa fala dele porque ele se encontra entre os sinais visíveis do Mistério invisível de Cristo. Cabe aqui dizer, talvez mais uma como especulação, que ao tratar desta questão do Mistério invisível, Bergoglio presentifica a questão que é ao “redor” do altar que os fiéis se reúnem e é “do” altar que são distribuídos o pão da vida e o cálice da salvação. Nas próprias palavras de Francisco...

O altar, centro para o qual nas nossas igrejas converge a atenção, é dedicado, ungido com o crisma, incensado, beijado, venerado: para o altar se orienta o olhar dos orantes, sacerdotes e fiéis, convocados para a santa assembleia em volta do mesmo; em cima do altar é colocada a oferta da Igreja que o Espírito consagra como sacramento do sacrifício de Cristo; do altar nos são distribuídos o pão da vida e o cálice da salvação ‘para que, em Cristo, nos tornemos um só corpo e um só espírito’ (Oração eucarística III).⁵²⁶

A partir do Vaticano II a liturgia ressalta a importância da participação ativa dos fiéis. A *Sacrosanctum Concilium* diz que as “ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, sacramento da unidade”⁵²⁷. Elas são ações de encontro que provocam vida para toda a Igreja. Elas são “ações de todo o corpo da Igreja, que lhe dizem respeito e o

⁵²³ Cf. EG 138.

⁵²⁴ Cf. SC 5.

⁵²⁵ PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes da 68ª semana litúrgica nacional*. Sala Paulo VI, Roma. 24 ago. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

⁵²⁶ PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes da 68ª semana litúrgica nacional*. Sala Paulo VI, Roma. 24 ago. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

⁵²⁷ SC 26.

manifestam, interessando a cada um dos membros de maneira diversa, segundo a variedade das ordens, das funções e da participação efetiva”⁵²⁸.

O supracitado é um bem próprio da celebração cristã que se recuperou com a renovação conciliar. Entra aqui, desta forma, a preferência pela celebração comunitária. Todas as vezes que uma ação litúrgica, por natureza, abranger uma ação comum, que leve à presença efetiva dos fiéis, ela deve ser incentivada, estimulada.⁵²⁹ Isso se dá porque a ação litúrgica é um encontro comunitário de toda a Igreja; Cristo, que é a cabeça, e o seu corpo, que são os ministros e os cristãos leigos e leigas. Por isso é evidente que o encontro tem caráter comunitário, pois realizar uma ação litúrgica exige que o povo de Deus esteja reunido em assembleia.⁵³⁰

Na ação litúrgica não há uma concentração de poder que leva a comunhão, mas o encontro-comunhão origina-se do serviço ministerial à fé dos irmãos e à vida da comunidade. Por isso as funções ministeriais são exercidas como serviço e exercem o seu ofício para a boa realização do encontro. Quanto maior for o serviço dos ministérios e sua flexibilidade, mais as ações litúrgicas ficam envolventes e participadas, propiciando encontros mais evidentes de teor comunitário e menos piramidal.⁵³¹

Um grande item, de extrema importância, introduzido na liturgia pelo Vaticano II, foi a questão da simplicidade. Este ponto responde diretamente aos desafios do homem moderno. Não só por ajudá-lo a enfrentar a cultura líquida atual, mas porque o ajuda, principalmente, a realizar o encontro. O homem moderno está acostumado com a leveza, com a praticidade, e, tendo uma vida que flui imersa nesta realidade, ele se torna estranho a uma forma de realizar o encontro que seja pesada, carregada, engessada, cheia de elementos incompreensíveis num primeiro momento.⁵³² Uma ação litúrgica simples faz com que, de forma muito mais natural, o encontro aconteça para o homem moderno.⁵³³

Uma superação que se deve dar na liturgia, para que as ações litúrgicas sejam verdadeiros encontros, é a execução mecânica dos ritos, isto não serve de nada nem à espiritualidade e nem à mística do encontro. O Vaticano II é categórico ao afirmar esse

⁵²⁸ SC 26.

⁵²⁹ SC 27

⁵³⁰ Cf. BOGAZ, A. S; HANSEN, J. H. Liturgia/Culto. in. PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 557.

⁵³¹ Cf. BOGAZ, A. S; HANSEN, J. H. Liturgia/Culto. in. PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 557.

⁵³² Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 7-27.

⁵³³ Cf. BOGAZ, A. S; HANSEN, J. H. Liturgia/Culto. in. PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 558.

caminho de superação dizendo que “*o rito deve se caracterizar por uma nobre simplicidade, ser claro e breve, evitar as repetições, estar ao alcance dos fiéis e não necessitar de muitas explicações*”⁵³⁴.

A liturgia é viva porque, por acompanhar a dinâmica evolutiva de todo ser humano, ela é, em si mesma, um encontro com a cultura, com os homens de todos os tempos e lugares. Exatamente por isso a nobre simplicidade nas ações litúrgicas é o fruto desta constante renovação, do que lhe é próprio, que se adapta ao ser do homem imerso nesta tão nomenclada realidade líquida moderna. A própria *Sacrosanctum Concilium* traz inúmeros parágrafos, precisamente, colocando proposições com o objetivo de dar correta aplicação e integração a adaptação da liturgia à vida dos povos modernos, à sua cultura.⁵³⁵

A ação litúrgica é vida para todos os povos da Igreja. A liturgia, na sua nobre simplicidade e por sua índole popular e não clerical, como a própria etimologia da palavra diz⁵³⁶, é uma ação de encontro, ‘para’ o povo, mas também ‘do’ povo. Fazendo uso das próprias palavras do Papa Francisco... “*como recordam tantas orações litúrgicas, é a ação que o próprio Deus cumpre a favor do seu povo, mas também a ação do povo que ouve Deus que fala e reage louvando-o, invocando-o, acolhendo a fonte inexaurível de vida e de misericórdia que flui dos santos sinais*”⁵³⁷.

A liturgia congrega os fiéis na busca da louvação comum, mas, ao mesmo tempo, pelo encontro realizado nela, produz a transformação da vida e do mundo. Por isso é que as ações litúrgicas congregam as pessoas que estão abertas a fazer o encontro com Cristo nas suas formas de presença⁵³⁸, e em hipótese alguma rejeita alguém. Nela se dá o encontro com aquele que veio dar a vida e a dar em abundância (Jo 10,10) a todas as pessoas. Assim, ela convoca tanto os pequenos como os grandes, tanto os ricos como os pobres, tanto idosos como crianças, tanto os que estão sadios como os que estão doentes, e, tanto os justos como os pecadores – afinal, o próprio Senhor diz “*eu não vim para os justos, mas para os pecadores*” (Mt 9,12).⁵³⁹

⁵³⁴ SC 34.

⁵³⁵ Cf. 37-40.

⁵³⁶ Cf. BERGER, Rupert. *Dicionário de Liturgia Pastoral*. São Paulo: Loyola, 2010. p. 217.

⁵³⁷ PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes da 68ª semana litúrgica nacional*. Sala Paulo VI, Roma. 24 ago. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

⁵³⁸ Cf. SC 7.

⁵³⁹ Cf. PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes da 68ª semana litúrgica nacional*. Sala Paulo VI, Roma. 24 ago. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

Todos podem participar de alguma forma das ações litúrgicas na vida da Igreja, formando o Corpo de Cristo ao realizar o encontro. As ações litúrgicas, principalmente os sacramentos realizados nelas, não devem fechar as portas, por motivo qualquer, para a participação plena neles das pessoas.⁵⁴⁰ Sendo imagem da ‘multidão imensa’ que celebra a liturgia no céu (Ap 7,9), a assembleia nas ações litúrgicas sobrepuja, no encontro com Cristo, os limites de cor, língua, raça, idade e cultura.⁵⁴¹

As ações litúrgicas provocam o encontro de fé e manifestam a presença salvadora de Cristo para o ser humano;⁵⁴² esta salvação acontece por meio do encontro nas ações litúrgicas – salvação que é oferecida a todos. É o alcance “popular” da liturgia que traz presente que as ações litúrgicas são inclusivas e não exclusivas, e, como bem lembra Bergoglio, ela é “*promotora de comunhão com todos sem todavia homologar, pois chama a cada um, com a sua vocação e originalidade, a contribuir para edificar o corpo de Cristo*”⁵⁴³. E, continuando, ainda diz “*não devemos nos esquecer de que é antes de tudo a liturgia que expressa a pietas de todo o povo de Deus, prolongada depois por piedosos exercícios e devoções que conhecemos com o nome de piedade popular, que devemos valorizar em harmonia com a liturgia*”⁵⁴⁴.

A ação litúrgica é um encontro verdadeiro e frutuoso quando existe abertura, envolvimento interior, reciprocidade⁵⁴⁵, partilha comunitária e compromisso concreto com a transformação do mundo (social),⁵⁴⁶ deixando de lado uma cultura do descarte (excluídos),⁵⁴⁷ e vivendo cada vez mais uma cultura do acolhimento.⁵⁴⁸ Por isso a liturgia não é uma ideia a ser compreendida – ela leva a fazer uma experiência iniciática. Ela leva a transformar o modo

⁵⁴⁰ Cf. EG 47.

⁵⁴¹ Cf. PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes da 68ª semana litúrgica nacional*. Sala Paulo VI, Roma. 24 ago. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

⁵⁴² Cf. BOGAZ, A. S; HANSEN, J. H. Liturgia/Culto. in. PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 559.

⁵⁴³ PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes da 68ª semana litúrgica nacional*. Sala Paulo VI, Roma. 24 ago. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

⁵⁴⁴ PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes da 68ª semana litúrgica nacional*. Sala Paulo VI, Roma. 24 ago. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

⁵⁴⁵ Reciprocidade no sentido apresentado em BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 60.

⁵⁴⁶ Cf. BOGAZ, A. S; HANSEN, J. H. Liturgia/Culto. in. PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 559.

⁵⁴⁷ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Babel: entre a incerteza e a esperança*. p. 50.

⁵⁴⁸ Cf. PAPA FRANCISCO. *Discurso ala delegazione di Comuni del Trentino*. Sala Clementina, Roma. 24 de mar. 2018. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2018/march/documents/papa-francesco_20180324_comuni-trentino.html >. Acesso em 24 de mar. 2018.

de pensar e de agir do ser humano e não a enriquecer a própria bagagem de ideias acerca de Deus.⁵⁴⁹

Os caminhos de superação dados pelo Vaticano II nas ações litúrgicas requerem que tais ações sejam celebradas com simplicidade e profundidade.⁵⁵⁰ Porém, realizar a ação litúrgica de uma forma sólida é muito mais que a compreendê-la totalmente e efetivamente realizá-la tendo precisão total com o objetivo de alcançar a validade – com certeza, celebrar bem, não é isso.⁵⁵¹

Uma ação litúrgica fecunda, que supera os desafios hoje enfrentados pela própria liturgia e dá aos homens e mulheres deste tempo líquido moderno um verdadeiro encontro com Cristo que transforma a vida de consumo – descarte – em vida plena de comunhão e encontros, é aquela que em si envolve toda a existência de seus participantes e os leva a atitudes de vida pelo encontro, atitudes transformadoras. A ação litúrgica tem que corroborar o vínculo essencial que une a vida do discípulo de Jesus e ela própria. Bergoglio diz: a ação litúrgica “*não é antes de tudo uma doutrina a compreender ou um rito a realizar; naturalmente é também isso mas de outra maneira, é essencialmente diverso: é uma nascente de vida e de luz para o nosso caminho de fé*”⁵⁵²

Para que o vivificante e transformador encontro aconteça é necessário que se ‘viva’ a liturgia – a ação litúrgica. É preciso, movido pelo evento fundante, viver cotidianamente, tal evento. A comunidade inteira que celebra, renova-se a si mesma e é renovada por Jesus Cristo, de modo que sendo transfigurada – desce a montanha e enfrenta até mesmo a cruz (Mc 9,1-32) – coloca-se em ação. É por isso que a Igreja oferece o caminho de superação dos aspectos negativos da modernidade líquida. Nos encontros que acontecem nas ações litúrgicas, o múnus santificador e cultural de Cristo acontece, justamente por sua presença

⁵⁴⁹ Cf. PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes da 68ª semana litúrgica nacional*. Sala Paulo VI, Roma. 24 ago. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

⁵⁵⁰ Cf. SC 11.

⁵⁵¹ Cf. BOGAZ, A. S; HANSEN, J. H. Liturgia/Culto. in. PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 559.

⁵⁵² Cf. PAPA FRANCISCO. *Homilia na Missa do III Domingo da quaresma*. Paróquia de Todos os Santos, Roma, 7 de mar. de 2015. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150307_omelia-parrocchia-ognissanti.html >. Acesso em 27 de mar. de 2018; Cf. PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes da 68ª semana litúrgica nacional*. Sala Paulo VI, Roma. 24 ago. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

nestes, e, por se realizar numa ação materializada, num tempo e lugar concreto, este encontro transforma a história.⁵⁵³

Nas ações litúrgicas se experimenta o máximo de todos os encontros, a comunhão, a qual não é representada por um pensamento desencarnado da realidade, mas por uma ação, um encontro, que tem como agentes Deus e os seres humanos, Cristo e o seu povo. É importante observar que refletir espiritualmente tem seu valor, mas não é encontro. Os caminhos do Vaticano II destacados pelo Papa Francisco vão mostrar que *“as reflexões espirituais são algo diferente da liturgia, a qual ‘é precisamente entrar no mistério de Deus; deixar-se levar ao mistério e estar no mistério’.* Há uma grande diferença entre dizer que *Deus existe e sentir que Deus nos ama, tal como somos, agora e aqui”*.⁵⁵⁴

O encontro com Cristo nas ações litúrgicas nas suas variadas formas de presença,⁵⁵⁵ na perspectiva do Concílio Vaticano II, implica, alguns itens, que, quando não vividos de forma superficial ou deficiente, proporcionam uma verdadeira superação dos desafios da realidade líquida moderna. Estes itens são: o acontecimento fundamental na história de Cristo, a assembleia que vive esta ação (Ritual) concretamente, e uma ação ritual que possui o seu repertório litúrgico específico, mas que carrega os laços fraternos que congregam os fiéis em comunidade.⁵⁵⁶

Nas ações litúrgicas, pelo encontro com Cristo e Sua mediação, chega-se à unidade, à comunhão com Deus e com os irmãos, fazendo com que o próprio Deus venha a ser tudo em todos.⁵⁵⁷ Passando, a viver a oração e o trabalho,⁵⁵⁸ transformando a cultura e todo o mundo em que se está inserido. As ações litúrgicas em seus ritos e orações, *“por aquilo que são e não pelas explicações de dele damos, tornam-se”* afirma Bergoglio, *“uma escola de vida cristã, aberta a quantos têm ouvidos, olhos e coração abertos para aprender”*. E este aprendizado é o de ser discípulo... discípulo que segue o mestre – que vive sua missão – e por

⁵⁵³ Cf. BOGAZ, A. S; HANSEN, J. H. Liturgia/Culto. in. PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 559.

⁵⁵⁴ PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes da 68ª semana litúrgica nacional*. Sala Paulo VI, Roma. 24 ago. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

⁵⁵⁵ Cf. SC 7.

⁵⁵⁶ Cf. BOGAZ, A. S; HANSEN, J. H. Liturgia/Culto. in. PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 559.

⁵⁵⁷ Cf. 1Cor 15,28.

⁵⁵⁸ Cf. VIANNA, José H. L. Entre a Oração e o Trabalho: o estudo de Psicologia no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro entre 1930 e 1950. in. *X Seminário de Psicologia e Senso Religioso*. PUC-PR, Curitiba, 2015. Resumo.

encontrá-Lo e com Ele realizar comunhão, se conforma a Ele, vivendo em tudo o que Ele vive e ensina por Seu amor.⁵⁵⁹

Dando os últimos passos, no caminho de mostrar a superação dos desafios atuais, que não encerram a jornada, mas que só são um ponto de parada para em seguida lançar-se cada vez mais a trilhar este caminho, nesta mesma direção, isto é, findar esta dissertação não com o objetivo de terminar o assunto (extinguir o dissertado – o objeto formal), mas, sobretudo, considerar a possibilidade de novos diálogos e encontros, poder-se-ia tocar no aspecto misterioso da ação litúrgica de forma mais explícita.⁵⁶⁰

Pode acontecer, por um lado, que quando se ressalta a dimensão humana e comunitária das ações litúrgicas, por outro se minimize a mística de seu ministério. É possível falar em liturgia cristã, diferenciando-a de muitas outras formas de liturgias religiosas e contrária à liturgia profana, se for levada em conta a presença de Deus na história da humanidade e na existência de cada homem e mulher. Sendo assim, sem intenção alguma de cair numa visão mágica e milagreira, entende-se que nas ações litúrgicas (da Igreja) é atingida a maior plenitude quando o encontro entre o Tu-eterno, Deus, e o Eu, homem,⁵⁶¹ é tomado “*pela confiança humana na providência e prova-se pela auto-ofereção, como resposta à entrega divina à sua criação, na pessoa de Cristo, na cruz e ressurreição*”⁵⁶².

O encontro com Cristo nas ações litúrgicas como caminho de superação dos desafios da modernidade líquida requer ver que a dimensão ritual e misteriosa da liturgia seja completada pela dimensão socioexistencial. Uma coisa tem que ficar bem clara, não existe uma ação litúrgica que atinja a plenitude do encontro com Cristo sem carregar em si, em seu rito, a existência histórica, concreta, dos fiéis (Eu)⁵⁶³ e a compreensão dos fatores sociológicos em que se está inserido. A vida litúrgica carrega em si a vida do povo – onde se está inserido.⁵⁶⁴

A partir do supracitado, vê-se que sem a dimensão sociológica incorre o risco de alienação e espiritualismo. O encontro acabaria por não transformar a vida dos homens e

⁵⁵⁹ Cf. PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes da 68ª semana litúrgica nacional*. Sala Paulo VI, Roma. 24 ago. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

⁵⁶⁰ Cf. SC 2.

⁵⁶¹ Cf. BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 121.

⁵⁶² Cf. BOGAZ, A. S; HANSEN, J. H. Liturgia/Culto. in. PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 559.

⁵⁶³ Cf. BUBER, Martin. *Eu e Tu*. p. 111-125.

⁵⁶⁴ Cf. BOGAZ, A. S; HANSEN, J. H. Liturgia/Culto. in. PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 559.

mulheres, mas fazer de Deus um amuleto da própria ação, ou, pior ainda, um ‘quebra galho’ ou ‘curandeiro’. Quando o encontro com Cristo carrega o contexto sociológico do ‘Eu’⁵⁶⁵, as ações litúrgicas transformam a própria existência humana em culto ao Pai, no Espírito Santo, onde o próprio Cristo é o protagonista desta transformação – desta ação salvadora. Devido a isso, pode-se afirmar que a liturgia será mais verdadeira e transformadora da realidade humana, quanto mais se tornar símbolo e gesto do contexto em que o ser humano está inserido.⁵⁶⁶

As ações litúrgicas são ‘encontros verdadeiros’⁵⁶⁷ com Cristo, transformadores da realidade,⁵⁶⁸ por isso são caminhos de superação de toda a superficialidade,⁵⁶⁹ consumismo,⁵⁷⁰ descarte,⁵⁷¹ fragilidade nas relações,⁵⁷² embotamento político,⁵⁷³ imediatismo⁵⁷⁴ etc. As ações litúrgicas carregam em si a presença de Cristo⁵⁷⁵ e o encontro com Ele, onde Ele, o único salvador,⁵⁷⁶ exerce o seu múnus sacerdotal⁵⁷⁷. O encontro que aí se dá é simbólico ritual da encarnação divina, se faz presente mediante palavras e sinais e transforma a vida. Sendo assim, o encontro torna presente, já, no aqui e no agora da história o Reino de Deus.⁵⁷⁸ Isto é, o encontro com Cristo nas suas diferentes formas de presença nas ações litúrgicas, no contexto da modernidade líquida é o caminho que supera todos os desafios, pois ele torna presente a realidade do Reino de Deus no Reino dos homens.

Assim, poder-se-ia fechar esta investigação fazendo uso das palavras do Papa Francisco, para dizer que a Liturgia – as ações litúrgicas – assim como “*a igreja está deveras viva se, formando um só ser vivente com Cristo, é portadora de vida, é materna, é missionária, sai ao encontro do próximo, solícita a servir sem perseguir poderes mundanos que a tornam*

⁵⁶⁵ “Eu” no sentido apresenta em BUBER, Martin. *Do Diálogo e Do Dialógico*. p. 146-147.

⁵⁶⁶ Cf. BOGAZ, A. S; HANSEN, J. H. Liturgia/Culto. in. PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 559.

⁵⁶⁷ Cf. DA 11.

⁵⁶⁸ Cf. EN 10; LG 48.

⁵⁶⁹ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Babel: entre a incerteza e a esperança*. p. 121.

⁵⁷⁰ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. p. 105-150.

⁵⁷¹ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. p. 28.

⁵⁷² Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. p. 13.

⁵⁷³ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. p. 210-250.

⁵⁷⁴ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?*. p. 165.

⁵⁷⁵ Cf. SC 7.

⁵⁷⁶ Cf. DH 40-41.

⁵⁷⁷ Cf. SC 7.

⁵⁷⁸ Cf. BOGAZ, A. S; HANSEN, J. H. Liturgia/Culto. in. PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 559.

estéril”⁵⁷⁹. Por isso, realizar o encontro com Cristo na ação litúrgica é contemplar neste encontro tudo aquilo que se deseja e espera ser.

⁵⁷⁹ Cf. PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes da 68ª semana litúrgica nacional*. Sala Paulo VI, Roma. 24 ago. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

Considerações finais

Para concluir esta dissertação, propõe-se, não uma conclusão como que fechada, que encerre o assunto, no sentido de findar o tema, mas, assim como toda a investigação aqui proposta não teve a intenção de esgotar o tema pesquisado, esta parte final, também, não pretende encerrar o objeto, mas, sim, propor uma conclusão aberta, que, ao mesmo tempo em que fecha a dissertação, indica alguns tópicos que lançam novos desafios.

É necessário mudar a realidade do mundo líquido moderno. Assim como em toda a história da salvação, nos tempos atuais o ser humano precisa encontrar-se com Deus e converter-se a Ele. É apenas este encontro dialógico dos homens e mulheres com seu Deus que provoca a mudança em si próprio, e em seguida das atitudes para consigo mesmo e para com o outro – seja este uma pessoa ou um outro ente da criação. É o encontro com Cristo, o único que leva ao Pai, e, por consequência, à vida nova que vem deste encontro, que extingue tudo o que é negativo na liquidez moderna atual.

Toda a vida atual é encontro, que, sendo atualizado em novos encontros, torna-se relação – relação é, então, a possibilidade de contemplar o encontro de modo atualizado. O encontro possui características próprias que o distinguem de outras formas de contato e, sendo ele um “face-a-face”, pode acontecer como “Eu-Tu ou “Eu-Isso”, onde as duas formas podem ser positivas ou negativas. Ele é reciprocidade, o Tu atua sobre o Eu assim como Eu atua sobre o Tu. Porém, embora a relação Eu-Isso possa ser frutuosa, o ser humano se torna o que é na relação com o Tu, pois é neste encontro que se realiza o Amor. Quando o ‘outro’ passa a ser um objeto, ele deixa de ser um Tu e passa a ser um Isso.

O ser humano não pode viver sem o Isso, mas aquele que vive somente com o Isso não é humano. Por isso é que uma cultura líquida moderna, que tem por característica derreter ‘os sólidos’ e no lugar destes, ao invés de outros sólidos, colocar outras formas derretidas até mais propensas ao derretimento e à inconstância, precisa ser superada. Por toda a vida ser encontro, hoje, como em toda a história, precisa-se olhar para o contexto onde o encontro se dá – o encontro acontece no mundo. Isto é, ele (o encontro) se dá ao mesmo tempo que em si, também dentro de um contexto.

O mundo líquido moderno individualiza o ser humano, faz com que a comunidade perca seu sentido original, provoca medo e relativiza a verdade. Essas características, também fruto de uma globalização que não carrega consigo fundamentos norteadores evangélicos, se

coadunam e proliferam em uma forma de vida capitalista onde o consumo é deus – para onde tudo converge. É apenas o encontro com Deus, que carrega em si a piedade Divina que circunda e protege, que é capaz de superar todos os desafios desta liquidez.

A fé é pressuposto básico para o encontro, vivificante, transformador, com Jesus Cristo na Liturgia. O encontro com Cristo na sua Igreja pode acontecer nas suas diferentes formas de presença nas ações litúrgicas – lembrando que Cristo não está mais presente em uma forma do que em outra, e que a Eucaristia é o lugar privilegiado de encontro com Ele porque para ela convergem todas as outras formas – pois Ele está presente: naquele que preside; nas Espécies Eucarísticas; nos sacramentos, quando estes são realizados; na palavra, quando esta é proclamada; e na comunidade reunida em seu nome.

O encontro com Cristo e a vida nova a partir Dele e Nele (no Seu Corpo) é o grande contributo da liturgia na superação dos desafios gerados à vida no mundo do consumo na cultura atual. A ação litúrgica bem celebrada é encontro-revelação de Deus ao ser humano, ao mesmo tempo em que leva este ser humano à profunda comunhão com Ele. Este encontro conduzido pela liturgia, quando leva em conta as capacidades dos participantes – com os devidos sinais e palavras – leva os homens e mulheres a compreenderem, vivenciarem, degustarem o sentido de comunidade, de fraternidade, de união e comunhão com os outros seres humanos e as coisas criadas.

O encontro com Cristo nas ações litúrgicas conduz o ser humano a um autoconhecimento cada vez maior, levando-o a dar-se conta de sua condição de grandeza ou pequenez – a verdade sobre si. Pelos gestos, palavras e acontecimentos contidos na liturgia, homens e mulheres encontram Jesus Cristo, e por Ele, o Pai no Espírito Santo, e adquirem a capacidade de mudar suas atitudes e, conseqüentemente, o mundo. Porém, mudar o mundo é também mudar a Igreja. O Concílio Vaticano II é esta mudança que inclusive se torna caminho de superação para os desafios do mundo moderno, “brilhando como foco de Luz”.

As mudanças provocadas pelo Vaticano II na Igreja são irreversíveis, mas encontram dificuldades que seguem diferentes formas de resistências: as abertas, que se tornam frutuosas por causa do diálogo sincero que promovem; as ocultas, que aparentemente aceitam o Concílio, mas que, na verdade, querem tudo igual a antes; e há, ainda, as malévolas, que refugiam-se nas tradições, nas aparências, nas formalidades, no conhecimento, ou reduzem tudo a uma questão pessoal.

Porém, é importante indicar algumas linhas a partir do que é proposto pelo Concílio Vaticano II, que são: a conversão pessoal – a verdadeira alma da mudança são os seres humanos, a mudança pessoal sustenta a comunitária; a conversão pastoral – é a imagem de Jesus Cristo Bom Pastor que se deve cultivar em todos os encontros verdadeiros; alegria da vida nova – é na missão de viver e anunciar Jesus Cristo, após o encontro, tendo Ele como centro da vida do ser humano, que toda e qualquer estrutura corrompida do mundo pode ser superada; e, de uma forma racional e funcional, ‘sem jogar a criança fora junto com a água suja do banho’, atualizar, modernizar, a igreja, para que tenha a capacidade de ler e escutar os sinais dos tempos, e com sobriedade e sustentabilidade viver a sinodalidade e a colegialidade vivificante respondendo às perguntas feitas pelo mundo líquido atual, ou seja, seus desafios.

Com espírito evangélico e uma longa caminhada vivencial e formativa, a Igreja, com o que lhe é próprio, sua catolicidade, dá um passo de discernimento com o Vaticano II, que, de forma gradual, vai cada vez mais sendo vivido. Entretanto, esse processo, que é fruto indispensável do discernimento que envolve processo histórico, observação de tempo e contextos, verificação, revisão, não pode cair no relativismo e na superficialidade do mundo líquido moderno e, assim, enfrentar resistências. É indispensável e definitiva a necessidade de converter-se para alcançar, de forma absoluta, a verdadeira reforma proposta pelo Vaticano II que supera os desafios do mundo líquido atual.

Alguns passos significativos dados, frutos do Vaticano II, que merecem aqui ser destacados, são: ressaltar o que compete ao leigo – laicato; olhar para cada povo no que lhe é próprio na sua cultura – inculturação; e, abrir-se à realidade dos jovens – a cultura do mundo líquido moderno influencia os jovens e os afasta do mundo do encontro. O primeiro item aqui proposto lembra que o mundo líquido moderno é o primeiro lugar da presença, atuação e missão dos cristãos leigos e leigas. Por isso, o encontro verdadeiro com Cristo nas ações litúrgicas leva o cristão, identificando-se com Ele, a edificar a comunidade e transformar o mundo líquido moderno – que só age pelo consumo – em verdadeira terra de encontro, iniciando já, agora, aqui, o Reino de Deus.

O mundo moderno não é visto de forma negativa pela Igreja, pois a Igreja é flexível diante de tudo que não esteja vinculado necessariamente à fé e ao bem de toda a comunidade, mas, sim, seus aspectos negativos que vão contra o que promove a vida plena. Por isso, inculturar-se não é só uma questão que abrange a cultura dos povos, mas também uma forma de vida em determinada época. A Igreja, assim como mantém a riqueza e os dons dos diversos

povos, também necessita inculturar-se no mundo moderno. Não para conformar-se a ele aceitando seus erros, mas transformando-o por dentro com os frutos do encontro com Cristo. Inculturar-se é palavra-chave para superar os desafios do mundo moderno. A liturgia deve assimilar e até promover o que é próprio do ser humano moderno, desde que esteja em harmonia com o modo de ser e o verdadeiro espírito litúrgico.

Por fim, traz-se a questão da mudança para uma cultura do encontro, pelo tocante que é próprio no renovar-se, a juventude. Na atualidade a Igreja precisa ser ‘extrovertida’, isto é, a Igreja precisa se esforçar em dialogar sem preclusões com a modernidade que avança, especialmente com o mundo das novas tecnologias, das quais é preciso reconhecer as potencialidades e orientar para a correta utilização, abarcando toda a cultura moderna em que os jovens estão inseridos. Não só a liturgia, mas a Igreja como um todo, tem o dever de estar em diálogo e em acolhimento, renovando-se e escutando, inculturando-se nas realidades modernas, para, assim, ser verdadeiro caminho de encontro para os jovens e para todo ser humano.

Termina-se aqui, esta dissertação com uma pergunta do estimado Papa Francisco que tanto defende a cultura do encontro e um verdadeiro mundo em diálogo: “*Queridos Jovens [...] cabe a vós a decisão de gritar, cabe a vós decidir-vos pelo Hosana do domingo para não cair no ‘crucifica-O’[...] se nós, idosos, silenciemos, se o mundo se cala e perde a alegria, pergunto-vos: vós gritareis? Por favor, decidi-vos antes que grem as pedras...*”⁵⁸⁰. A pergunta fica a todo ser humano: se ficará com a liquidez que degrada, ou se gritará por verdadeiros encontros?

⁵⁸⁰ PAPA FRANCISCO. *Homilia na Missa de Ramos*. Praça de São Pedro, 25 mar. de 2018. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2018/documents/papa-francesco_20180325_omelia-palme.html >. Acesso em: 02 mar. 2018.

Referências bibliográficas

Sagrada Escritura

BÍBLIA DE JERUSALEM. São Paulo. Paulus, 2004.

Livro Litúrgico

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Missal Romano*. São Paulo: Paulus, 2006. (MR).

Documentos

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola: Vozes: Paulinas: Ave-Maria: Paulus, 2006. (CIC).

CELAM. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe 13-31 de maio de 2007*. 8ª ed. São Paulo: Paulus, 2008. (DA).

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO (Codex Iuris Canonici), promulgado por João Paulo II. São Paulo: Loyola, 1994.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei verbum*. AAS 58. 1965. (DV).

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. AAS 57. 1965. (LG).

CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*. AAS 58. 1966. (GS).

CONCÍLIO VATICANO II. *Evangelii Nuntiandi*. AAS 68. 1975. (EN).

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia*. AAS 54. 1964. (SC).

CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Presbyterorum Ordinis*. AAS 58. 1966. (PO).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Doc. 105: Cristãos leigos e leigas na igreja e na sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2016. (Doc. CNBB 105).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*. Itaici, SP: Paulinas, 1999.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*. Brasília, DF: Edições CNBB, 2014. (Doc. CNBB 100).

PAPA BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis*. AAS 99. 2007. (SCa).

PAPA BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini*. AAS 102. 2010. (VD).

PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. Brasília, DF: Edições CNBB, 2013. (EG).

PAPA FRANCISCO. *Amores Laetitia: sobre o amor na família*. AAS 105. 2013. (AL).

PAPA FRANCISCO. *Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*. 2015. (LS).

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate*. 2018.

PAPA JOÃO PAULO II. *Veritatis Splendor*. AAS 85. 1993. (VS).

PAPA JOÃO PAULO II. *Vicesimus quintus annus*, AAS 81, 1988.

PAPA JOÃO PAULO II. *Encíclica Ecclesia de Eucharistia*. AAS 95. 2003. (EE).

PAPA JOÃO PAULO II. *Exortação Christifideles Laici*. AAS 81. 1988.

PAPA PAULO VI. *Carta Encíclica Mysterium Fidei*, AAS 57. 1965. (MF).

PAPA PAULO VI. *Carta encíclica Ecclesiam suam*. AAS 56. 1964. (ES).

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1994.

Dicionários

ALDAZÁBAL, José. *Vocabulário básico de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2013.

BERGER, Rupert. *Dicionário de Liturgia Pastoral*. São Paulo: Loyola, 2010.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário de teologia*. São Paulo: Loyola: Paulinas, 2014.

PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.

SANCHEZ, Wagner L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.

SARTORE, D. *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992.

Livros/Artigos/Estudos

ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE PROFESORES DE LITURGIA. *La presencia de Cristo em la Liturgia*. Bilbao, Espanha: Grafite Ediciones, 2004.

BARBAGLIO, Giuseppe. *Os Evangelhos*. São Paulo: Loyola, 1990.

BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?*. Rio de Janeiro: Zahar. 2011.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Babel: entre a incerteza e a esperança*. Rio de Janeiro: Zahar. 2016.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

- BAUMAN, Zygmunt. Teoría sociológica de la posmodernidad. in. *Espiral*, México, v. II, n. 5, p. 81-102, 1996
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vigilância líquida: diálogos com David Lyon*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BECKHAUSER, Alberto. *Os Sacramentos na Vida Diária: por uma espiritualidade sacramental*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BECKHAUSER, Alberto. *Sacrosanctum Concilium: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- BINGEMER, Maria Clara L. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2009.
- BITTAR, Eduardo C. B. O direito na pós-modernidade. in. *Revista Sequência*, v. 29, n. 57, p.131-152, 2008.
- BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- BOFF, Leonardo. *A Trindade a Sociedade e a Libertação*. São Paulo: Vozes, 1986.
- BOFF, Leonardo. *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.
- BOROBIO, Dionisio. *A celebração na igreja 1: liturgia e sacramentologia fundamental*. São Paulo, Loyola, 2002.
- BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- BUBER, Martin. *Do Diálogo e Do Dialógico*. São Paulo: Perspectiva S.A., 1982.
- BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro, 2001.
- BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004.
- CARRARA, Ozanan Vicente. A relação em Martin Buber. in. *Mimesis*. Bauru: v. 23, n. 1, p. 83, 2002.
- CARVALHO, Marine J. S; KOEHLER, Cristiane. O público e o privado nas redes sociais: algumas reflexões segundo Zygmunt Bauman. in. *Espaço Pedagógico*. Passo Fundo, v. 20, n. 2 p. 275-285, jul./dez. 2013.
- CHILDS, Brevard S. *Teología bíblica del Antiguo y del Nuevo Testamento*. Salamanca, ESP.: Sígueme, 2011.
- CONGAR, Yves. *O rio da vida corre no Oriente e no Ocidente*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- COSTA, Valeriano D. S. Liturgia em “tempos líquidos”. in. *Cultura teológica*. São Paulo: ano XXIV, n. 87, p. 82, 2016
- DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos Símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2007. (DH).
- FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. São Paulo: Loyola, 1992.
- FRAGOSO, Tiago O. Modernidade líquida e liberdade consumidora: o pensamento crítico de Zygmunt Bauman. *Perspectivas Sociais*. Pelotas, ano 1, n. 1, p. 109-124, mar/2011.
- GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. Trad. Francisco Taborda. São Paulo: Loyola, 2003.

- GODOY, Manoel. *Presbyterorum Ordinis: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- GOMES, Pedro Braga. A Filosofia do Relacionamento. in. *Revela*. Praia Grande, SP: v. 3, n. 6, p. 4, 2010.
- GORGULHO, Gilberto. *A justiça dos pobres: círculo bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1981.
- LOPES, Geraldo. *Dei verbum: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- LOPES, Geraldo. *Lumen Gentium: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- MARCONDES FILHO, Ciro. No diálogo com o outro, a crisálida pode tornar-se borboleta, a comunicação tem chance de acontecer: sobre Martin Buber. in. *Em Questão*. Porto Alegre, v.14, n.1, p. 100, jan./jun. 2008.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *O princípio da razão durante: diálogo, poder e interfaces sociais da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2011.
- MATEOS, Juan, S.J. *O Evangelho de São João: Análise linguística e comentário exegético*. São Paulo: Paulus, 1999.
- MEIRA, Danjone Regina. Diálogo e Religião em Martin Buber e Paul Tillich. in. *Revista Eletrônica Correlativo*. São Paulo, v. 12, n. 24, p. 146, 2013.
- PAPA FRANCISCO. *Por uma cultura do encontro*. L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 37 de 15 de setembro de 2016.
- PFEFFER, Renato Somberg. Martin Buber: eclipse de Deus e o Holocausto. in. *Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3, 2007.
- PFEFFER, Renato Somberg. Martin Buber e Emmanuel Lévinas: semelhanças e distanciamentos. in. *Caminhos*. Goiânia, v. 13, n. 1, p. 187, 2015.
- PIKAZA, Javier. *A teologia de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1978.
- PONTIFICIA UNIVERSIDAD JAVERIANA. *Memorias del Congreso: Interpelaciones del Papa Francisco a la Teología Hoy*. Bogotá, Colombia: Javeriana, 2017.
- RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1989.
- RAHNER, Karl. *Teologia e antropologia*. São Paulo: Paulinas, 1969.
- RUBIO, Afonso G. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristã*. São Paulo: Paulus, 2001.
- SCHILLEBEECKX, E. *Cristo, Sacramento do Encontro com Deus*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1968.
- SOUZA, Vitor Chaves. A Religião do encontro: a ética de Martin Buber. in. *Revista Theos*. Campinas: v. 6, n. 02, p. 5, 2011.
- TABORDA, Francisco. *A igreja e seus ministros*. São Paulo: Paulus, 2011.
- TABORDA, Francisco. *O Memorial da Páscoa do Senhor*. São Paulo: Loyola, 2009.
- TABORDA, Francisco. *Sacramentos, práxis e festa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Paulus, 2009.
- VASCONCELOS, Pedro Lima. *O Vaticano II e a leitura da Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2015.

VIANNA, José H. L. Entre a Oração e o Trabalho: o estudo de Psicologia no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro entre 1930 e 1950. in. *X Seminário de Psicologia e Senso Religioso*. PUC-PR, Curitiba, 2015. Resumo.

VIVIANO, Pauline A. Gênesis. in. BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. *Comentário Bíblico*. São Paulo: Loyola, 2010.

ZUBEN, Newton Aquiles von. A questão do inter-humano: uma releitura de Eu e Tu de Martin Buber. in. *Síntese*. Belo Horizonte, v. 35, n. 111, p. 103-104, 2008.

ZUBEN, Newton Aquiles von. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

ZUBEN, Newton Aquiles von. Tu Eterno e religiosidade no pensamento de Martin Buber. in. *Horizonte*. Belo Horizonte: v. 3, n. 38, p. 948, 2015.

Internet

BAUMAN, Zygmunt. *O dom de Francisco*. La Republica, 08 março 2017. Tradução de Moisés Sbardelotto. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/565619-o-dom-de-francisco-artigo-de-zygmunt-bauman> >. Acesso em 19 de mar. 2018.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Carta Placuit Deo*. Roma, 22 de fev. 2018. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20180222_placuit-deo_po.html >. Acesso em: 10 de mar. 2018. (PD).

DIPAOLA, Esteban. La producción imaginal de lo social: imágenes y estetización en las sociedades contemporáneas. in. *Cadernos Zygmunt Bauman*. Maranhão, v. 1, n. 1, p. 68-84, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/1587/1252>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

PAPA FRANCISCO. *Discurso ala delegazione di Comuni del Trentino*. Sala Clementina, Roma. 24 de mar. 2018. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2018/march/documents/papa-francesco_20180324_comuni-trentino.html >. Acesso em 24 de mar. 2018.

PAPA FRANCISCO. *Discurso a Cúria Romana de votos natalícios*, 22 dez. 2016. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/december/documents/papa-francesco_20161222_curia-romana.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes da 68ª semana litúrgica nacional*. Sala Paulo VI, Roma. 24 ago. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html >. Acesso em 22 de mar. 2018.

PAPA FRANCISCO. *Homilia: Missa do domingo do Bom Pastor*. Basílica São Pedro, Roma, mai, 2017. Disponível em: <http://pt.radiovaticana.va/news/2017/05/07/papa_aos_novos_sacerdotes_n%C3%A3o_senhor_mas_pastores_do_povo/1310628>. Acesso em: 28 jan. 2018.

PAPA FRANCISCO. *Homilia na Celebração Eucarística no encerramento do jubileu pelos 800 anos da confirmação da ordem dos pregadores*. Basílica de São João de Latrão, Roma,

21 de janeiro de 2017. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/documents/papa-francesco_20170121_omelia-domenicani.html. Acesso em 15 de mar. 2018.

PAPA FRANCISCO. *Homilia na Missa de Ramos*. Praça de São Pedro. 25 mar. de 2018. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2018/documents/papa-francesco_20180325_omelia-palme.html >. Acesso em: 02 mar. 2018.

PAPA FRANCISCO. *Homilia na Missa do III Domingo da quaresma*. Paróquia de Todos os Santos, Roma, 7 de mar. de 2015. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150307_omelia-parrocchia-ognissanti.html >. Acesso em 27 de mar. de 2018.

PAPA FRANCISCO. *Homilia. Santa Missa na solenidade de Corpus Christi*. Basílica de São João de Latrão. 30 maio de 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/francesco/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130530_omelia-corpus-domini_po.html em 04/06/2013>. Acesso em: 12 fev. 2018.

PAPA FRANCISCO. *Homilia. Santa Missa por ocasião do dia das confrarias e da piedade popular*. Praça de São Pedro. 5 maio de 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/francesco/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130505_omelia-confraternite_po.html em 21/05/2013 >. Acesso em: 01 mar. 2017.

PAPA FRANCISCO. *Sagrato della Chiesa di San Pio da Pietrelcina*. San Giovanni Rotondo, 17 marzo 2018. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/it/homilies/2018/documents/papa-francesco_20180317_omelia-sangiovannirotondo.html >. Acesso em 19 de mar. 2018.

SILVA, Otávio G. T; SANTOS, Guilherme F. Conceito de “modernidade líquida”: revisão teórica e implicações para a prática de vida. in. *Cadernos Zygmunt Bauman*. Maranhão, v. 3, n. 5, p. 40-61, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/1490/2555>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

VALPATO, Elaine C. F; MENEGATTI, Jonas D. *Construindo o direito na pós-modernidade: enfoque cienciométrico do contexto brasileiro recente*. in. *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*, n. 29, 2015. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/2015/03/direito.html>. Acesso em: 08 dez. 2017.